



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DINÂMICAS REGIONAIS E
DESENVOLVIMENTO – PGDREDES**

PAISAGENS DE REFERÊNCIA DO VALE DO RIO TRÊS FORQUILHAS

LUIZA MARTINS TRISCH

Tramandaí, RS
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DINÂMICAS REGIONAIS E
DESENVOLVIMENTO – PGDREDES**

PAISAGENS DE REFERÊNCIA DO VALE DO RIO TRÊS FORQUILHAS

LUIZA MARTINS TRISCH

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento - PGDREDES da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de mestra em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Ney Fett Júnior
Coorientadora: Prof. Dra. Lucimar de Fátima dos Santos Vieira

Tramandaí, RS
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Martins Trisch, Luiza
PAISAGENS DE REFERÊNCIA DO VALE DO RIO TRÊS
FORQUILHAS / Luiza Martins Trisch. -- 2022.
119 f.
Orientador: Ney Fett Júnior.

Coorientador: Lucimar de Fátima dos Santos Vieira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento, Tramandaí, BR-RS, 2022.

1. Paisagem. 2. Vale do Rio Três Forquilhas. I. Fett Júnior, Ney, orient. II. de Fátima dos Santos Vieira, Lucimar, coorient. III. Título.

LUIZA MARTINS TRISCH

PAISAGENS DE REFERÊNCIA DO VALE DO RIO TRÊS FORQUILHAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento - PGDEREDES da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de mestra em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Ney Fett Júnior

Coorientadora: Prof. Dra. Lucimar de Fátima dos Santos Vieira

Aprovada em: Tramandaí, 12 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o. Dr. Ney Fett Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^o. Dr. Olavo Ramalho Marques
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^o. Dr. João Paulo Schwerz
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Daniele Caron
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Do alto da Serra o Vale se estende!
Itati à direita – o sol da manhã;
Três Forquilhas à esquerda – o sol da tarde.
O rio dividindo – sol a pino, todo seu!
A paisagem perfeita num recanto fantástico,
Em ambos os lados altos morros – A Mata Atlântica.
Juçaras despontam, pássaros chilreiam.
Seculares figueiras deitam os galhos até o solo!
Do alto da Serra o Vale se estende!

Nilza Huyer Ely, Vale do Três Forquilhas, 2021.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, assim como a paisagem de Augustin Berque, se fez por marcas e matrizes, de pessoas matrizes que foram fundamentais na formação de quem eu sou e do caminho que me trouxe até aqui, e de pessoas marcas que fizeram desse trabalho possível, através da sua contribuição.

Enquanto matrizes primordiais da minha formação, tenho minha família. Agradeço aos meus avós, Anildo, Eva e Eny, e ao meu pai Rogério, por terem compartilhado comigo suas vivências no vale do Rio Três Forquilhas, despertando essa paixão pelo meu lugar. E a minha mãe, Lucione, que sempre foi exemplo incansável da busca pelo conhecimento, enquanto professora, dizia: “Cérebro parado atrofia!”, estimulando seus alunos – e eu era um deles – a seguir pensando; e enquanto mãe, pelo exemplo, estudando sempre e pelo financiamento estudantil.

Também foram matrizes neste processo os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense), que na dinâmica de planejamento urbano do ateliê de projetos, despertaram a minha vontade de planejar o lugar onde moro. Em especial, aqui agradeço ao professor Maurício Pamplona, arquiteto e geógrafo, que, no meu trabalho de conclusão, me deu suporte para enxergar o planejamento regional através da ótica de um planejamento de paisagem, em uma faculdade tecnicista que resumia paisagem a paisagismo.

Agradecer a professora Marlise Amália Reinehr Dal Forno, que em sua primeira aula no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) – Campus Litoral Norte, me fez chorar de emoção ao falar de paisagem, pois naquele momento reencontrei o meu lugar.

Enquanto marcas deste trabalho, agradeço primeiramente a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento, e em especial ao meu orientador, Ney Fett Júnior, e a minha coorientadora, Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, pelo suporte didático e emocional a cada momento, pela leitura dinâmica, pelos puxões de orelha e por esse trabalho, que é nosso. Assim como à secretária do curso, na pessoa da Ana, sempre muito atenciosa aos meus questionamentos, e ao geógrafo Jean Carlo Gessi Caneppele pela produção dos mapas.

Agradeço novamente a minha família, enquanto marca. A minha mãe, porque quando eu pensei em desistir ao descobrir a gestação disse: “Você não vai, nem que eu tenha que fazer por você!”. Ela não escreveu nenhuma linha do texto, mas está marcada em cada pedaço dele. Me acompanhou nas visitas de campo, para dar suporte com o José Pedro, meu filho, ainda lactente; ficou com ele inúmeras vezes para que eu pudesse realizar as entrevistas e escrever; e preparou a comida que eu queria enquanto eu estava estudando. Auxiliou nas transcrições das minhas 60 entrevistas. Da mesma forma, aos meus irmãos, José e Tomás, por também auxiliarem nas transcrições.

Agradeço a Janete, minha parceira do dia a dia, que me permitiu sair de casa tranquila, por saber que o meu filho, e todos os animais de estimação estariam bem cuidados. Por deixar tudo preparado para quando eu chegasse do trabalho e por me lembrar de descansar as vezes.

A minha psicóloga Carine Pedrotti, por ter me acompanhado durante todo o processo, com palavras de incentivo e direcionamentos para evitar a procrastinação diante da exaustão.

Ao meu esposo Pedro, por ter sido ignorado sem ressentimentos nos últimos dois meses, enquanto me dividi entre o nosso filho, o trabalho e a dissertação, por ter sido pai, e por também ter auxiliado nas transcrições.

Agradeço também aos entrevistados neste trabalho, pela disponibilidade, por terem me recebido em suas casas e compartilhado comigo suas histórias e suas vivências no vale.

Por fim, agradeço ao meu filho, que por muitas vezes foi o motivo para que eu quisesse desistir, na surpresa da descoberta, nas noites mal dormidas amamentando, pela vontade de me sentar no tapete e brincar, como se não tivesse que escrever. Todavia, também é o combustível para que eu persista, na esperança de dar o melhor que posso para ele, enquanto exemplo, como fizeram os meus pais, também enquanto suporte, a partir dos frutos do meu trabalho.

Certamente, estas pessoas foram as matrizes e são as marcas presentes em cada palavra escrita aqui, e a elas só posso dizer: Obrigada!

RESUMO

Essa dissertação tem por objetivo geral identificar e caracterizar as paisagens do vale do Rio Três Forquilhas, localizado na Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí, no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul. O trabalho se baseia em levantamento histórico e bibliográfico, assim como na realização de entrevistas com moradores do vale, buscando responder à pergunta: quais são as paisagens de referência para os moradores do vale do Rio Três Forquilhas? Além da análise da paisagem, buscou-se identificar as marcas e matrizes do vale, comparando com aquelas apresentadas em trabalho anterior, realizado no ano de 2007. Os resultados evidenciam que as noções de paisagem e natureza são muito semelhantes para os entrevistados, e não há clareza quanto à diferença entre paisagem e seus elementos por parte dos entrevistados, o que influenciou diretamente no apontamento das paisagens de referência. Com base na forma, foram identificadas quatro unidades de paisagem (corpos d'água, vales, Rota do Sol e urbana), que abrangeram os elementos citados pelos moradores. Por fim, de acordo com a Carta Brasileira da Paisagem, foram estabelecidas diretrizes para o planejamento turístico do vale, visando conservar ou preservar as paisagens de referência analisadas na pesquisa.

Palavras-chave: paisagem de referência; vale do Rio Três Forquilhas; análise sistêmica; Carta Brasileira da Paisagem.

ABSTRACT

This dissertation has the general objective of identifying and characterizing the landscapes of the Três Forquilhas River valley, located in the Tramandaí River Basin, on the North Coast of the State of Rio Grande do Sul. The work is based on a historical and bibliographical survey, as well as on interviews with residents of the valley, seeking to answer the question: what are the reference landscapes for the residents of the Três Forquilhas River valley? In addition to analyzing the landscape, an attempt was made to identify the marks and matrices of the valley, comparing them with those presented in a previous work, carried out in 2007. The results show that the notions of landscape and nature are very similar for the interviewees, and not there is clarity regarding the difference between landscape and its elements on the part of the interviewees, which directly influenced the appointment of reference landscapes. Based on shape, four landscape units were identified (bodies of water, valleys, Rota do Sol and urban), which covered the elements cited by residents. Finally, in accordance with the Brazilian Landscape Charter, guidelines were established for tourist planning in the valley, with a view to conserving or preserving the reference landscapes analyzed in the research.

Keywords: reference landscape; valley of the Três Forquilhas River; systemic analysis; Brazilian Landscape Charter.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Composição da paisagem e sua transformação, segundo Sauer (1998)...	20
Figura 2: Elementos importantes nas metodologias de análise da paisagem.....	22
Figura 3: Resumo da emancipação dos municípios da área de estudo.	27
Figura 4 : Localização da área de estudo.	28
Figura 5: Representação esquemática da distribuição das terras aos colonos alemães.....	31
Figura 6: Esboço da sede inicial da colônia alemã.....	32
Figura 7: Sede da antiga Colônia de Três Forquilhas a partir de 1852.	33
Figura 8: Embarcação entrando no Rio Três Forquilhas em direção ao porto.	34
Figura 9: Croqui da rota do transporte fluvial de Osório à Três Forquilhas.	35
Figura 10: Porto do Serafim Nunes instalado em Terra de Areia.	36
Figura 11: Operários trabalhando na encosta da Serra do Pinto em 1945.	37
Figura 12: Japoneses premiados na 2ª Exposição Agroindustrial em 1973.....	37
Figura 13: Área de cultivo na várzea do Rio Três Forquilhas, centro de Itati.	38
Figura 14: Unidades de paisagem identificadas por Vieira (2007).	43
Figura 15: Mapa de localização dos entrevistados.....	48
Figura 16: Organograma dos entrevistados.	49
Figura 17: Aspectos relevantes na noção de paisagem dos entrevistados.....	51
Figura 18: Mapa das paisagens de referência dos moradores do vale do Rio Três Forquilhas.....	57
Figura 19: Rio Três Forquilhas visto a partir da Ponte da Integração.	58
Figura 20: Pessoas se banhando no Rio Três Forquilhas em 1965.....	59
Figura 21: Vista da primeira ponte a partir da margem de Três Forquilhas.	60
Figura 22: Antiga barragem que existia no local da atual Ponte da Integração.	60
Figura 23: Ponte inaugurada em 1988.....	61
Figura 24: Ponte da Integração.....	61
Figura 25: Barragem do Edir Witt, em construção, no ano de 1978.....	62
Figura 26: Ponte Pênsil em 1996.	62
Figura 27: Vista de uma das cabeceiras da Ponte Pênsil.	63
Figura 28: Entorno da Ponte Pênsil.....	64
Figura 29: Barragem do Rio Depósito.	64
Figura 30: Retirada de seixos do leito do rio, próximo à Ponte da Integração.	65
Figura 31: Vista da Vila São Sebastião com a ponte pênsil.....	65
Figura 32: Vista da Igreja da Vila São Sebastião em 1996.	66
Figura 33: Vista da Igreja da Vila São Sebastião em 2022.	66
Figura 34: Arroio Três Pinheiros visto da Ponte do Barroso.....	67
Figura 35: Lajes aflorando no leito do Arroio Três Pinheiros.....	68
Figura 36: Cascata de Três Pinheiros.....	69
Figura 37: Cascata da Pedra Branca.	70
Figura 38: Foz do Rio Três Forquilhas na lagoa antes da construção da BR-101. ...	71
Figura 39: Margem da Lagoa Itapeva a partir do Bairro Olaria.	71
Figura 40: Foz do Rio Três Forquilhas a partir da BR-101:.....	72
Figura 41: Linha de alta tensão cruzando a margem da lagoa.....	73
Figura 42: Figueiras em direção à lagoa.	73
Figura 43: Figueiras na foz do rio à margem da Lagoa Itapeva com a BR-101.	74
Figura 44: Conformação entre morros e várzeas na sede da colônia alemã (1996).	Erro! Indicador não definido.
Figura 45: Conformação entre morros e várzeas na sede da colônia alemã (2022). 75	75

Figura 46: Fundo da Pedra Branca, visto da casa do entrevistado.	77
Figura 47: Fundo da Pedra Branca com neblina.	77
Figura 48: Morro do Chapéu visto a partir da Ilha.	78
Figura 49: Morro do Chapéu visto a partir do Fundo do Chapéu.	79
Figuras 50 e 51: Cascatas na Chapada dos Vagalumes.	80
Figura 52: Paisagem da Chapada dos Valin vista do Bairro Serraria.	81
Figura 53: Paisagem da foz do Rio Três Forquilhas vista da Chapada dos Valin.	81
Figura 54: Vista da Chapada do Sr. Neca para o vale.	82
Figura 55: Vista para o litoral a partir da Chapada do Sr. Neca, com atividades de lazer.	82
Figura 56: Banhados citados por E58.	83
Figura 57: Banhados drenados, segundo E33, e transformados em potreiros.	84
Figura 58: Furnas do Arroio do Padre.	84
Figura 59: Passarelas para fauna na REBIO Mata Paludosa.	85
Figura 60: “Túnel Verde” da REBIO.	86
Figura 61: Plantações de hortifrutigranjeiros na Ilha.	87
Figura 62: Vista da estrada da Ilha.	87
Figura 63: Potreiros na sede do município de Itati.	88
Figura 64: Escarpa rochosa da encosta na saída do Túnel da Reversão.	89
Figura 65: Vista parcial da Rota do Sol durante as obras de pavimentação.	90
Figura 66: Vista do estacionamento do Mirador Restaurante e Café.	91
Figura 67: Vista do Cânion do Arroio do Pinto a partir do mirante.	91
Figura 68: Vista parcial do vale do Rio Três Forquilhas a partir do Mirador.	92
Figura 69: Vista do Sítio da Figueira, com a casa enxaimel, o busto e a figueira.	93
Figura 70: Sítio da Figueira, com a parada de ônibus e a figueira.	93
Figura 71: Casa do Pastor Voges, construção original.	94
Figura 72: Casa do Pastor Voges na atualidade.	95
Figura 73: Fachada da Igreja IECLB.	96
Figura 74: Local do antigo porto, que deu nome à localidade.	96
Figura 75: Centro de Três Forquilhas, conhecido como Porto Alágio.	97
Figura 76: Casa de Pedra no passado.	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Qualificação dos entrevistados.....	114
Tabela 2: Paisagens do vale do Rio Três Forquilhas.	116

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	PAISAGEM	18
2.1	PAISAGEM SISTÊMICA.....	20
2.2	PAISAGEM PERCEPTIVA	22
2.3	A CARTA BRASILEIRA DA PAISAGEM	24
3	O VALE DO RIO TRÊS FORQUILHAS: SUA HISTÓRIA, SUA MEMÓRIA E SUAS PAISAGENS	27
3.1	A PAISAGEM DO VALE POR OUTROS OLHARES	39
4	PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS E METODOLÓGICOS	46
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS	51
5.1	O QUE É PAISAGEM?	51
5.2	AS PAISAGENS DE REFERÊNCIA SEGUNDO OS MORADORES	55
5.3	PAISAGENS: O REGISTRO HISTÓRICO E O RELATO	98
5.4	PAISAGENS DO PRESENTE	101
5.5	A MARCA E A MATRIZ	102
6	DAS DIRETRIZES PARA O FUTURO DAS PAISAGENS	104
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
	APÊNDICE	113
	APÊNDICE I	114
	APÊNDICE II	116
	ANEXOS	118
	ANEXO 1	119

1 INTRODUÇÃO

Localizado na transição entre o Planalto Meridional e a Planície Costeira, no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, o vale do Rio Três Forquilhas é formado pelo canal fluvial homônimo e seus afluentes, que levam as águas de suas nascentes até a Lagoa Itapeva. Além disso, esses cursos d'água descem mais de mil metros de desnível topográfico em poucos quilômetros, esculpindo o relevo da área.

O vale passou por diferentes períodos de ocupação e intervenções humanas ao longo do tempo, que contribuíram para a construção da sua paisagem atual, com destaque para os seguintes marcos: 1) foi habitado inicialmente por paleoíndios¹ (6.000 A.C.); 2) foi colonizado por alemães (1827); 3) a abertura da estrada que liga a Planície Costeira ao Planalto Meridional (hoje Rota do Sol) (1840); 4) recebeu os primeiros afro-brasileiros, na condição de escravizados (1845-1850); 5) foi construído o porto fluvial (Porto Alágio), permitindo a navegação até a capital do Estado (1890); 6) a construção da BR-101 possibilitou a conexão rodoviária com outras áreas (1940); 7) recebeu os primeiros imigrantes japoneses (1968); 8) foi iniciada a pavimentação da Rota do Sol (ERS-486) (1991); 9) foram criadas três Unidades de Conservação: a Área de Proteção Ambiental Rota do Sol, a Estação Ecológica Estadual Aratinga e a Reserva Biológica Estadual da Mata Paludosa, que abrangem partes do vale (1997-1998); e 10) passou a ser alvo de especulação imobiliária, direcionada a sítios de lazer (2007).

Cada um desses marcos implicou alterações na paisagem, como: 1) o desmatamento parcial do vale pelos colonos alemães para a prática da agricultura e pecuária de subsistência; 2) a retirada da vegetação e outras modificações nas encostas para a abertura de estradas, visando facilitar a comunicação e o transporte para outras áreas; 3) a regeneração da cobertura vegetal nos morros, observada por Vieira (2007), que coincide com a retomada dos cultivos agrícolas nas várzeas – trazida pelos imigrantes japoneses – aliada à criação de Unidades de Conservação no final da década de 1990; entre outras.

¹Relativo a ou indivíduo pertencente a um dos primeiros povos asiáticos que se estabeleceram no continente americano, no final do Pleistoceno. "**paleoíndios**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/paleo%C3%ADndio> [consultado em 12-08-2022].

Vieira (2007) também registrou um fenômeno recente – a criação de sítios de lazer – decorrente da facilidade de comunicação viária, com a conclusão da pavimentação da Rota do Sol e da duplicação da BR-101. Nesse contexto, tem início intensa especulação imobiliária no vale, com o surgimento de loteamentos irregulares, muitas vezes em áreas sensíveis e/ou de risco, como margens de canais fluviais, encostas e banhados.

Diante dessas mudanças, e considerando a Carta Brasileira da Paisagem (ABAP, 2010), na qual afirma-se que as paisagens devem ser reconhecidas a partir das comunidades locais e suas referências, dos seus elementos simbólicos e significativos, e que o respeito e o direito à paisagem são meios de garantia da cidadania e da sobrevivência das cidades, fica evidente a necessidade de valorização das paisagens importantes para os moradores locais, a fim de preservá-las/conservá-las, enquanto guardiãs de sua história, cultura e identidade.

Assim, a pergunta central dessa pesquisa é: quais são as paisagens de referência para os moradores do vale do Rio Três Forquilhas?

A escolha do recorte está claramente ligada à vivência da pesquisadora, cuja história pessoal se desenvolveu na área, pois nasceu e reside no local até hoje. Além disso, realizou estudos e publicações sobre o vale do Rio Três Forquilhas, relacionados à paisagem da Rota do Sol, no município de Itati, durante e após a graduação em Arquitetura.

A escolha do tema e da área de estudo auxiliou a viabilizar a execução do trabalho, por se tratar de local conhecido da pesquisadora, facilitando contatos presenciais e visitas de campo, sobretudo diante da situação de exceção colocada pela pandemia da COVID – 19.

A pesquisa tem como objetivo geral identificar e caracterizar as paisagens do vale do Rio Três Forquilhas. Os objetivos específicos do trabalho são: 1) compreender, por meio da história do vale, as transformações ocorridas na paisagem; 2) resgatar da memória dos moradores as paisagens de referência para eles; e 3) propor diretrizes que contribuam para orientar as atividades turísticas no vale do Rio Três Forquilhas.

A hipótese da pesquisa considera que as paisagens do passado e do presente identificadas pelos moradores do vale do Rio Três Forquilhas são importantes para preservar a história do local, assim como a identidade dos

moradores com o lugar, a fim de orientar o planejamento turístico da área de estudo.

O trabalho está estruturado nos seguintes capítulos: 1) introdução; 2) o conceito de paisagem; 3) a caracterização histórica e paisagística do vale do Rio Três Forquilhas; 4) a apresentação dos procedimentos operacionais e metodológicos utilizados na realização da pesquisa; 5) a análise e discussão dos dados; 6) a proposição de diretrizes para auxiliar na conservação e proteção das paisagens de referência identificadas pelos moradores entrevistados; e 7) considerações finais.

2 PAISAGEM

Considerando a complexidade da paisagem e a subjetividade de sua percepção, Verdum *et al.* (2012) colocam que é de extrema importância estudar a relação entre natureza e sociedade humana através dessa categoria de análise. Por se tratar de um conceito polissêmico, é capaz de abarcar as diferentes dimensões a serem compreendidas em uma estrutura complexa, pois a

paisagem é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza. Neste sentido, a paisagem mostra a história da população de um determinado lugar e que necessita sempre estar sendo discutida e registrada (VERDUM *et al.*, 2012, p. 73).

Vieira *et al.* (2018, p. 11) explica que a paisagem

[...] não possui apenas um significado, ela é polissêmica. Ela é complexa e dinâmica e se modifica conforme o local, a escala, o tempo e quem a percebe. Possui impressas as “marcas”, as emoções e as lembranças do passado. Ela é uma representação do real e, para ser analisada, precisa de um observador, de um conjunto de “objetos” a serem observados e da percepção desses objetos pelo observador, os fatores bióticos, abióticos e socioculturais se inter-relacionam e evoluem em conjunto. Pode ser alterada, mas não destruída. De qualidades subjetivas, porém medida e compreendida de forma objetiva. Ora como espaço físico, ora como referência a um cenário virtual, ora como identidade cultural, o conceito de paisagem, dependendo do enfoque que o pesquisador adota, possui outros significados. A sua dinâmica, refere-se não apenas às mudanças que ocorrem nos seus elementos físicos e biológicos, mas também nas diferentes formas de olhar e de perceber pelos diferentes grupos sociais ao longo do tempo. É a experiência do indivíduo evocativa de um passado (VIEIRA *et. al.*, 2018, p. 11).

Vieira *et al.* (2018, p.157) cita a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no seu artigo 216, que traz em seu texto a ideia de paisagens portadoras de referência, relacionadas a identidade, a ação e a memória dos grupos sociais.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988).

Segundo Vieira (2014) e Verdum *et al.* (2016), paisagens de referência são aquelas marcantes, valorizadas a partir das experiências vividas e que privilegiam certo grau de satisfação ao descrevê-las, além do sentido de pertencimento, que realmente determinam uma reação estética associada à memória das pessoas.

A metodologia para identificação das paisagens de referência citada pelos autores permite elaborar a expressão cartográfica das representações mentais da paisagem pelas comunidades de determinado lugar, onde constam os elementos da paisagem passíveis de serem identificados como de referência individual e/ou coletiva.

Verdum *et al.* (2012) apresentam três possibilidades de método de análise da paisagem: o descritivo, o sistêmico e o perceptivo.

A paisagem descritiva trata da descrição dos elementos e da discussão das formas de determinada paisagem, ficando restrita aos aspectos visíveis, ou seja, de sua morfologia. Este método não possibilita a análise aprofundada da paisagem e, por este motivo, não será utilizado neste trabalho.

A paisagem sistêmica “sugere o estudo da combinação dos elementos físicos, biológicos e sociais, um conjunto geográfico indissociável e uma interface entre o natural e o social, sendo uma análise em várias dimensões” (VERDUM *et al.*, 2012, p. 17).

Por fim, a paisagem perceptiva é concebida como uma marca e uma matriz. Enquanto marca, parte da descrição da paisagem “mas a explicação ultrapassa o campo do percebido, seja pela abstração, seja pela mudança de escala no espaço ou no tempo” (VERDUM *et al.*, 2012, p. 18). A matriz reflete o elemento cultural de determinadas sociedades humanas.

Apesar da diferenciação entre os métodos, todos eles salientam a importância da paisagem como categoria de análise, pela complexidade que pode ser englobada pela polissemia do conceito, capaz de reunir natureza, sociedade humana e os produtos de suas relações. Neste sentido, surgiu a Carta Brasileira da Paisagem, visando integrar os estudos da paisagem às mais diversas áreas, permitindo que seus trabalhos exerçam alguma influência nas paisagens, de modo a garantir sua preservação, enquanto marcas ou matrizes das sociedades humanas.

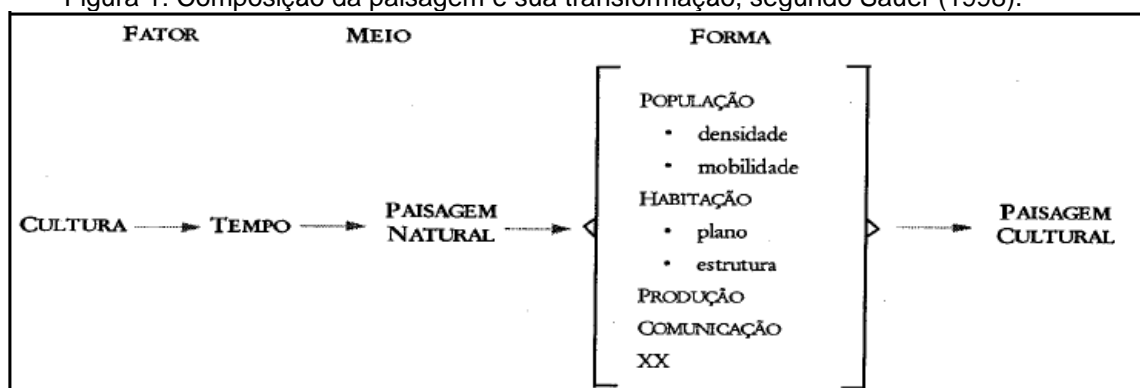
Diante disto, o item a seguir traz autores que conceituam a paisagem de forma sistêmica, como Sauer (1998), Santos (1988; 2020), Vieira (2007) e Verdum *et al.* (2012); e autores que tratam da paisagem perceptiva, como Berque (1984), Simmel (2009) e Santos (2014). Por fim, trata do conteúdo da Carta Brasileira da Paisagem (ABAP, 2010).

2.1 PAISAGEM SISTÊMICA

Para Sauer (1998), a metodologia de estudo da paisagem é empírica. O autor divide a composição da morfologia da paisagem em duas partes: o sítio, que trata da área física e é o somatório de todos os recursos naturais disponíveis; e a expressão cultural, que reflete a ação da sociedade sobre a área. Por meio da observação da morfologia, descreve-se uma ordem organizacional dos fatos.

Ainda nesta linha de pensamento, Sauer (1998) trata a paisagem como a integração das formas naturais e culturais, associadas ao tempo e à decorrência das relações no espaço, sendo constantemente mutável. Em seu esquema gráfico, Sauer (1998) expressa ainda que o resultado dessas relações é chamado de paisagem cultural. No entanto, cabe aqui questionar se existe meio que ainda apresente paisagem natural, ou seja, sem influência da forma, representada pelas relações sociais (Figura 1). Atualmente, toda paisagem parece refletir cultura. Assim, trataremos neste trabalho da paisagem por si só, não categorizando-a entre natural ou cultural.

Figura 1: Composição da paisagem e sua transformação, segundo Sauer (1998).



Fonte: Sauer (1998).

Sauer (1998) afirma que os objetos de determinada paisagem constituem uma só realidade, tendo **forma, estrutura e função**, sujeitas a um sistema que sempre é mutável. Este autor coloca como fatos da Geografia os fatos de lugar, e que sua associação é a própria paisagem, relacionando formas físicas e culturais em sua composição.

Santos (1988, p. 40) define paisagem como “o conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir os espaços”. Assim, a paisagem apresenta a história e a cultura através dos elementos que a compõem.

Santos (2020, p. 69) complementa a ideia de Sauer (1998), adicionando o **processo** ao conjunto **forma, função e estrutura** em sua metodologia de análise do espaço. O autor trata a paisagem como o retrato do espaço, o que se vê, direta e indiretamente. Em seu livro “Espaço e Método”, ele explana sobre tal metodologia, lembrando que é necessário que haja uma definição, ainda que grosso modo seja limitante, e caracteriza cada um destes aspectos, conforme segue.

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante de tempo. *Função*, de acordo com o *Dicionário Webster*, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. *Processo* pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança.

A *forma* pode ser imperfeitamente definida como uma estrutura técnica ou objeto responsável pela execução de determinada função. As formas são governadas pelo presente, e conquanto se costume ignorar o seu passado, este continua a ser parte integrante das formas. Estas surgiram dotadas de certos contornos e finalidades-funções.

Diante do exposto, torna-se evidente que a função está diretamente relacionada com sua forma; portanto, a função é a atividade elementar de que a forma se reveste. Esta última pode ou não abranger mais de uma função.

Pode-se expressar a forma como uma estrutura revelada. Sendo mais visível, ela é, aparentemente e até certo ponto, mais fácil de analisar que a estrutura. As formas ou artefatos de uma paisagem são resultado de processos passados ocorridos na estrutura subjacente. Todavia, divorciada da estrutura, a forma conduzirá a uma falsa análise: com efeito, formas semelhantes resultaram de situações passadas e presentes extremamente diversas. A refletir os diferentes tipos de estrutura, aí estão as diferentes formas reveladas – naturais e artificiais. Ambas estão sujeitas a evolução e, por esse meio, as formas naturais podem tornar-se sociais (SANTOS, 2020, p. 69-70).

Conforme Vieira (2007, p. 31), o conceito de paisagem deve ser tratado “[...] de forma integradora dos aspectos naturais e sociais, ou seja, paisagens que retratam o passado e o presente através das relações entre a sociedade e a natureza, em sua forma, em sua estrutura e em sua dinâmica”, corroborando as definições de Sauer (1998) e Santos (1988; 2014; 2020).

Para Verdum *et al.* (2012), os critérios para análise da paisagem são: **forma, função, estrutura e dinâmica**. Utilizados na caracterização de Unidades de Paisagem (UP), são definidos a seguir:

A **forma** é o aspecto visível de uma determinada paisagem, é referenciada por aspectos da paisagem que podem ser facilmente reconhecidos em campo, pelos registros fotográficos e pelo uso dos produtos do sensoriamento remoto (fotos aéreas e imagens de

satélite): o morfológico, a presença d'água, a cobertura vegetal e a ocupação das terras. Cada forma possui diferenças, tanto do ponto de vista de suas dinâmicas como, também, da possibilidade de apropriação e uso social, isto é, a sua função.

Sendo assim, a **função** pode ser compreendida pelas atividades que, de certa maneira, foram ou estão sendo desenvolvidas e que estão materializadas nas formas criadas socialmente (espaço construído, atividades agrícolas, atividades mineradoras...), e que também são reconhecidas em campo e pelos produtos do sensoriamento remoto, pelas diferenciações que apresentam em relação aos aspectos das unidades da paisagem, onde não ocorrem as diversas formas criadas socialmente.

A **estrutura** é outro critério que não pode ser dissociado da forma e da função, sendo esta reconhecida como a que revela os valores e as funções dos diversos objetos que foram concebidos em determinado momento histórico. Sendo assim, a estrutura revela a natureza social e econômica dos espaços construídos e, que de certa maneira, interfere nas dinâmicas da paisagem anteriores a essas intervenções sociais.

A **dinâmica** é a ação contínua que se desenvolve gerando diferenças entre as UPs, no que se refere aos resultados dessas dinâmicas, no tempo, na sua continuidade e na sua mudança. O tempo (geológico e histórico) revela o movimento do passado ao presente e este em direção ao futuro dessa paisagem. Neste caso, as dinâmicas de cada UP revelam para a sociedade significados que podem ser reconhecidos pelas formas e podem ser pensados em termos de intervenções que já foram realizadas, assim como aquelas que serão propostas. Neste sentido, é fundamental o reconhecimento das diversas dinâmicas em cada uma das UPs, assim como de que maneira estas estão diretamente conectadas (VERDUM *et. al.*, 2012, p. 18-19).

Figura 2: Elementos importantes nas metodologias de análise da paisagem.

Sauer (1998)	Santos (2020)	Verdum et al. (2012)
<ul style="list-style-type: none">• Forma• Função• Estrutura	<ul style="list-style-type: none">• Forma• Função• Estrutura• Processo	<ul style="list-style-type: none">• Forma• Função• Estrutura• Dinâmica

Fonte: Trisch (2022).

2.2 PAISAGEM PERCEPTIVA

Berque (1998, p. 84-85) traz uma ideia metodológica de paisagem perceptiva, bastante diferente da apresentada por Sauer (1998), Santos (1988; 2014; 2020) e Verdum *et al.* (2012). Essa metodologia é chamada de “Paisagem-marca e Paisagem-matriz”, atribuindo papel síncrono a paisagem, como transformadora e transformada.

A paisagem “é plurimodal (passiva-ativa-potencial etc.) como é plurimodal o sujeito para o qual a paisagem existe;(...) a paisagem e o sujeito são coo integrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e se autorreproduz (e, portanto, se transforma, porque há sempre interferências com o exterior)” (BERQUE, 1998, p. 86).

A explicação de Corrêa e Rosendahl (1998, p. 10) a respeito dos termos marca e matriz de Berque é simples e clara, dizendo que “a paisagem é uma marca, uma grafia, que o homem imprime na superfície terrestre. Esta marca reflete a natureza da sociedade que realiza a grafia. (...) as marcas constituem matrizes, isto é, condições para a existência e a ação humana.”.

Segundo Simmel (2009), a paisagem é como um fragmento percebido da natureza, onde cada indivíduo percebe aquilo que toca o seu espírito, a partir da sua trajetória.

Inúmeras vezes deambulamos pela natureza livre e avistamos, com os mais variados graus de atenção, árvores, cursos de água, prados e searas, colinas e casas e outras mil alterações da luz e das nuvens - mas, lá por atendermos a um pormenor ou contemplarmos isto ou aquilo, ainda não estamos conscientes de ver uma "paisagem". Pelo contrário, semelhante conteúdo particular do campo visual não há de acorrentar o nosso espírito. A nossa consciência, para além dos elementos, deve usufruir de uma totalidade nova, de algo uno, não ligado às suas significações particulares nem delas mecanicamente composto - só isso é a paisagem. Se não me engano, raramente nos demos conta de que ainda não há paisagem quando muitas e diversas coisas se encontram lado a lado numa parcela de solo e são diretamente contempladas. Tentarei, a partir de alguns dos seus pressupostos e das suas formas, interpretar o peculiar processo espiritual que, de tudo isso, compõe a paisagem (SIMMEL, 2009, p. 1).

Para este autor, há na percepção um ar de subjetividade. A forma como o indivíduo percebe e a estrutura que ele identifica na paisagem estão ligadas a algo que não é só externo. Segundo ele, o material que a natureza oferece enquanto todo, do qual a paisagem constitui um fragmento, é tão variado, que não há maneira de existir apenas uma forma de perceber a paisagem.

O material da paisagem, tal como a simples natureza fornece, é tão infundamente variado, tão mutável de caso para caso, que os pontos de vista e as formas, que glutinam estes elementos naquela unidade de impressão, serão igualmente muito variáveis (SIMMEL, 2009, p. 8).

Quando a unidade da existência natural se esforça, como acontece diante da paisagem, por nos enredar em si, revela-se como duplamente errônea a cisão entre um eu que vê e um eu que sente. Como seres humanos integrais, estamos perante a paisagem, natural ou artística, e o ato que para nós a suscita é, de forma imediata, contemplativo e afetivo, que só na reflexão ulterior se cinde nestas particularidades. Artista é tão-só aquele que realiza este ato plasmador do ver e do sentir com tal limpidez e força que absorve integralmente em si o material fornecido pela natureza e o recria como que a partir de si; enquanto nós, os outros, permanecemos mais atados a este material e, por isso, costumamos sempre perceber este ou aquele elemento particular, onde o artista efetivamente apenas vê e modela uma “paisagem” (SIMMEL, 2009, p. 17).

Santos (2014) complementa esta ideia, ao colocar que a paisagem pode ser percebida por todo o aparelho cognitivo e que esta apreensão é diversa, assim como a formação de cada indivíduo.

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso o aparelho cognitivo tem importância crucial nesta apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva-pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto e um artista veem, outros não podem ver ou fazem de maneira distinta. Isso também para profissionais com diferente formação e para o homem comum (SANTOS, 2014, p. 68).

2.3 A CARTA BRASILEIRA DA PAISAGEM

Ciente dos problemas que as paisagens brasileiras vêm enfrentando ao longo do tempo, e da necessidade de sua valorização, a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (ABAP) publicou em 2010 a Carta Brasileira da Paisagem, com 12 princípios que visam construir critérios e parâmetros para trabalhos que exerçam interferência na paisagem em âmbito nacional.

A carta trata a paisagem como um direito a ser assegurado a toda a população brasileira, considerando que as paisagens do Brasil devem ser reconhecidas a partir da individualidade de seus ecossistemas, enquanto parte integrante e interatuante. Também realça a importância das paisagens culturais brasileiras, assegurando o “reconhecimento e os valores éticos, estéticos, ambientais, ecológicos, econômicos e culturais da paisagem, em sua relação com as comunidades” (ABAP, 2010). Defende a incorporação dos estudos paisagísticos como procedimento padrão a anteceder planos, projetos e intervenções nos territórios e o reconhecimento do valor econômico das paisagens, incorporando os aspectos paisagísticos como parte do sistema produtivo. Ressalta a necessidade do reconhecimento das paisagens enquanto identidade das populações.

Além disso, a carta expressa que a qualidade ambiental e paisagística é um direito social, que valoriza a relação harmônica entre ser humano e natureza. Ressalta que a gestão da paisagem deve ser operacionalizada a partir de princípios sócio e físico-ambientais, a fim de determinar o grau e a direção de sua vulnerabilidade. Reforça a memória de que há necessidade da visão integrada para os projetos e políticas governamentais em todo o território nacional. Salaria a importância de intercâmbios paisagísticos com outros países

da América dentro de escalas de domínio morfoestrutural. Reforça a necessidade de reestruturação das paisagens urbanas, de forma a proporcionar novas dinâmicas e proteger jardins históricos. E, por fim, fala da necessidade de uma ordenação rural, que valorize as paisagens pioneiras, de forma que as atividades agro-silvi-pastoris e a conservação ambiental possam coexistir.

Entre os princípios da carta, se destacam seis, que têm relação direta com aspectos deste estudo:

1) “A realidade das áreas rurais e a necessidade de valorização de paisagens pioneiras” (ABAP, 2010): propõe integração entre as atividades agro-silvo-pastoris, a preservação ambiental e a valorização das paisagens locais;

2) “As relações entre a paisagem e a população: paisagens culturais brasileiras” (ABAP, 2010): propõe a valorização das marcas e valores das comunidades através da preservação de suas paisagens;

3) “A paisagem como instrumento de planificação do desenvolvimento sustentável do país” (ABAP, 2010): se refere à importância de incorporar os estudos das paisagens nos planos, programas e projetos dos municípios brasileiros;

4) “A necessidade da visão integrada para os projetos e políticas governamentais” (ABAP, 2010): traz a necessidade de planejamento integrado, no qual a gestão não se limite ao território, mas que possa considerar a paisagem como algo contínuo e indivisível;

5) “A paisagem e seu valor econômico para a sociedade brasileira” (ABAP, 2010): destaca a necessidade de incorporar as práticas dos moradores locais às paisagens, como a agricultura, mas também identificar o potencial de cada paisagem para o desenvolvimento de outras atividades econômicas compatíveis;

6) “A necessidade do respeito e da preservação de nossas paisagens” (ABAP, 2010): trata da necessidade de preservar as paisagens de referência para os moradores locais, de forma a assegurar também sua história e identidade.

A partir desta perspectiva, os capítulos que seguem devem trazer as paisagens de referência para os moradores do vale do Rio Três Forquilhas, apresentando suas formas, funções, estruturas e seus processos ou dinâmicas de transformação, por meio de sua história e memórias. Com base nos conceitos

de marca e matriz de Berque (1984), será relacionada a leitura feita nesta pesquisa às realizadas pelo estudo de Vieira (2007), apresentado também no próximo capítulo. Finalmente, as considerações feitas na Carta Brasileira da Paisagem devem ser lembradas na proposição de diretrizes para as paisagens do vale do Rio Três Forquilhas.

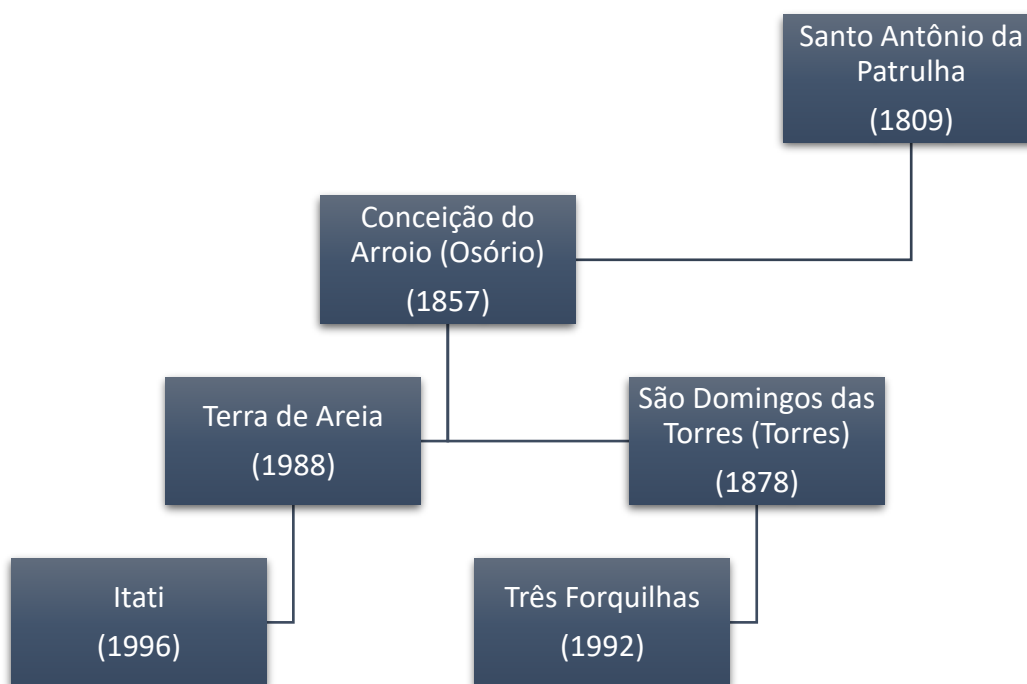
3 O VALE DO RIO TRÊS FORQUILHAS: SUA HISTÓRIA, SUA MEMÓRIA E SUAS PAISAGENS

Localizado na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, o vale do Rio Três Forquilhas faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí (Figura 4). Dista cerca de 160 km de Porto Alegre e está situado na borda do Planalto Meridional, na Zona Núcleo da Biosfera da Mata Atlântica (VIEIRA, 2007, p. 46).

A Bacia Hidrográfica do Rio Três Forquilhas é formada por uma série de pequenos vales, que levam os nomes de seus afluentes: Arroio do Pinto, Arroio Carvalho, Arroio Bananeiras, Arroio do Padre, Arroio Linha Bernardes, Arroio Três Pinheiros, Arroio Barreiros e Arroio do Retiro.

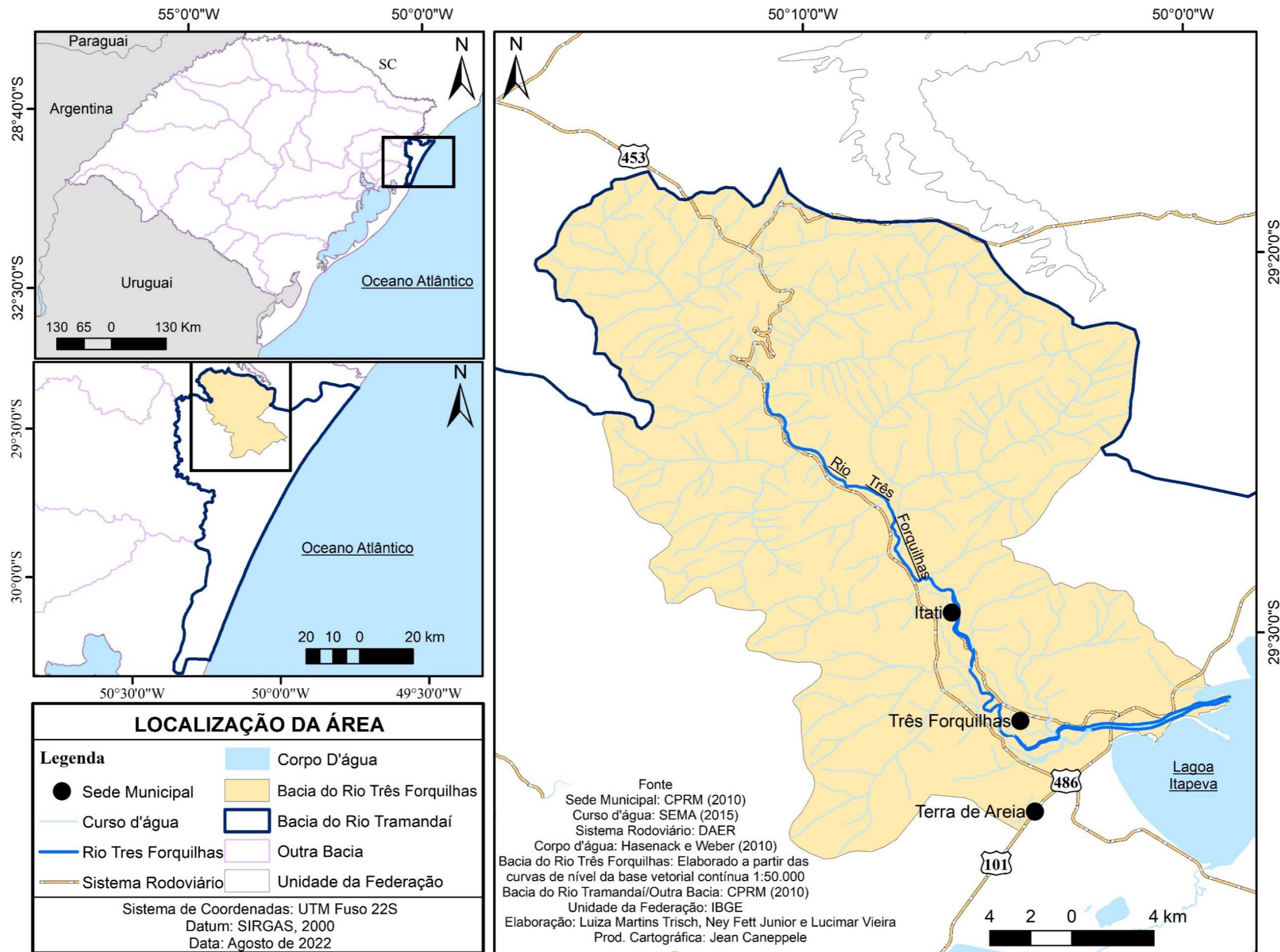
A bacia abrange parte dos municípios de Itati, Três Forquilhas e Terra de Areia, que se originaram administrativamente conforme a Figura 3.

Figura 3: Resumo da emancipação dos municípios da área de estudo.



Fonte: Trisch (2021).

Figura 4 : Localização da área de estudo.



Assim como em todo o território nacional, os primeiros habitantes do vale do Rio Três Forquilhas foram os paleoíndios. Segundo Schmitz (2012), existem registros dessas populações no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul desde 6.000 a.C. Divididos em pequenos grupos familiares, eles ocupavam desde a Planície Costeira até as encostas do Planalto Meridional. Para o autor, habitavam em abrigos rochosos, como o descoberto na localidade de Arroio do Padre no ano de 1986 (LIPERT, 1991).

Com base no registro da história contada, Matos (1999) traz a informação de que os indígenas do vale do Rio Três Forquilhas moravam em casas no fundo dos Três Pinheiros (localidade que ainda leva esse nome). Schmitz (2012) e Matos (1999) concordam que a chegada dos colonizadores europeus foi o motivador da inexistência de indígenas atualmente no vale, pois os conflitos pelas terras e pelos hábitos culturais² fizeram com que os indígenas fossem expulsos ou dizimados.

As primeiras observações da área de estudo foram registradas em 1821. Na época, o naturalista francês Auguste Saint-Hilaire (2002) descreveu a paisagem do vale. No percurso entre Torres e a Lagoa do Inácio, pertencente ao município de Osório, ele observou planícies úmidas, com relva amarelada (importante considerar aqui que sua observação foi em junho, durante o inverno) e grandes lagoas, além de uma grande cordilheira³ ao fundo, cujo topo abrigava um planalto. Segundo o autor, havia estâncias de criação de gado entre as lagoas e as praias, enquanto a margem oposta dos corpos lagunares era caracterizada por mata densa, com poucas choupanas, que produziam mandioca, milho e feijão, além de cana-de-açúcar, que era usada na fabricação de aguardente.

Sobre o Litoral Norte, Rambo (2015, p. 52-53) escreveu em 1942:

Na parte mais setentrional da costa rio-grandense, desde a Lagoa dos Barros e Tramandaí até a Barra do Mampituba, a estrutura geral da paisagem não é alterada: surgem, porém, três elementos novos que lhe influenciam decididamente a fisionomia. O primeiro são as numerosas lagoas marginais ao norte de Tramandaí e de Osório, que se concordam com as do Sul pelo paralelismo geral de sua disposição atrás de dunas móveis, delas diferem por sua forma, apresentando o

² Segundo Schmitz, os índios Kaingang que desciam a serra no verão deparavam-se com os milhos maduros dos colonos e, em seu hábito de coleta, os pegavam para sua alimentação.

³ Conforme o autor se referiu ao Planalto Meridional.

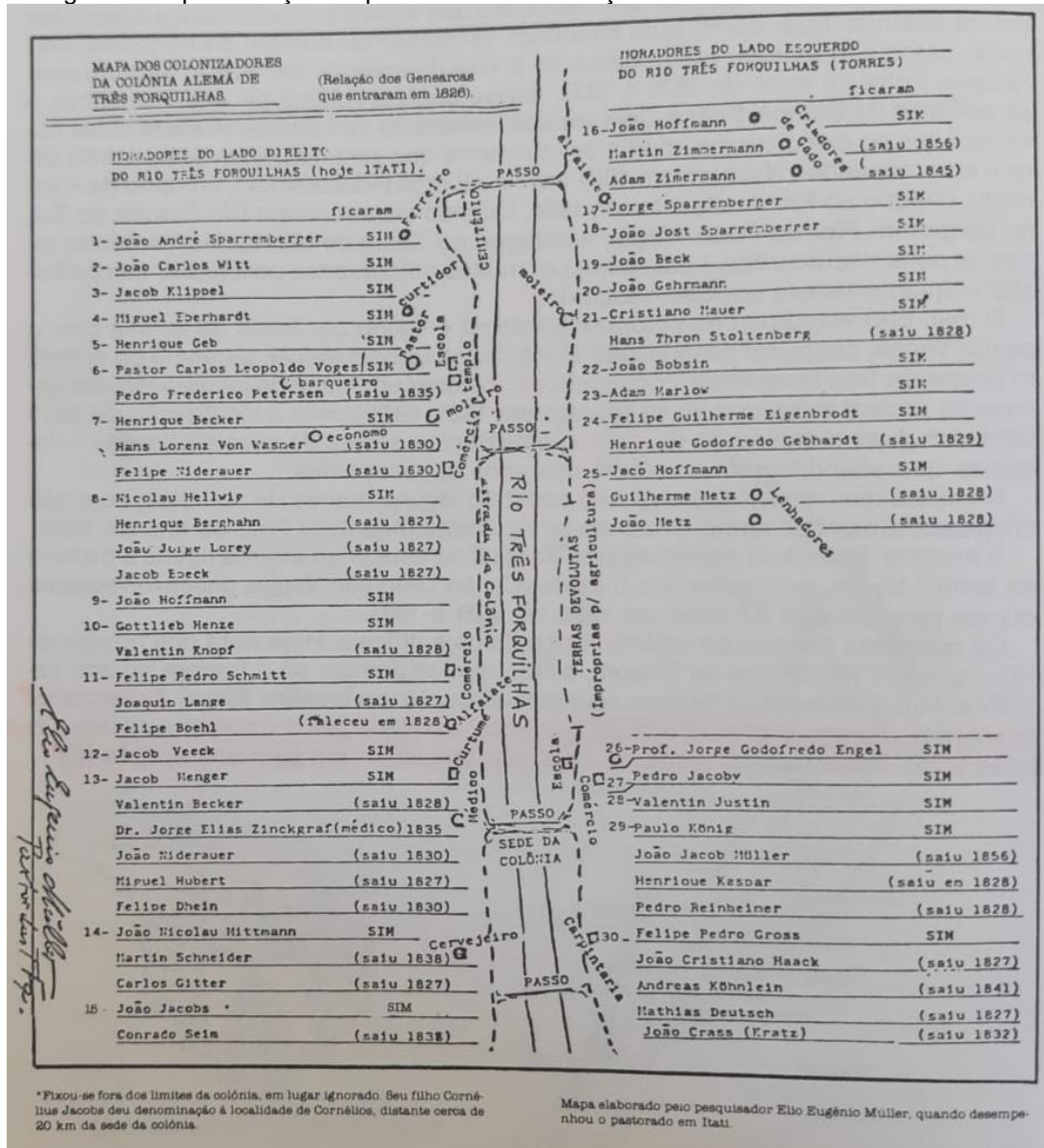
lado mais curto ao oceano, também as duas primeiras lagoas maiores internas, a dos Barros e a dos Quadros de circunferência mais arredondada, não deixam de participar desse fenômeno; só a Lagoa Itapeva conserva a forma das lagoas internas do sul. O segundo é a vegetação fortemente desenvolvida em mata seca, ou paludosa, devido à presença abundante de água estagnada, ao maior índice pluviométrico, à imigração de muitas espécies serranas e à proximidade das sociedades tropicais do litoral catarinense. O terceiro fator, o mais importante de todos é o talude do planalto: começando nas elevações areníticas ao sudoeste da Lagoa dos Barros, logo se recobre, em possança sempre crescente da capa eruptiva melafírica, com seus tabuleiros, chapadões, contrafortes, vales profundos, peraus de rocha cinzenta e paredões revestidos de flora rupestre. Como a descrição da escarpa do planalto rio-grandense faz parte de outro capítulo deste livro, aqui nos limitamos a mencionar seu influxo sobre o litoral. Resume-se em três pontos: na composição da flora, como já foi dito; no fornecimento de água abundante, decantada nas lagoas internas e escoada pela barra de Tramandaí; e, antes de tudo, na moldura característica desta paisagem litorânea.

Tão grande é o influxo da Serra Geral, que determina as paisagens parciais deste quadro: no sul, entre as lagoas dos Barros e dos Quadros, a escarpa é muito uniforme, sem acidentes notáveis, contrastando em sua linha reta com o painel movimentado das lagoas litorâneas; no meio entre as lagoas dos Quadros e Itapeva, os papéis se invertem, sendo a planície calma pela ausência de lagoas menores e a serra movimentada pelos profundos recortes dos rios Maquiné e Três Forquilhas; no norte, entre a Lagoa Itapeva e o Mampituba, a serra apresenta dois degraus: os abismos temerosos do horizonte se despenham em catadupas de morros sempre mais baixos e sempre mais próximos ao mar, produzindo a impressão de uma avalanche de montanhas, que afinal inundam a faixa arenosa, terminando por lançar oceano a dentro os seus postos mais avançados.

Segundo Pesavento (1985 *apud* VIEIRA, 2007, p. 68), a política imigratória que introduziu os imigrantes alemães ocorreu durante o Império, quando o Estado do Rio Grande do Sul ainda era chamado de Província do Rio Grande de São Pedro. Teve como objetivo “criar novas condições econômicas, políticas e sociais” para ocupar os espaços vazios da região que tinha poucas choupanas e mata densa, conforme descrito por Saint-Hilaire (2002), fortalecendo as fronteiras e criando uma nova classe social, além de escravizados e senhores de terra.

Ely (1999a, p. 178) coloca que a distribuição de terras aos alemães foi feita a partir do rio que deu nome ao vale (Figura 5), possivelmente aproveitando as estradas abertas pelo Cel. Francisco de Paula Soares (RUSCHEL, 2007). Desta forma, todos podiam se abastecer de água, ainda que não tivessem um poço.

Figura 5: Representação esquemática da distribuição das terras aos colonos alemães.



Fonte: Lipert (1991).

Segundo Barroso (1996), os colonos receberam ferramentas para o cultivo e auxílio do governo da província durante dois anos e que, no início, ainda que houvesse terra, não havia mudas ou sementes, o que obrigou os colonos a viverem da caça e da pesca, bem como da coleta de banana e mandioca, que eram consumidas pelos indígenas, e posteriormente cultivadas pelos imigrantes alemães.

Todavia, devido à ocorrência de muitas enchentes, os colonos foram obrigados a se mudar para as encostas, abandonando as terras férteis às margens do Rio Três Forquilhas. Segundo Barroso (1996), o pastor Voges relata que as primeiras colheitas deram ânimo aos colonos, que plantavam mandioca,

arroz, milho, feijão, batata, algodão, anil, chá, café, tabaco e cana-de-açúcar – esta última sua principal produção, a exemplo dos agricultores de Torres, Conceição de Arroio (hoje Osório) e Santo Antônio da Patrulha. A cana-de-açúcar impulsionou o surgimento de indústrias caseiras, voltadas à produção de cachaça e rapadura (BARROSO, 1996). Iniciava-se o processo de desmatamento das áreas dos morros para dar lugar aos cultivos.

Para o deslocamento até a capital, o embarque de pessoas e mercadorias ocorria na Lagoa Itapeva, para onde os agricultores conduziam seus produtos em carretas ou por navegação pelo Rio Três Forquilhas (ELY, 1999a, p. 178), e era realizado no Depósito dos Alemães⁴ (Figura 6), perto da foz do curso d'água (RUSCHEL, 2007, p. 452).

Figura 6: Esboço da sede inicial da colônia alemã.



Figura 12. Núcleos de ocupação no vale do rio Três Forquilhas em 1826.
Fonte: Müller, Elio E. Três Forquilhas: 1826-1899.

Fonte: Vieira (2007).

⁴ Nos dias atuais, ainda se denomina Rio Depósito o ponto de travessia que liga Terra de Areia a Três Forquilhas, agora por meio de barragem.

Ainda assim, Ruschel (2004) coloca que a maior parte do comércio era feita com os moradores do Planalto Meridional, e trocavam sua produção por charque, queijo e manteiga. Os produtos eram transportados no lombo de muares por meio de picadas às margens do Rio Três Forquilhas.

Em 1840, segundo Barroso (1996), a abertura da estrada que ligava Três Forquilhas ao planalto foi entendida como a “renascença”. No entanto, como os caminhos ainda eram difíceis, longos e sujeitos às intempéries, o comércio ainda era mais complicado do que nas outras colônias alemãs.

A partir de 1845/1850, segundo Witt (1999), os afro-brasileiros chegaram ao vale do Rio Três Forquilhas na condição de escravizados para trabalhar para os colonos, apesar da proibição por lei de que os imigrantes alemães tivessem escravos. Atualmente, há três núcleos da etnia no vale, onde se concentra a maior parte dos afro-brasileiros que ali vivem: Morro do Chapéu, Costa do Morro e São Sebastião.

No período pós-Revolução Farroupilha, em 1852, a colônia do vale do Rio Três Forquilhas mudou sua sede inicial para o local que atualmente corresponde à área urbana do município de Itati, com uma escola funcionando na casa do pastor Voges⁵, responsável pela paróquia na época (Figura 7).

Figura 7: Sede da antiga Colônia de Três Forquilhas a partir de 1852.



Fonte: Trisch (2022).

⁵ A Casa do Pastor Voges foi construída em 1850, no estilo enxaimel. Conforme Weimer (1999), a técnica adotada no Vale do Rio Três Forquilhas foi uma mistura das técnicas lusitana e germânica, gerando uma construção singular.

Em 1930, o comércio entre a colônia e o Planalto Meridional era tão intenso, que se instalou no vale do Rio Três Forquilhas a Inspetoria de Terras do Leste, com jurisdição no Litoral Norte e nos Campos de Cima da Serra⁶. A inspetoria era responsável por fazer os levantamentos e projetos necessários para a instalação da BR-59, hoje BR-101, e de uma rodovia que ligasse a planície costeira ao planalto. Também atuava na legitimação e titulação dos lotes dos colonos e, mais tarde, no controle dos produtos que eram comercializados na região (ELY, 2001).

No fim do século XIX, o Depósito dos Alemães foi substituído pelo Porto Alágio, como ainda é conhecido por alguns moradores. Este porto foi construído pela família Alágio, de origem italiana, que se estabeleceu no local e precisava escoar os produtos de sua olaria (Figura 8).

Figura 8: Embarcação entrando no Rio Três Forquilhas em direção ao porto.



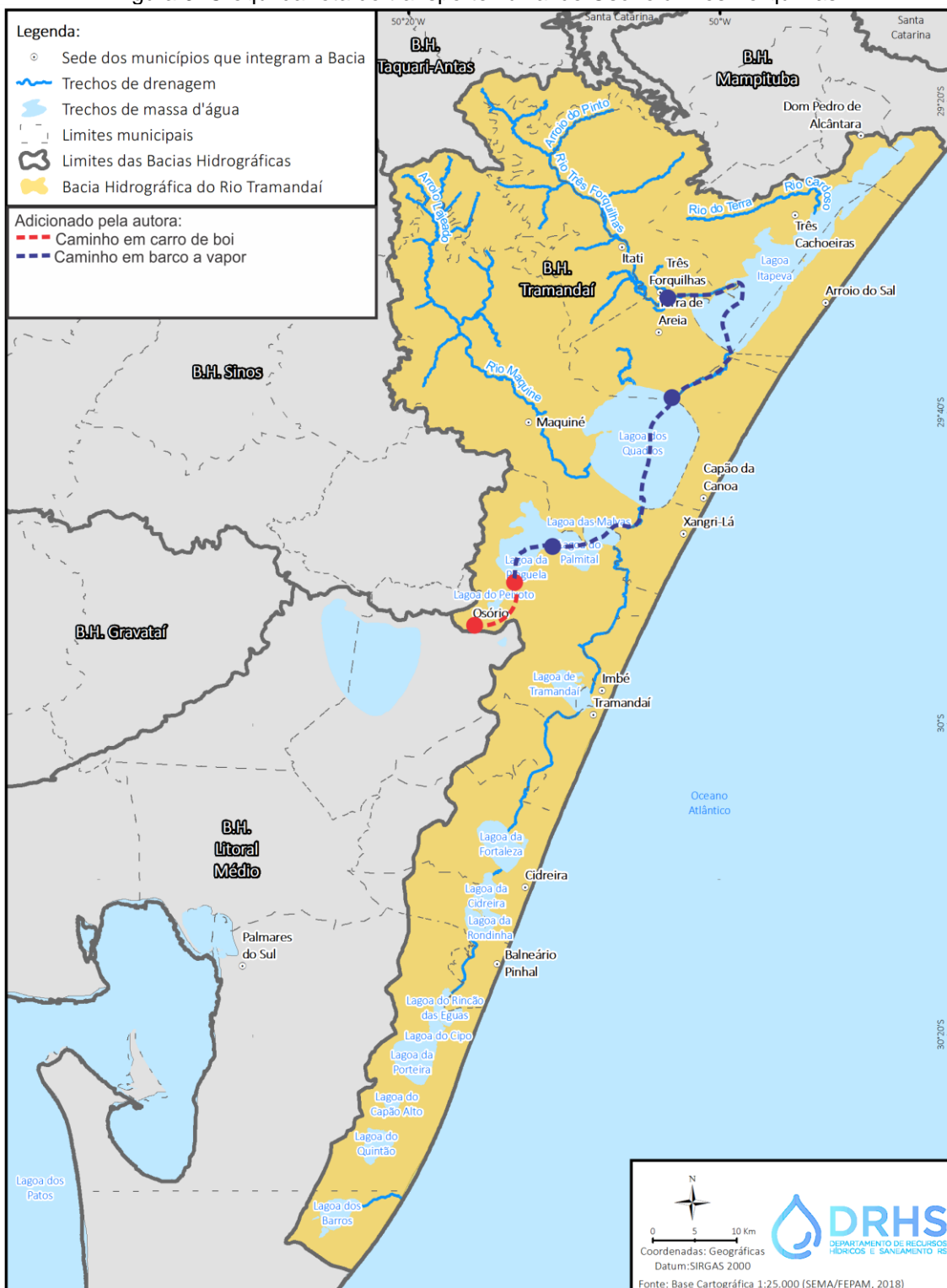
Fonte: Ely (1999b).

Segundo a “Memória das Torres”, de 1847, do ex-inspetor Francisco de Paula Soares – confirmada em 1859 pelo Relatório do Presidente da Província Joaquim Antão Fernandes Leão – as difíceis comunicações com a capital ocorriam por meio de barcos pelas lagoas Itapeva, Quadros, Malvas, Palmital e Pinguela, e seus sangradouros (Figura 9). Transferidas para carretas, à margem da Pinguela, as cargas seguiam diretamente até Porto Alegre, ou só até o Arroio

⁶ Como era chamado o Planalto.

Quilombo ou a barra do Capivari, onde eram reembarcadas em iates para Porto Alegre, via lagoas do Casamento e dos Patos (RUSCHEL, 2007, p. 452).

Figura 9: Croqui da rota de transporte fluvial de Osório à Três Forquilhas.



O Porto Alágio foi desativado com a abertura das vias rodoviárias em 1940, que passaram a ser o principal meio de escoamento da produção. No

entanto, mais tarde, Serafim Nunes (Figura 10) abriu um novo porto para transporte de mercadorias até Osório por via lacustre, dentro do vale do Rio Três Forquilhas, porém a partir de Terra de Areia.

Figura 10: Porto do Serafim Nunes instalado em Terra de Areia.



Fonte: Ely (1999b).

Segundo Lipert (1999, p. 68-69), a partir da abertura da BR-101⁷ e do início das obras da Rota do Sol⁸ (Figura 11), que liga o planalto ao litoral, no final da década de 1940, a região teria assumido papel mais importante na produção agrícola do Estado.

⁷ Concluída em 1954 e asfaltada entre 1963 e 1968.

⁸ Foi aberta na década de 1940, mas seu asfaltamento e traçado atual foram feitos entre 1991 e 2006.

Figura 11: Operários trabalhando na encosta da Serra do Pinto em 1945.



Fonte: Ely e Barroso (1999).

Conforme Matos (1999), entre 1933 e 1939 chegaram os poloneses à localidade de Três Pinheiros e, em 1942, os italianos, vindos de Barra do Ouro (em Maquiné) e Santo Antônio da Patrulha, respectivamente.

Em 1968, chegaram os primeiros japoneses (Figura 12) no vale do Rio Três Forquilhas, “atraídos pela oferta de empregos, maiores possibilidades de enriquecimento, disponibilidade de terras para o cultivo, este último, para eles, de maior importância” (TANAKA,1998, p. 267).

Figura 12: Japoneses premiados na 2ª Exposição Agroindustrial em 1973.



TADAO OUCHI e OTOZO SATO

Expositores premiados na 2ª Exposição Agro-Industrial promovida pela Comunidade Evangélica de Três Forquilhas. (vendo-se atrás deles o interventor municipal Coronel Carlos Fernando Dornelles de Azambuja, o Sr. Olívio Bobsin e o Sr. Ady Brehm), em 15.07.1973.

Fonte: Müller (1993).

Esse grupo chegou originalmente ao Brasil em 1957. Trabalharam em outros municípios do Estado do Rio Grande do Sul, até adquirirem, com ajuda do governo japonês, terras em Itati.

Visitaram pela primeira vez o Vale do Três Forquilhas. Todos ficaram maravilhados com a harmonia da paisagem local: o Rio Três Forquilhas, morros, serra e mar. Analisaram o clima, o solo, a atividade predominante do local, tudo estava favorável a eles, fazendo com que, no mesmo ano, todos adquirissem aqui terras disponíveis para compra (TANAKA, 1998, p. 268).

Conforme Tanaka (1998), os japoneses cultivam flores no município de Itati desde a década de 1980. Para Ely (2021), a vinda dos japoneses ao vale, com seus novos métodos de cultivo, foi determinante para a alteração da paisagem nas últimas décadas. Segundo a autora, foram eles que estimularam o cultivo das áreas de várzea – com hortifrutigranjeiros e, posteriormente, a produção de flores – resultando no conseqüente abandono das parcelas em morros (Figura 13).

Figura 13: Área de cultivo na várzea do Rio Três Forquilhas, centro de Itati.



Fonte: Trisch (2022).

Conforme Vieira (2007), no final da década de 1970, a chegada da energia elétrica nas áreas mais baixas, a dificuldade de acesso às escolas, a falta de transporte público e o envelhecimento da população foram fatores determinantes na migração das famílias para as áreas de planície.

Inicialmente habitado por indígenas, o vale foi ocupado sucessivamente por portugueses, afro-brasileiros, alemães, poloneses e, por fim, japoneses⁹. No entanto, em relação à ocupação do território, os núcleos étnicos podem ser facilmente identificados, conforme apontado nos relatos anteriores.

Além dos aspectos históricos e culturais que contribuíram para a formação da paisagem, o vale do Rio Três Forquilhas está localizado no núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (VIEIRA, 2007), com presença de três Unidades de Conservação: a Reserva Biológica Estadual da Mata Paludosa, criada em 1998 pelo decreto 38.972/98 (RIO GRANDE DO SUL, 1998); a Área de Proteção Ambiental da Rota do Sol, criada em 1997 pelo decreto 37.346/97 (RIO GRANDE DO SUL, 1997); e a Estação Ecológica da Aratinga, criada em 1997 pelo decreto 37.345/97 (RIO GRANDE DO SUL, 1997). A criação destas áreas pode ser considerada também um fator que contribuiu para a construção da paisagem atual do vale.

3.1 A PAISAGEM DO VALE POR OUTROS OLHARES

O primeiro trabalho sobre as paisagens do vale do Rio Três Forquilhas foi realizado por Vieira (2007), com foco naquelas relacionadas à Reserva Biológica Estadual da Mata Paludosa e áreas do entorno. Neste período, segundo a autora, a paisagem ainda se caracterizava principalmente pela produção agrícola.

A autora traz o relato de Cláudio Leal Domingos, que descreve a paisagem do município de Três Forquilhas:

O município de Três Forquilhas se caracteriza por vales, escarpas e morros isolados, exceto uma pequena área de planície às margens da Lagoa Itapeva e pelo planalto no distrito de Josaphat. A comunidade reconhece vários morros por nomes como: Morro do Chapéu, Morro do Capitão, Morro dos Prusch, Morro Quente e alguns vales como: do Chapéu, da Pedra Branca, do Fundo do Rio do Pinto e Fundo dos Baratas e dos Barreiros. O ponto mais elevado localiza-se no distrito de Josaphat com 1059 metros e o ponto mínimo com 6 a 9 m de

⁹ Ainda que a maioria da bibliografia trate da colonização alemã, também fizeram parte da construção do vale do Rio Três Forquilhas os afro-brasileiros e os japoneses, cuja história foi mais brevemente registrada, além de poloneses e portugueses, que são citados em meio aos demais – porém, não há materiais que tenham se dedicado a falar desses grupos de forma mais aprofundada ou individual.

altitude, próximo à sede do município (DOMINGOS, C. L., p. 15 *apud* VIEIRA, 2007).

Vieira (2007) classificou as paisagens da área do entorno da Reserva Biológica Estadual da Mata Paludosa a partir da utilização dos critérios forma, função, estrutura e dinâmica, dividindo-as em quatro diferentes unidades: Alta Encosta, Meia Encosta, Baixa Encosta e Planície Aluvial, caracterizados conforme a Figura 14. A partir das Unidades de Paisagem, a autora identificou a paisagem-marca e a paisagem-matriz.

Na Unidade de Paisagem da Alta Encosta, Vieira (2007) relatou regeneração da vegetação secundária devido à dificuldade de acesso para práticas agrícolas e à presença de drenagens naturais, assim como a prática agrícola apenas no vale do Arroio Bernardes. Quanto à geomorfologia, a autora colocou:

A **UP Alta Encosta** (cota de 550 m até 880 m de altitude) ocorre a partir da quebra do Topo e do Rebordo do Planalto, sendo caracterizada por vertentes com altas declividades até subverticais nos paredões rochosos e é constituído por rochas vulcânicas ácidas e por metais elúvio-coluvionares. Divide-se em duas unidades de terreno que são escarpas íngremes e cristas (NUMMER, 2003; VERDUM, 2006).

Nesta unidade encontramos os solos neossolo litólico eutrófico chernossólico (unidade Charrua) associado ao chernossolo argilúvico férrico típico (unidade Ciríaco). O solo neossolo litólico eutrófico chernossólico possui pequena espessura, com pedregosidade e afloramento de rochas, com baixa tolerância de perdas de solo por erosão hídrica (STREK, 2002, p. 41). O autor cita ainda que os solos localizados nas áreas com declividade menor de 15% podem ser cultivados mediante práticas intensivas de conservação, com mínima mobilização do solo; as declividades entre 15% e 30% devem ser utilizadas para reflorestamento ou fruticultura, intercaladas com plantas de cobertura e recuperadoras de solo e, áreas com declividade superior a 30% devem ser mantidas com cobertura vegetal natural, constituindo áreas de preservação permanente (APP). O solo chernossolo argilúvico férrico típico possui elevado teor de ferro ($\geq 18\%$) e é originado do basalto. Devido ao relevo ondulado a fortemente ondulado, dificulta a mecanização e exige práticas conservacionistas intensivas e uso com culturas anuais como a fruticultura, pastagem e reflorestamento (STREK, 2002, p. 32).

[...] Verdum (2006) e Silveira (2005) destacam esta paisagem pelos processos morfodinâmicos comuns de ocorrerem: os escorregamentos rotacionais e translacionais em função da dinâmica de abertura dos vales escarpados pela ação hídrica, como cicatrizes, num setor de pluviosidade expressiva no estado, com média acima de 2.000mm/ano e ocorrência de chuvas torrenciais. Nümmer (2003, p. 211) destaca a ocorrência principalmente de movimentos de massa do tipo deslizamentos (corrida de detritos) e queda de blocos (rockfall) que se iniciam na vertente côncava e normalmente migram por vertentes retilíneas ou plano-inclinadas até a base da encosta (VIEIRA, 2007, p. 89-90).

Silveira (2005, *apud* VIEIRA, 2007, p. 90) e Verdum (2006, *apud* VIEIRA, 2007, p. 90) destacam ainda a importância da Unidade de Paisagem de Alta Encosta, identificada pela autora para a preservação ambiental, pela presença significativa de remanescentes da Mata Atlântica, propiciada pela altitude, “pela exposição das vertentes [...] voltadas para o leste, coincidente com a entrada das correntes de ar úmido vindas do Oceano Atlântico e pelas condições lito-pedológicas que lhes sustentam” (VIEIRA, 2007, p. 90).

Em relação à Unidade de Paisagem Meia Encosta, a autora relatou também regeneração da vegetação secundária, assim como atividades de extrativismo vegetal, parcelas com pastagem, silvicultura, policultura e bananicultura. Segundo ela, as áreas de regeneração estão principalmente relacionadas a publicação do Decreto Federal nº 750/93 e da Lei nº 11.428/2006, que tratam do bioma Mata Atlântica, as quais proibiram o corte da vegetação secundária em estágio médio e avançado de regeneração, as práticas agrícolas, assim como o corte raso, a venda de madeira e sua posterior queima. Nesta unidade, Vieira (2007) identificou estabelecimentos de agricultura familiar de policultura para subsistência, nos vales dos arroios Três Pinheiros e do Padre, além da extração de samambaias como outra forma de obtenção de renda. Também reconheceu a utilização da terra para sítios de lazer nestes vales. Nos vales dos arroios Bernardes e Mittmann, descreveu práticas de pecuária e policultura. No que se refere a geomorfologia a autora escreveu:

A **UP Meia Encosta** desenvolve-se a partir da cota de 550 até 200 m de altitude e seu substrato é constituído por rochas vulcânicas básicas e material elúvio-coluvionar. Encontramos o maior número de canais fluviais de ordens 3ª, 4ª e 5ª. Dividida em suas unidades de relevo: morros alongados em patamares escalonados, morros isolados, rampas de colúvio, meandros encaixados, leques aluviais e cristas (NÜMMER, 2003). Nesta unidade encontram-se os mesmos solos da Alta Encosta.

Desenvolvida abaixo da encosta íngreme, esta unidade apresenta-se na forma de patamares escalonados com declividades entre 12° e 22° originados pelos diferentes derrames. Os movimentos de massa caracterizados pela dinâmica da abertura dos vales pela ação hídrica predominantes são os deslizamentos e os escorregamentos (VERDUM, 2006). [...] Nümmner (2003, p.191) cita ainda a presença de movimentos de massa do tipo queda de blocos (VIEIRA, 2007, p. 92).

Na Unidade de Paisagem da Baixa Encosta, Vieira (2007) identificou a presença de rampas de colúvio, morros isolados e leques aluviais, onde há o desenvolvimento da vegetação secundária em regeneração, assim como a policultura, a bananicultura e pastagens. Observou também

queimadas e corte de palmito durante as visitas a campo. Quanto à geomorfologia, a autora colocou:

A **UP Baixa Encosta** desenvolve-se na cota aproximada de 200 m até 40 m e o seu substrato é variado, pois até a cota de 60 m ocorrem derrames básicos intercalados com arenitos intertrápicos e, até a cota de aproximadamente 40 m, ocorrem os depósitos elúvio-coluvionares (NÜMMER, 2003, p. 198). Foram registradas as unidades de terreno: rampas de colúvio, morros isolados e leques aluviais. Nesta UP desenvolve-se o solo chernossolo argilúvico férrico típico associado ao neossolo litólico eutrófico chernossólico, descritos na UP Alta Encosta.

[...] Nesta UP se destacam os processos de rastejo e escorregamento rotacional [...], que podem ser desencadeados ou acelerados, tanto pelo uso da terra como pelos cortes efetuados quando da abertura de acessos rodoviários secundários e da estrada Rota do Sol – RS-486 (VERDUM, 2006) (VIEIRA, 2007, p. 96).

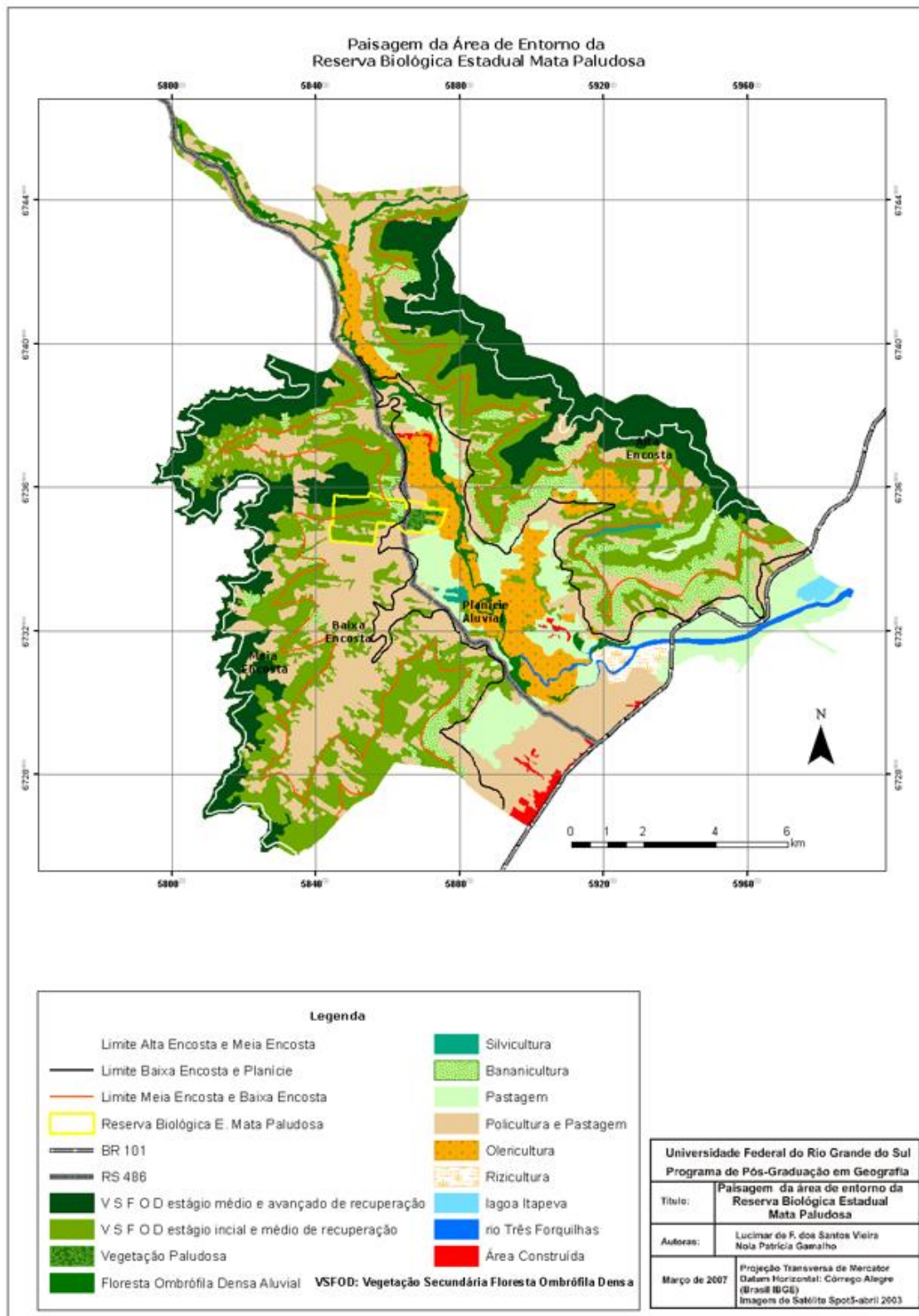
Por fim, na Unidade de Paisagem da Planície Aluvial, a autora relatou novamente a regeneração da vegetação, assim como a silvicultura, a olericultura, a rizicultura, o abacaxi, pastagens e produção de flores. No que se refere à geomorfologia, a autora escreveu:

A **UP Planície Aluvial** situa-se sobre depósitos de planície e canais aluviais, nas cotas de 12 à 15 m, havendo uma transição rápida para cotas de 20 m e daí subindo até cerca de 90 m. Os depósitos desta unidade são constituídos por camadas argilosas de cor preta, localmente impregnada por matéria orgânica, intercalados com barras arenosas e depósitos de seixos arredondados de composição vulcânica ácida e básica (NÜMMER, 2003 & FIGUEIRÓ, 1998). Figueiró (1998) afirma que na área localizada próxima ao exutório do rio Três Forquilhas encontram-se os depósitos deltaicos (na área urbana do município de Terra de Areia e na rodovia BR-101 sentido Terra de Areia a Três Cachoeiras) e depósitos marinhos praias parcialmente retrabalhados pelo vento, da Planície Costeira.

Os processos morfodinâmicos que ocorrem nesta UP estão relacionados às inundações, à erosão de margens e ao assoreamento do Rio Três Forquilhas e de seus afluentes [...].

Nesta UP se desenvolvem os solos chernossolo hálpico órtico típico (unidade Vila) e o neossolo quartzênico órtico típico (unidade Osório). O chernossolo hálpico órtico típico situa-se em relevo plano e suavemente ondulado, nas várzeas dos rios. Possui alto potencial para culturas anuais, mas com risco de inundações ocasionais. O neossolo quartzênico órtico típico desenvolve-se na Planície Costeira da área de entorno e é um solo de formação muito recente, com horizonte A assentado sobre sedimentos muito arenosos com baixo teor de argila ($\geq 15\%$), constituído por grãos soltos de quartzo. São solos bem drenados e constituem ambientes frágeis, altamente susceptíveis à erosão hídrica e eólica. Nas áreas de pastagem deve ser evitado o pastoreio excessivo, bem como o pisoteio, pois ambos afetam a cobertura vegetal. Esse solo possui aptidão para reflorestamento, fruticultura e o consórcio de plantas recuperadoras (STRECK, 2002, p. 33 e 41) (VIEIRA, 2007, p. 97-99).

Figura 14: Unidades de paisagem identificadas por Vieira (2007).



Fonte: Vieira (2007).

Vieira (2007) identificou também as paisagens marca e matriz do entorno da Reserva Biológica Estadual da Mata Paludosa.

Para a autora, a paisagem matriz da área estudada por ela é caracterizada pelas “unidades de paisagem da Alta Encosta, Média Encosta, Baixa Encosta e Planície Aluvial” (VIEIRA, 2007), também “por uma comunidade híbrida etnicamente, de hábitos de vida simples, com encantamentos pela beleza e rusticidade do lugar, de católicos e protestantes e com a esperança de que a Rota do sol traga prosperidade para o vale” (VIEIRA, 2007). Segundo ela, “a terra é vista como mercadoria para o lazer, produzir, sobreviver, morar ou simplesmente se reproduzir” (VIEIRA, 2007). Em sua conclusão parcial, havia indicado ainda a estrada (Rota do Sol) como um rio (Três Forquilhas e seus afluentes), e uma vegetação exuberante.

A paisagem marca, na opinião da autora “é da terra da cachaça, do açúcar mascavo, da banana, do tomate, das flores, do abacaxi e também do arroz” (VIEIRA, 2007), para o futuro a autora colocou que seriam marcas também “a da Rota do Sol, da Mata Atlântica, das Unidades de Conservação, da fauna e da flora ameaçadas de extinção” (VIEIRA, 2007).

A Rota do Sol se consolidou enquanto marca, sendo a principal referência do vale quanto a sua localização. Conforme Martins e Pamplona (2018), a Rota do Sol se configurou como a principal ligação entre o Planalto Meridional e a Planície Costeira no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul. No entanto, segundo os autores, a estrada fez com que a passagem pelo vale do Rio Três Forquilhas ficasse ainda mais rápida. Desta forma, estes autores entenderam que o fluxo de pessoas proporcionado pela via deveria ser convidado a conhecer o vale através das conexões da paisagem deste com a própria via, relacionando a passagem dos transeuntes à percepção da paisagem local.

Em sua pesquisa, Vieira (2007) trouxe como um dos resultados a identificação de sítios de lazer, conforme já citados na descrição da Unidade de Paisagem Meia Encosta, sobre os quais relatou:

Os sítios são estabelecimentos com a função de moradia permanente ou eventual, lazer e turismo, embora em alguns casos, verificou-se uma pequena atividade agrícola como prática de lazer. Os proprietários possuem outra atividade profissional, fora dali, como fonte de renda. A procura por estes estabelecimentos tem aumentado, principalmente por parte de aposentados de outros município maiores como Caxias do Sul e região metropolitana de Porto Alegre. A preferência pelos sítios é mais acentuada nos vales dos arroios Três Pinheiros, do Padre, Bernarndes e na Costa do Rio (VIEIRA, 2007).

Atualmente, os sítios continuam se expandindo pelo vale do Rio Três Forquilhas, principalmente nas áreas mencionadas por Vieira (2007). Há também muitas pessoas de cidades mais próximas, como Capão da Canoa, que inclusive moram no vale e vão para seus municípios de origem para trabalhar diariamente. Outras ainda o utilizam como segunda residência durante o período de veraneio, possibilitando o aluguel de suas residências para os veranistas.

Vieira (2007) também relatou que a população local¹⁰ se sentia insatisfeita com relação às penalidades ambientais, por não poder mais realizar queimadas e por ser multada ao “limpar” a terra para o plantio. Os entrevistados pediam maior integração por parte dos órgãos com a comunidade, para que fosse possível produzir e conservar concomitantemente.

A partir do levantamento bibliográfico sobre a dinâmica das ocupações e intervenções humanas no vale do Rio Três Forquilhas, assim como das leituras realizadas por outros pesquisadores na área de estudo, se pôde dar embasamento teórico para a pesquisa de campo, cujos procedimentos metodológicos são explicitados a seguir.

¹⁰ Destaca-se que suas entrevistas foram realizadas em grande parte com agricultores locais.

4 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS E METODOLÓGICOS

A pesquisa se baseou inicialmente em investigações bibliográficas e documentais sobre a dinâmica das ocupações e intervenções humanas no vale do Rio Três Forquilhas. Em seguida, foi realizado trabalho de campo, com aplicação de entrevistas, levantamento fotográfico – *in loco* ou por acervo de entrevistados ou arquivos públicos – e, por fim, a tabulação e análise dos dados coletados.

A metodologia se fundamenta naquela elaborada por Verdum *et al.* (2012), dentro da perspectiva de análise sistêmica da paisagem, apresentada no artigo “*Percepção da paisagem na instalação de aerogeradores no Rio Grande do Sul*”, com as seguintes etapas:

- a) **Levantamento bibliográfico** sobre os métodos relativos ao estudo da paisagem, através da abordagem da paisagem perceptiva;
- b) Levantamento bibliográfico e visual sobre estudos relativos à implantação de aerogeradores no mundo e à adoção de métodos de avaliação dos indicadores de percepção em face de sua instalação;
- c) **Elaboração do instrumento de pesquisa** para a definição de indicadores de percepção da paisagem;
- d) **Aplicação do instrumento de pesquisa**, junto à população fixa (rural e urbana) e flutuante (turistas), nos municípios de Pinheiro Machado, Santana do Livramento, Giruá, São Francisco de Paula, Osório, Tramandaí e Imbé;
- e) **Análise e estruturação dos resultados.** (VERDUM *et al.*, 2012).

Neste sentido, a pesquisa foi estruturada nas seguintes etapas: 1) levantamento bibliográfico histórico; 2) levantamento bibliográfico sobre os métodos de estudo da paisagem; 3) elaboração do instrumento de pesquisa a partir de Verdum *et al.* (2012); 4) aplicação do instrumento de pesquisa com os moradores do vale; e 5) análise e estruturação dos resultados.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em material obtido na Biblioteca Pública Municipal de Três Forquilhas e no Arquivo Municipal de Osório, assim como acervos de outros pesquisadores. Tal levantamento auxiliou na compreensão da organização socioespacial constituída na área de estudo, na observação de campo do recorte e no entendimento das respostas dos entrevistados no tempo e no espaço.

A fim de responder à questão central do trabalho, foi feita pesquisa de campo por meio de entrevistas, para as quais são necessárias duas definições

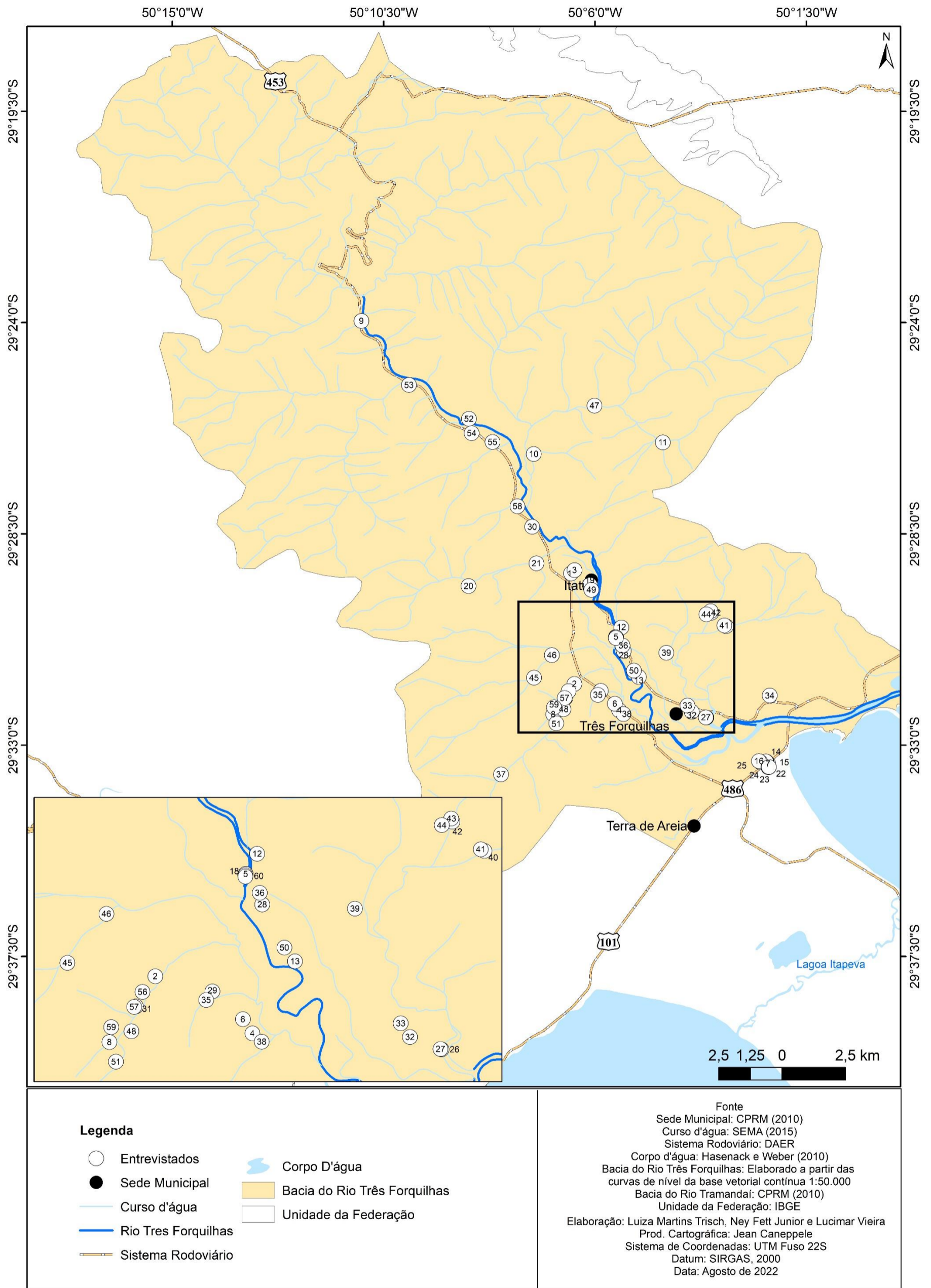
principais: 1) quais as perguntas a fazer; e 2) quem serão os entrevistados (BAUER E GASKELL, 2002). Segundo esses autores, o número de entrevistados em uma pesquisa de base qualitativa é menos relevante do que as informações prestadas.

Desta forma, para o escopo da entrevista e a definição das perguntas, adaptou-se o questionário (Anexo I) elaborado por Verdum *et al.* (2012) para a realização da pesquisa anteriormente mencionada. As questões têm ênfase sobre o significado de paisagem, a identificação das paisagens de referência, suas características, sua quantificação (nota atribuída para cada paisagem identificada), suas alterações no tempo e ideias de transformação da paisagem para o futuro.

A definição dos entrevistados levou em consideração o fato de a autora residir no vale do Rio Três Forquilhas e conhecer algumas pessoas. Foram selecionados moradores de diversas localidades, que residiram por toda a vida, ou vieram morar muito cedo, na área de estudo, e que eram bem conhecidos pelos demais. Além disso, a amostra selecionada buscou englobar as etnias presentes no levantamento bibliográfico sobre a história do vale, a fim de garantir a representatividade dos grupos, evitando que a pesquisa se tornasse tendenciosa.

Verificou-se também que era necessário avançar em locais onde a autora não tinha contatos. Assim, optou-se por utilizar a técnica *bola de neve* com os nomes inicialmente selecionados. Vinuto (2014) descreve este tipo de amostragem como não probabilística, que utiliza cadeias de referência. A técnica consiste em pessoas pré-selecionadas por alguma característica, denominadas *sementes*, que vão indicando os demais entrevistados. Pode ser adotada a indicação de um só entrevistado, caracterizando amostra linear, ou de mais de um, constituindo amostra exponencial. O mapa a seguir mostra a distribuição espacial dos entrevistados (Figura 15).

Figura 15: Mapa de localização dos entrevistados.



Assim, foram realizadas 60 entrevistas, a partir de 27 sementes, conforme representado na (Figura 16). Alguns entrevistados não fizeram indicações, e outros indicaram mais de um, configurando amostras exponenciais. Para preservar a identidade das pessoas, os entrevistados serão identificados neste trabalho com a letra “E”, seguida do número de ordem de sua entrevista.

Figura 16: Organograma dos entrevistados.



Fonte: Trisch (2022).

Para análise dos dados coletados, utilizou-se a metodologia elaborada por Verdum *et al.* (2012), na qual a percepção do questionário foi dividida em dois níveis de análise: 1) observação e diferenciação da paisagem; e 2) escala temporal.

O nível de observação e diferenciação da paisagem busca compreender a visão do indivíduo com base em sua noção de paisagem e suas referências. Neste nível, foi possível compreender a noção de paisagem dos entrevistados, as formas e funções e estruturas por eles identificadas e atribuídas às suas paisagens de referência.

O nível de escala temporal visa entender a percepção do entrevistado através do tempo histórico, onde, segundo Verdum *et al.* (2012), “uma paisagem passa a fazer parte da identidade individual e coletiva em torno de 25 anos (uma geração)”. As questões relacionadas ao tempo histórico deram ênfase à dinâmica de transformação das paisagens.

Como resultado da aplicação da metodologia proposta por Verdum *et al.* (2012), pode-se responder à questão central do trabalho a partir da perspectiva dos moradores do vale do Rio Três Forquilhas.

Por fim, para cumprir o objetivo específico de proposição de diretrizes que possam orientar as atividades turísticas no vale do Rio Três Forquilhas, foi utilizada como estratégia de planejamento o procedimento de elaboração de planos, programas e projetos, intrínseco à formação do arquiteto – graduação da pesquisadora – no qual o ato de projetar parte de conjunto de necessidades estabelecido pelo cliente. Neste caso, o planejamento se deu a partir da perspectiva de futuro apresentada pelos interlocutores, assim como pelos princípios dispostos na Carta Brasileira da Paisagem (ABAP, 2010).

Elucidados os procedimentos operacionais e metodológicos, o próximo capítulo trata da execução da pesquisa no que se refere à análise dos dados coletados.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo apresenta os dados coletados nas entrevistas e suas análises a partir da metodologia de Verдум *et al.* (2012). Primeiramente, trata da noção de paisagem e suas referências – nível de observação e diferenciação. Em relação à escala temporal, traz a descrição das paisagens do passado e do presente. Por fim, com base na escala sensorial dada pelo questionário, elenca as paisagens de referência dos entrevistados e analisa seus relatos, considerando o levantamento feito no Capítulo 3.

5.1 O QUE É PAISAGEM?

A primeira questão da entrevista, “O que é paisagem?”, tem por objetivo conhecer o que os entrevistados entendem por paisagem. Tal compreensão é fundamental para analisar, posteriormente, suas respostas em relação às paisagens de referência. Nas noções de paisagem dadas pelos entrevistados, destacam-se os sentidos, a estética, a temporalidade, a presença dos aspectos humanos e os elementos da natureza (Figura 17).

Figura 17: Aspectos relevantes na noção de paisagem dos entrevistados.



Fonte: Trisch (2022).

De acordo com as definições de paisagem indicadas pelos entrevistados, pode-se perceber a forte relação dessa noção com o de natureza e seus elementos, como rios, morros, lagoas, cascatas, figueiras, ingás, águas, matas, entre outros. Essa observação é evidente na fala de E49 “Paisagem para mim é

uma vida natural. Eu amo muito. Em poucas palavras, muitas palavras, eu não sei dizer, mas a paisagem pra mim é a natureza, é completa” (E49, 2022), e nas falas de E29 e E36:

“Para mim, paisagem é uma beleza da natureza. Que nem o nosso açude aqui, que nem as nossas paineira, meu Deus, paisagens. Nossos canto aqui que tem as vacas, os cavalos, nossos morros, tudo isso aqui é paisagem pra mim. É maravilha de Deus.” (E29, 2022)

“Pois eu, a paisagem, eu acho assim, é umas coisas naturais, a natureza, não é? E eu entendo que paisagem é se eu olhar no caso aqui, esse ambiente aqui do lado, árvores e rios, nascentes. Tudo são paisagens que faz parte da paisagem, não é? Eu acho que sim.” (E36, 2022)

Os comentários acerca da legislação ambiental também evidenciam a forte vinculação entre as noções de paisagem e natureza por parte das pessoas investigadas nessa pesquisa. Embora alguns considerem que essas leis atrapalharam a produção agrícola – a qual geralmente é vista como sinônimo de desenvolvimento do vale – a maioria dos entrevistados concorda que a legislação ambiental mais rigorosa trouxe benefícios para as paisagens, como a regeneração da vegetação nativa nas antigas parcelas agrícolas abandonadas nos morros, revelando as questões da natureza como centrais em suas percepções de paisagem.

A noção dada por eles reflete ainda na listagem das paisagens mais significativas, onde a maior parte delas é composta por elementos da natureza do local, como os rios, os morros, a lagoa, as cascatas e as figueiras.

Os seres humanos não são mencionados nas paisagens, porém são citadas as ações ou objetos produzidos por eles, como a ponte pênsil, os usos da água e da terra e as edificações. Para alguns entrevistados, a simples presença humana modifica a paisagem, como a citação de E39 “Se tornava diferente quando, antes dessas pandemias, era as festinhas, né, de novenas, eles faziam de tudo” (E39, 2022), ao se referir a presença de pessoas na igreja.

Como reflexo desta exclusão do ser humano e de suas atividades na formulação da maioria das noções, os entrevistados deram menor relevância para elementos sociais e construídos entre suas paisagens de referência, conforme pode ser visto no APÊNDICE II.

A temporalidade está revelada na dinâmica de transformação da paisagem sobre as atividades desenvolvidas tanto no passado, quanto no

presente, ainda que a maioria das noções iniciais não contemplassem a ideia de alteração dessa paisagem ao longo do tempo.

Mudanças na paisagem vistas como “boas” não foram consideradas alterações para a maioria dos entrevistados. Para eles, a modificação está relacionada a algum dano ou prejuízo. Igualmente, se a mudança foi necessária, expressa em frases como “os colonos precisavam”, também não era vista como alteração. No entanto, para alguns, a simples presença humana modifica a paisagem.

Muitos entrevistados atribuem valor estético, e a beleza faz parte da fala da maioria, como “Uma coisa bonita, uma coisa natural” (E10, 2022). Por outro lado, se “desagrada o olhar”, não é paisagem. Algumas mulheres idosas ressaltam nas suas falas o cultivo de “belos jardins e plantas exuberantes”. A percepção das alterações enquanto algo negativo, somada à associação da noção de paisagem com natureza, reforça a ideia de que a paisagem deve ser bonita e “natural” para essas pessoas.

Pode-se afirmar que os sentidos estão presentes nas noções, em verbos como “sentir”, “ver”, “ouvir”, ou o gosto dos alimentos. Assim, a paisagem é definida também pela visão, audição, paladar, olfato e tato, conforme expressado por E02:

Para mim, paisagem é o que a vista abarca assim, sei lá. Daquilo que eu posso... não só o que eu posso ver, mas o que eu posso sentir, não é? Se eu fechar o olho e tiver um cheirinho, vai me remeter alguma coisa, pode remeter uma paisagem (E02, 2022).

Ainda neste sentido, E11 falou do som dos pássaros, da sombra das árvores, da beleza da flor da marrequeira (*Erythrina mulungu*) e do gosto do ingá, enquanto E22 citou o sabor das frutas e a sombra proporcionada pelas árvores.

Eu tenho um ingazeiro bem pequenininho, que dá frutinha, que dá ingazinhos, mas aí para baixo assim, as beiras de rios têm em tudo. Quando floresce a gente vê muito ingazeiro.

Marrequeira também tem nas beiras de estrada. Agora lá embaixo, antes de tu chegar naquela placa que vai sair para a cascata, tem uma lombinha assim, um chatinho que tem uma marrequeira. Tá a estrada assim (*gesto de muito*), tem um monte de coisa vermelha assim, da florzinha dela cair no chão. Ela tá toda florida.

Olha, eu acho que ela (*Marrequeira*) chora, eu fico imaginando assim que ela chora para mostrar para a gente que ela está florescida, que ela está... eu fico imaginando coisa assim, para chamar a atenção da gente. Mais ou menos isso.

São importantes porque chamam a atenção da gente né!? E dá o aroma. Aqui no pátio assim, quando as árvores tão floridas, nossa, tem um cheiro tão bom. Cheirinho de mel, cheirinho saudável das abelhas. Os mirins (*abelhas nativas*), nossa, elas faz a festinha, né!?

Aqui tem uns manjericão, e os manjericão assim são umas plantas cheirosas né!? Ela está sempre florescida. As abelhas vêm ali nos pés que eu tenho na horta ali, chega a tombar assim, os pés novinhos do lado buscando aquele aroma para levar pros melzinho delas. É uma coisa muito importante, além deles deixa cheiroso as abelhas ainda fazem o mel.

E beleza da natureza, esses passarinhos eles também, e assim é a coisa mais linda ao redor de casa, assim cheio de ninho de passarinho. Os passarinhos vêm quase dentro de casa. Lá, os tucanos... agora, domingo nós tava almoçando aqui e o tucano veio aqui nessa árvore e ficou nos olhando. Meu sobrinho tava aqui com a gente e disse: "Meu Deus, lá em casa, não vai esses bichos assim". Eu disse: "Aqui é aos montes assim sabe!?" Lá em casa eles vão por tudo assim, são mansinhos os bichinhos. Saracura, tatu, andam aqui pelo pátio. (E11, 2022)

A paisagem para mim é ver os passarinhos cantando. Árvore, sombra...Entendeu?

Aquela frutinha amarela, agora não sei o nome daquela frutinha, que tem no mato é bem pequeninha, parece um coquinho.

Butiá.

Praticamente o abacaxi né?! O abacaxi que eu curto mesmo também. Abacate, limão, limão bergamota, e a laranja mesmo, é laranja da terra, laranja de umbigo... (E22, 2022)

Para estes dois entrevistados (E11 e E22), a percepção da paisagem ocorre de forma mais sensorial. Ambos descreveram cheiros, gostos, sons e imagens relacionadas às vivências diárias, que não tinham necessariamente relação com o lugar onde eles estavam.

Desta forma, não foi possível enquadrá-los na metodologia escolhida pela pesquisadora, mas é feito o registro de seus depoimentos, devido à importância de valorizar também estas percepções.

Alguns dos entrevistados atribuíram algum sentimento à paisagem, demonstrando pertencimento, ou até chamando paisagem de lugar, como nas falas de E05 e E42:

Paisagem... Hoje eu já vejo a paisagem de outra forma, não é? Antigamente, eu queria morar num lugar que não fosse movimentado, que fosse organizado e tinha um sonho de que isso aqui ia se tornar um dia uma zona urbana, quando eu era pequenininha, assim, quando eu quando eu vim para cá. Mas para mim é isso tudo aqui, é o conjunto de morro, não é!? É, é bem como meu pai dizia, que eles adoraram morar em Itati e essa referência que eu tenho, é onde tem montanha, rio e mar, tudo junto. Serra, a montanha que eu me referia. Não que eu roubei essa resposta dele, mas eu me criei escutando isso, para mim, continua sendo isso. Hoje eu não quero mais que isso aqui se torna urbano (E05, 2022).

Paisagem eu acho que, eu acho que é uma palavra quando a gente... Eu acho que é uma palavra quando a gente está bem, está em paz e tudo. Eu acho que é, já acho que a gente já diz mesmo, é uma coisa que quando a gente está em paz, a gente... Já é porque estamos numa paisagem, num paraíso como se diz, né? Quando a gente está bem, então eu acho que a paisagem que a gente acha uma é uma coisa assim, eu acho (E42, 2022).

Isso pode ser compreendido através da perspectiva de Simmel (2009) e Santos (2014), que trazem a relação entre a paisagem percebida e a trajetória do indivíduo.

Para além disso, o trabalho trata das paisagens de referência dos moradores locais, o que deixa intrínseco o sentimento destes ao expressar suas preferências. Neste caso, a paisagem pode ser uma representação do lugar dos entrevistados.

5.2 AS PAISAGENS DE REFERÊNCIA SEGUNDO OS MORADORES

A sequência da entrevista permitiu conhecer a percepção dos moradores sobre as paisagens do vale do Rio Três Forquilhas. Ao responderem à pergunta “Podes identificar paisagens que sejam importantes para ti no vale do Rio Três Forquilhas?”, os entrevistados elencaram o total de 60 paisagens que consideraram relevantes.

Em seguida, foram atribuídas notas às paisagens, com base na seguinte pergunta: “Nestes elementos da paisagem que te agradam é possível diferenciá-los em termos de satisfação, numa escala de 1 a 5?”. Uma vez que a maioria dos entrevistados não tinha clareza sobre a definição de elementos de paisagem, optou-se por atribuir notas gerais para as paisagens citadas, adaptando a ideia inicial. Durante a análise dos dados, verificou-se que o número de citações se mostrou mais eficiente na organização das paisagens de referência. No APÊNDICE II, foram relacionadas todas as paisagens mencionadas, com o número de citações.

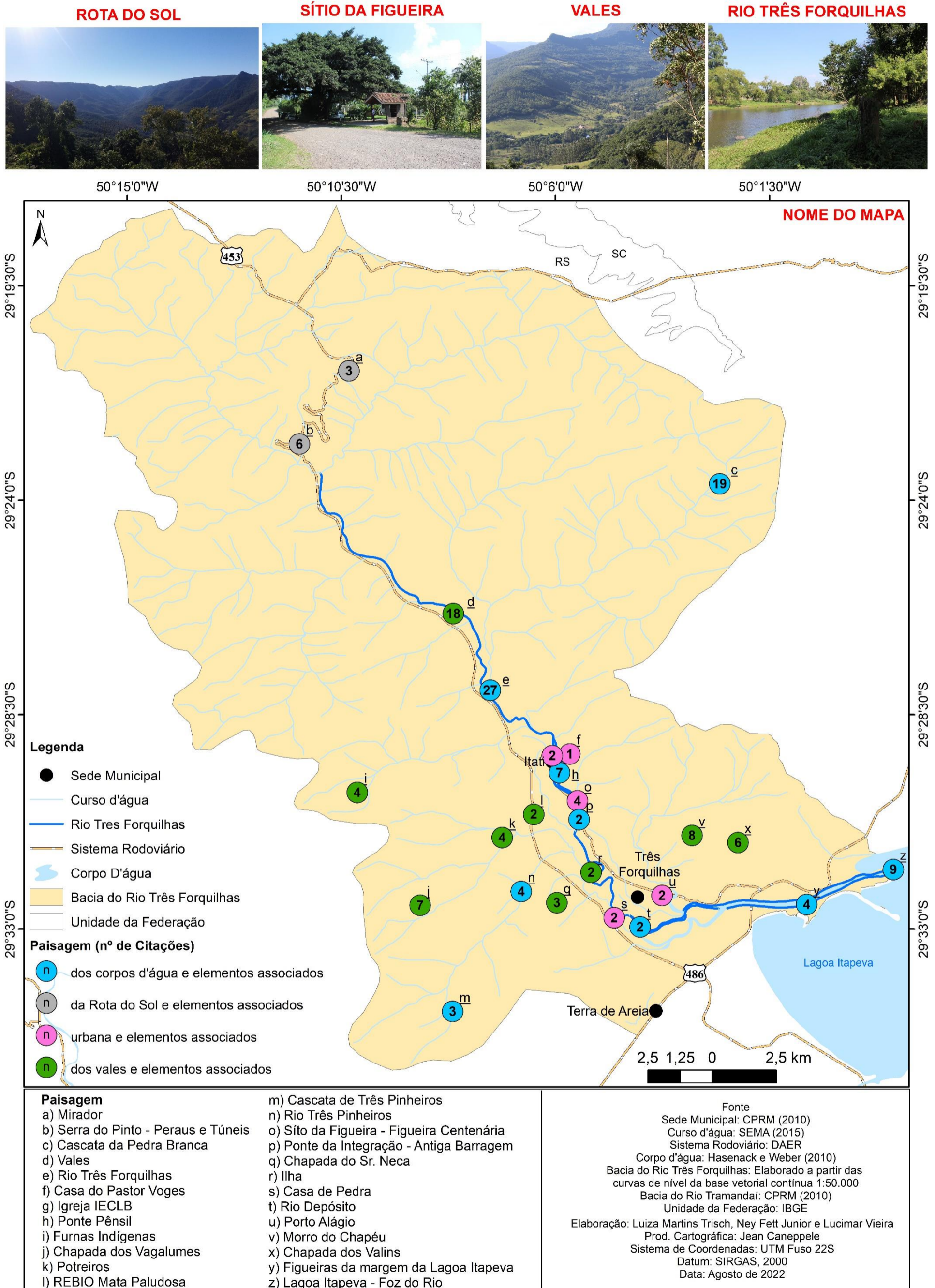
Foi adotado o limite mínimo de 5% de citações (pelo menos três pessoas) para a escolha das paisagens de referência dos entrevistados, gerando um total de 17, que também são representadas no APÊNDICE II.

A confusão na distinção entre paisagem e seus elementos também refletiu no número de paisagens citadas pelos entrevistados, conforme pode ser observado no APÊNDICE II. Desta forma, se optou por agrupar as paisagens citadas pelos moradores em quatro grandes unidades de paisagem, de acordo com suas formas, funções, estruturas e dinâmicas:

1. Paisagem dos corpos d'água e elementos associados;
2. Paisagem dos vales e elementos associados;
3. Paisagem da Rota do Sol e elementos associados;
4. Paisagem urbana e elementos associados.

Tal divisão permite uma melhor compreensão dessas paisagens e dos elementos citados pelas pessoas entrevistadas, revelando suas formas e funções, assim como suas dinâmicas (VERDUM *et. al.* 2012) ou processos (SANTOS, 2020) de transformação ao longo do tempo. A seguir a Figura 18, mostra a distribuição das paisagens de referência no território, sua unidade de paisagem e o número de citações que recebeu.

Figura 18: Mapa das paisagens de referência dos moradores do vale do Rio Três Forquilhas.



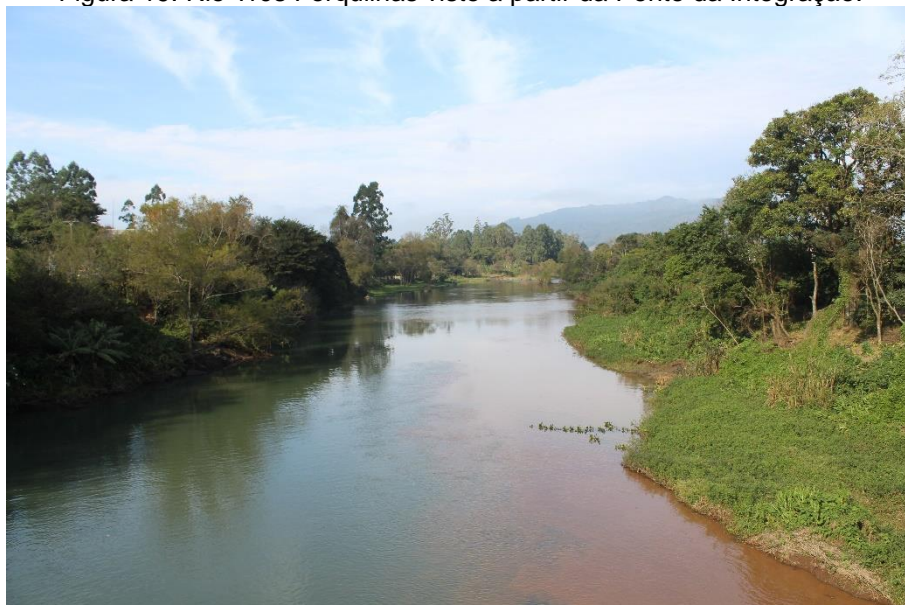
5.2.1 Paisagem dos corpos d'água e elementos associados

Entende-se por paisagem dos corpos d'água todas aquelas paisagens, ou elementos da paisagem, que têm relação com o Rio Três Forquilhas, seus afluentes e a Lagoa Itapeva. Dentro desta categoria, destacam-se as seguintes paisagens de referência: o Rio Três Forquilhas e a Ponte Pênsil, a Cascata da Pedra Branca, a Lagoa Itapeva e as figueiras de suas margens, o Arroio Três Pinheiros e a Cascata de Três Pinheiros.

O Rio Três Forquilhas foi citado por 45% dos entrevistados, além de ser o mais bem avaliado conforme a escala sensorial do método de pesquisa. O rio que dá nome ao vale limita os territórios de Itati e Três Forquilhas, desaguando na Lagoa Itapeva, em Terra de Areia. Entre os elementos que compõem a paisagem do Rio Três Forquilhas, foram citados pelos moradores: a Ponte da Integração, as barragens, a Ponte Pênsil e o Rio Depósito.

Os entrevistados foram unânimes ao citar o rio como principal fonte de água para suprir as necessidades da comunidade. “O Rio Três Forquilhas é a vida dos nossos municípios, até lá em Terra de Areia”, disse E36. Para a E10, “Um lugar que não tem rio, não tem natureza, o rio é uma fonte de riqueza”.

Figura 19: Rio Três Forquilhas visto a partir da Ponte da Integração.



Fonte: Trisch (2022).

Para E21, apesar de administrativamente o rio fazer a divisa entre os territórios municipais, ele é o principal elemento de composição da geografia do

vale (Figura 19) e, na verdade, é responsável por sua integração, dando sentido à paisagem.

Quanto ao passado, citaram o uso do rio para transporte de pessoas e cargas até a lagoa e, depois, a capital, partindo do Porto Alágio. Na pesca, havia abundância de espécies, como cascudo, traíra, lambari, jundiá e bagre, que capturavam para sobreviver. Utilizavam o rio ainda para lavar roupas, irrigar lavouras, consumo humano e de animais.

Segundo E56, o movimento no rio próximo a Ponte da Integração “era tipo uma praia”, pois as pessoas vinham e se hospedavam na pensão do Seu Nestor (Figura 20).

Figura 20: Pessoas se banhando no Rio Três Forquilhas em 1965.



Fonte: Ely (1991).

A ponte referida por E56 também foi citada por E05¹¹ como uma paisagem importante. Segundo a entrevistada, em sua infância era local de lazer, utilizado para pescar, nadar e passar o dia. Residentes das imediações também aproveitavam o local para lavar roupas no rio, uma vez que não havia água encanada.

¹¹ Além de ter sido citada como ponto de referência por outros entrevistados ao se referirem ao Sítio da Figueira ou a Vila São Sebastião por exemplo.

Figura 21: Vista da primeira ponte a partir da margem de Três Forquilhas.



Fonte: Arquivo Municipal de Osório (2019).

A ponte, conforme pode ser observado nas Figura 21 à Figura 23, foi construída primeiramente em madeira e arame, do tipo pênsil. Na segunda metade do século XX, conforme relatos, foi substituída por uma barragem, contemporânea às vivências de E05. Essa barragem foi construída em concreto, logo sobre o leito do rio, com tubulações para a passagem da água.

Figura 22: Antiga barragem que existia no local da atual Ponte da Integração.



Fonte: E05 (2021).

Em 1988 (LIPERT, 1991), foi inaugurada a ponte atual, denominada Ponte da Integração, por ser a principal ligação entre os municípios de Itati e Três Forquilhas.

Figura 23: Ponte inaugurada em 1988.



Fonte: Lipert (1991).

O nome Ponte da Integração é uma homenagem para marcar a comemoração dos 500 anos da reforma protestante – religião dos colonos alemães que ocuparam o vale em 1827 – com instalação de placas indicativas nas cabeceiras por parte de ambos os municípios (Figura 24).

Figura 24: Ponte da Integração.



Fonte: Trisch (2021).

Além da Ponte da Integração, há diversas outras ligações entre as margens dos dois municípios ao longo do leito do Rio Três Forquilhas – geralmente constituídas por barragens, como a da Figura 25 – que também são elementos elencados como “paisagens” de referência. Segundo E10, as barragens foram feitas pela própria população e fortalecem a união entre as localidades ao longo do vale.

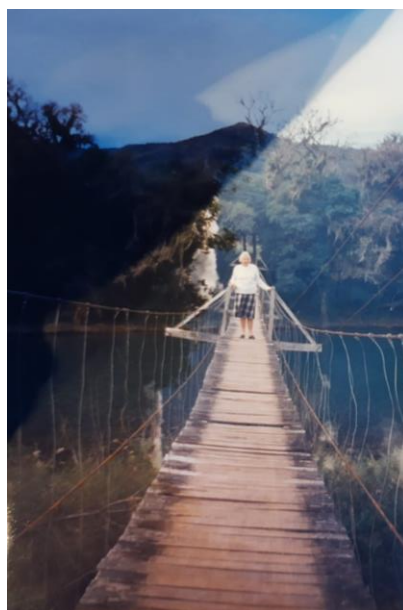
Figura 25: Barragem do Edir Witt, em construção, no ano de 1978.



Fonte: Arquivo Municipal de Osório (2019).

Ainda sobre as formas de transposição, a Ponte Pênsil (Figura 26) teve destaque entre as citações dos entrevistados. Localizada na sede do município de Itati, para os entrevistados ela representa antigas pontes que não existem mais – como a da Figura 21 – as quais foram a forma de ligação entre as localidades durante décadas.

Figura 26: Ponte Pênsil em 1996.



Fonte: Arquivo de E21 (2022).

No passado, as pessoas utilizavam esta ponte para ter acesso a igreja, hospital, escola, comércio e toda a infraestrutura da sede da colônia alemã, que estava na margem hoje pertencente à Itati. E30 lembra de utilizá-la na infância,

tanto para visitar os parentes, quanto para pular no rio (Figura 27). E60¹² disse lembrar com detalhes de uma estrutura que se assemelhava a uma engrenagem, usada para esticar os cabos de aço da ponte conforme iam cedendo.

Figura 27: Vista de uma das cabeceiras da Ponte Pênsil.



Fonte: Trisch (2022).

Atualmente, segundo eles, a ponte ainda serve para ligação, mas perdeu um pouco sua importância, pois a maioria das pessoas se desloca de carro. Veem como positiva a iniciativa da prefeitura de Itati de tornar o lugar um ponto de visitação, que as pessoas podem utilizar como balneário (Figura 28) e para atividades de lazer. No entanto, alguns acreditam que poderia haver reflorestamento na margem do Rio Três Forquilhas e controle para utilização do local, a fim de evitar danos ambientais.

As pontes, enquanto elementos da paisagem, foram a possibilidade de transpor o rio em períodos de cheia, quando os chamados “passos de rio”¹³ não podiam ser utilizados.

Quanto ao Rio Depósito (Figura 29), também lembrado enquanto elemento importante por dois entrevistados (E38 e E44), consiste em trecho do Rio Três Forquilhas, onde há uma barragem que dá acesso à sede do município homônimo a partir da Rota do Sol.

¹² Este entrevistado contou em sua entrevista, que faziam ainda parte da paisagem do rio no passado, as chamadas “pinguelas”, pontes compostas apenas por um tronco de madeira apoiado sobre as margens.

¹³ Pontos onde a profundidade do rio permitia a travessia, a pé, a cavalo, ou mesmo com transporte de tração animal.

Figura 28: Entorno da Ponte Pênsil.



Fonte: Trisch (2022).

E38 relatou que eram realizados grandes piqueniques no local no passado, e que havia mais água no rio. Segundo E44, a história oral diz que por ali passavam os navios para o porto. Ambos os entrevistados afirmaram que atualmente o local é utilizado para atividades de lazer, além de ser ponto turístico.

Figura 29: Barragem do Rio Depósito.



Fonte: Trisch (2022).

Ainda sobre o passado, muitos dos entrevistados lembraram das enchentes que ocorreram em 1959, 1974 e, por último, na década de 1990, que alteraram significativamente a paisagem, algumas vezes mudando o leito do rio. Segundo eles, a criação de diques e as atividades de desassoreamento (Figura

30) contribuíram para a alteração do traçado do curso fluvial, como também para a diminuição do volume de água.

Figura 30: Retirada de seixos do leito do rio, próximo à Ponte da Integração.



Fonte: Trisch (2022).

Para E36, o rio tinha muito mais água. Em lugares onde havia água, hoje existe mata. Na sua percepção, isso mudou a paisagem e a deixou triste. A partir das Figura 31 à Figura 33 do entorno, é possível visualizar a diminuição das águas relatada, tal como o alargamento do leito do rio ao longo do tempo. As imagens ainda revelam uma reconstituição da mata ciliar nos últimos anos.

Figura 31: Vista da Vila São Sebastião com a ponte pênsil.



Fonte: Arquivo Municipal de Osório (2019).

Figura 32: Vista da Igreja da Vila São Sebastião em 1996.



Fonte: Arquivo de E21 (2022).

Figura 33: Vista da Igreja da Vila São Sebastião em 2022.



Fonte: Trisch (2022).

Atualmente, não há mais transporte fluvial, mas muitos falaram da realização de Caiacadas¹⁴. Ainda há pesca, na maior parte esportiva, mas muitos reclamam da diminuição da quantidade dos peixes, que estaria associada ao aumento do uso de agrotóxicos em lavouras e de redes feiticeiras por parte de pescadores de outras regiões. Também ocorre a utilização da água do rio para irrigação de lavouras. Quanto ao consumo, ainda acontece em algumas

¹⁴ Competição organizada pela prefeitura de Três Forquilhas, que faz a descida de rio em embarcações a remo, a partir do Porto Alágio até a foz.

localidades, tanto por pessoas, quanto por animais, e as atividades de lazer têm se expandido a cada dia, com a vinda de turistas para o vale.

Entre os afluentes do Rio Três Forquilhas, o único citado diretamente foi o Arroio Três Pinheiros, que percorre a localidade homônima, no município de Itati.

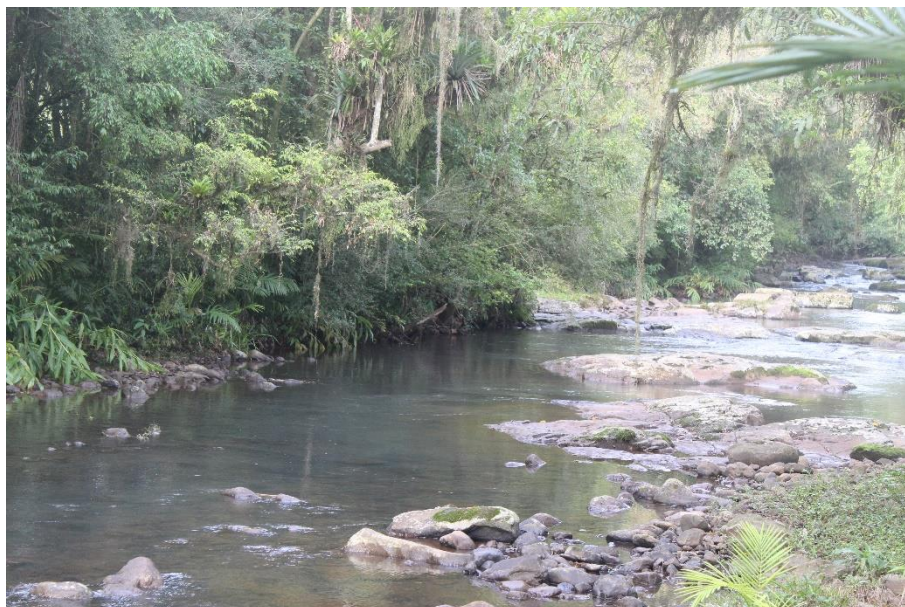
Figura 34: Arroio Três Pinheiros visto da Ponte do Barroso.



Fonte: Trisch (2022).

E37 e E51 atribuíram importância ao arroio para abastecimento da comunidade, enquanto E16 e E29 falaram da beleza do arroio em trechos específicos, como as lajes que afloram em frente a indústria G-Plast (Figura 35) e nas proximidades da Ponte do Barroso (Figura 34), na entrada da localidade de Três Pinheiros.

Figura 35: Lajes aflorando no leito do Arroio Três Pinheiros.



Fonte: Trisch (2022).

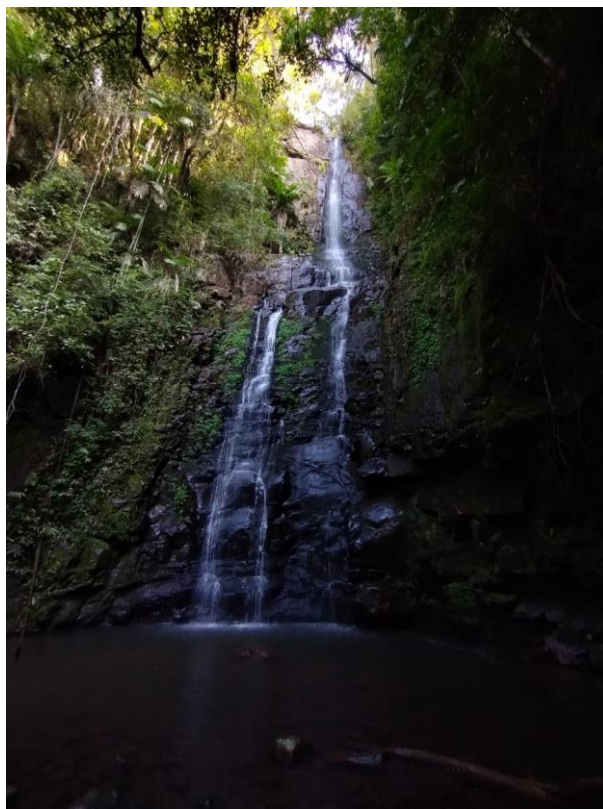
No passado, segundo E37, o arroio era mais limpo e a água era utilizada para consumo, lavagem de roupas e verduras, pesca e irrigação, assim como relataram os demais sobre o Rio Três Forquilhas. Para E51, havia mais enchentes e a água também era utilizada para movimentar rodas d'água das olarias e serrarias locais.

Atualmente, E37 afirma que não há mais pesca, nem lavagem de roupas e verduras, pois o arroio está poluído por esgoto doméstico, lixo, animais mortos e agrotóxicos. Ainda assim, esteve entre as paisagens mais citadas pelos entrevistados.

Quase na nascente do Arroio Três Pinheiros está localizada a queda d'água homônima (Figura 36). Os entrevistados a consideram importante por seu potencial turístico. No passado, as pessoas desconheciam a existência da cascata.

Atualmente, segundo E32, com a visitação e a integração do local em atividades esportivas, como rota de ciclistas, houve aumento de moradores em seu entorno.

Figura 36: Cascata de Três Pinheiros.



Fonte: José de Bitencourt Martins (2022).

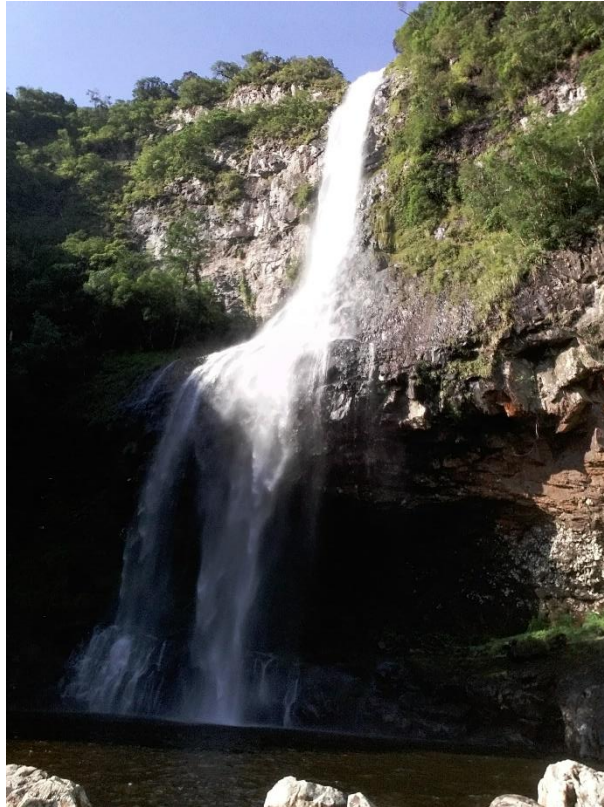
Os entrevistados consideram o aumento do número de turistas na cascata como forma de incrementar a renda dos moradores locais, mas ressaltam que a paisagem deve ser explorada com respeito e sustentabilidade.

Também entre as paisagens mais citadas, está a Cascata da Pedra Branca, localizada em Boa União, no local conhecido como Fundo da Pedra Branca, no município de Três Forquilhas.

É consenso entre os entrevistados que a importância da Cascata da Pedra Branca (Figura 37) está associada à sua beleza e representação da natureza. Alguns apontam o viés turístico, pois consideram que o número de visitantes vem crescendo no local.

Em relação ao passado, os entrevistados referiram que a cascata não era muito conhecida, uma vez que o acesso por estrada foi construído somente no início da década de 1990, durante a primeira gestão do município de Três Forquilhas, facilitando a visitação. No entanto, segundo E52, antigamente havia moradores no entorno da cascata, que plantavam nos morros do Fundo da Pedra Branca.

Figura 37: Cascata da Pedra Branca.



Fonte: Trisch (2017).

Atualmente, conforme os entrevistados, há grande fluxo de turistas no local, o que contribuiu também para a abertura de alguns comércios, pousadas e campings nas imediações. As pessoas vão até a cascata para pescar, banhar-se e visitar a piscina de borda infinita, que se localiza no topo da queda d'água e é alcançada por uma trilha. Quanto aos moradores, eles deixaram suas terras e procuraram outras ocupações, pois com a proibição das queimadas pela legislação ambiental, ficou muito difícil limpar os campos e produzir.

Para o futuro, a maioria dos entrevistados acredita que devem ser feitos investimentos na infraestrutura do entorno da Cascata da Pedra Branca, com serviços que atendam melhor aos turistas. No entanto, alguns entrevistados preferiam visitar a cascata quando havia mais privacidade e era possível aproveitar o contato com a natureza.

O Rio Três Forquilhas desagua na Lagoa Itapeva (Figura 38), no município de Terra de Areia (Figura 39). Para os entrevistados, esta paisagem é importante tanto pela beleza natural proporcionada pelo conjunto entre a lagoa, o rio e as figueiras, quanto pelas relações pessoais, que envolvem desde atividades de lazer na infância até a pesca.

Figura 38: Foz do Rio Três Forquilhas na lagoa antes da construção da BR-101.



Fonte: Arquivo Municipal de Osório (2019).

Alguns dos entrevistados falaram que a pesca artesanal era a principal atividade na paisagem no passado, enquanto E35 lembrou dos barreiros – locais de onde se extraía lama para produção de telhas e tijolos nas olarias do entorno – e das plantações de arroz, que ocupavam a margem do rio neste ponto. Para alguns entrevistados, de menos idade, as lembranças são mais recentes e ligadas a vivências de lazer na infância, como pesca e passeios. Os entrevistados mais velhos lembraram do vapor, que transportava pessoas e mercadorias pela lagoa até a capital.

Figura 39: Margem da Lagoa Itapeva a partir do Bairro Olaria.



Fonte: Trisch (2022).

Atualmente, segundo a maioria dos entrevistados, a pesca ainda é a principal atividade na lagoa. Para E58, muitas outras atividades são desenvolvidas no local, como: utilização de motos aquáticas e embarcações a motor, pesca com redes e uso como balneário por um número maior de pessoas em comparação com o passado. Na visão do entrevistado, tais atividades alteram a paisagem de forma negativa, pois “quando tem acesso sem restrições e sem cuidado, se acaba interferindo em ambientes sensíveis.” E57 mencionou a diferença de percepção desta paisagem a partir da duplicação da BR-101, que facilitou a sua visualização (Figura 40).

Figura 40: Foz do Rio Três Forquilhas a partir da BR-101:



Fonte: Trisch (2022).

As figueiras (Figura 43) foram apontadas como elementos de referência na paisagem das margens da Lagoa Itapeva, onde estão localizadas.

Para a E07, caminhar nas margens da Lagoa Itapeva na infância e contemplar estas árvores as tornou importantes. Segundo ela, a única atividade que havia nesse local era a pesca artesanal. Atualmente, algumas figueiras e outras árvores estão sendo cortadas para a passagem de uma linha de energia elétrica de alta tensão (Figura 41). Na opinião dela, tal iniciativa, apesar de ser um recurso de utilidade pública, é ruim para a paisagem.

Figura 41: Linha de alta tensão cruzando a margem da lagoa.



Fonte: Trisch (2022).

E18 afirma que a paisagem faz parte da sua prática esportiva de pesca, pelo fato de as árvores estarem localizadas às margens da Lagoa Itapeva.

Para E27, as figueiras são importantes por sua beleza e por garantir abrigo. Segundo ele, no passado, os pescadores esportivos que vinham até o Rio Três Forquilhas faziam fogo para cozimento de alimentos nas raízes das árvores e, dessa forma, matavam-nas. Ele considera que tal atividade alterava a paisagem, pois diminuía o número de figueiras. Atualmente ele não tem mais descido o rio e, portanto, desconhece o que acontece lá.

Figura 42: Figueiras em direção à lagoa.



Fonte: Trisch (2022).

Para E31, a beleza das figueiras chama a atenção de quem passa na BR-101. Todavia, seu contato com essa paisagem sempre foi apenas visual, e não pôde dar detalhes das atividades ali desenvolvidas.

Figura 43: Figueiras na foz do rio à margem da Lagoa Itapeva com a BR-101.



Fonte: Trisch (2022).

5.2.2 Paisagem dos vales e elementos associados

Entende-se por paisagem dos vales todas aquelas paisagens ou elementos relacionados à composição entre os morros e as planícies. Dentro desta categoria, destacam-se como paisagens de referência: os próprios vales, o Morro do Chapéu, a Chapada dos Vagalumes, a Chapada dos Valin, as Furnas Indígenas, os poteiros e a Chapada do Sr. Neca.

Os vales são caracterizados genericamente pela composição entre os morros e as planícies, em toda a área de estudo. Foram citados como paisagens de referência, no geral, por sua presença marcante e pela sensação de proteção associada.

Entre os japoneses entrevistados, a maioria falou da importância da configuração geográfica dos vales para o estabelecimento da colônia japonesa, pois formam um bom sítio para a produção agrícola.

Figura 44: Conformação entre morros e várzeas na sede da colônia alemã (1996).



Fonte: Arquivo de E21 (2022).

Segundo os entrevistados, no passado existiam menos árvores nos morros, que eram utilizados para plantação. Os colonos cortavam as árvores para criar espaço para cultivo e utilizavam a madeira para construções ou para queima nos fornos de engenhos de cana-de-açúcar. Trabalhavam no lote de terra desmatado durante algum tempo, depois se deslocavam para outra área e repetiam o processo, deixando crescer vegetação na parcela anteriormente cultivada (Figura 44 e Figura 45).

Figura 45: Conformação entre morros e várzeas na sede da colônia alemã (2022).



Fonte: Trisch (2022).

Atualmente, a produção agrícola e as moradias se concentram nas várzeas, enquanto os morros têm passado por processo de regeneração da mata, assim como as margens dos rios.

Alguns entrevistados descreveram este processo de ocupação e posterior regeneração da vegetação, se referindo a locais específicos, como: Barreiro, Fundos da Bananeira, da Barra, da Limeira – também chamado Itaimbé Vermelho – do Rio do Pinto e da Pedra Branca.

Segundo E52, essas áreas eram utilizadas pelos colonos para plantar milho, feijão, arroz e batata. Os colonos derrubavam a mata para cultivar o solo até seu esgotamento e, depois de algum tempo, faziam nova roçada, deixando as antigas parcelas se regenerarem. Também praticavam caça nesses locais. Para o entrevistado, essas atividades não alteravam a paisagem, pois tinha mais água nos morros.

Atualmente, segundo ele, após a criação das Unidades de Conservação – no caso, a área de abrangência da APA da Rota do Sol e da Estação Ecológica da Aratinga – não se pode mais praticar tais técnicas de plantio, o que levou à regeneração da mata nesse local. Do seu ponto de vista, o grande número de árvores suga toda a água. Além disso, a proibição das queimadas nas áreas em que ainda se pode cultivar aumentou o uso de agrotóxicos nessas áreas.

No local conhecido como Fundo da Pedra Branca (Figura 46), que abriga a cascata homônima, existe uma pequena agroindústria, além de atividades de ecoturismo, segundo E47. Na opinião dele, tais práticas não causam muitas alterações na paisagem local, exceto pelo plantio de bosques de eucalipto nos topos dos morros.

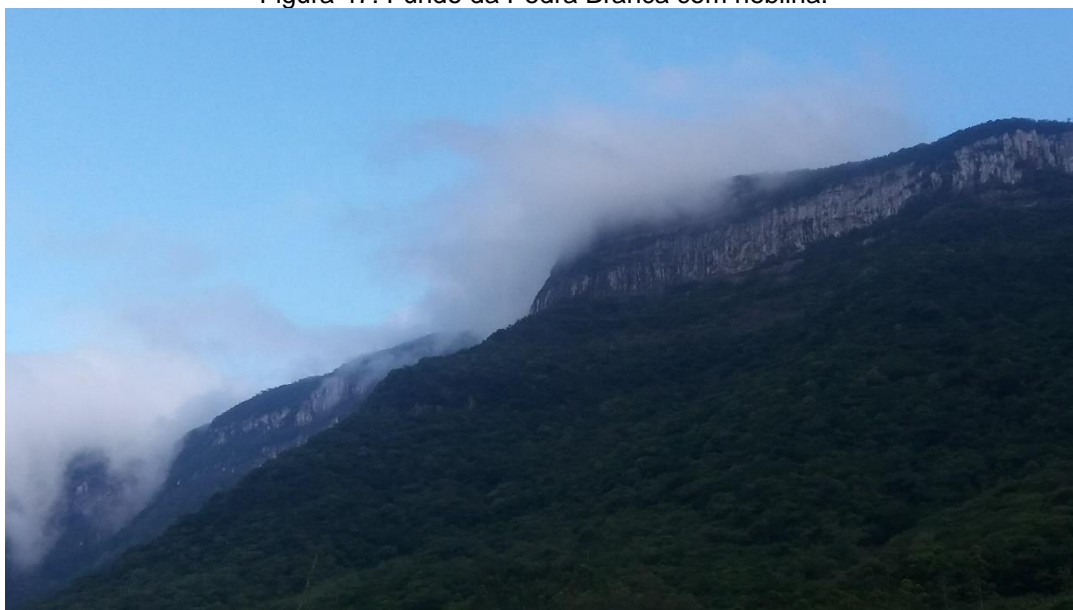
Figura 46: Fundo da Pedra Branca, visto da casa do entrevistado.



Fonte: Trisch (2022).

O entrevistado, cuja casa tem vista para a paisagem citada, disse que é importante observar o movimento das nuvens e as alterações que causa na paisagem, assim como a incidência de sol (Figura 47).

Figura 47: Fundo da Pedra Branca com neblina.



Fonte: Trisch (2019).

Além dos fundos, alguns morros e chapadas que compõem a paisagem dos vales foram citados de forma individual: Morro do Chapéu, Chapada dos Vagalumes, Chapada dos Valin e Chapada do Sr. Neca.

O Morro do Chapéu é uma forma de relevo situada na localidade homônima, no município de Três Forquilhas (Figura 48). Sua denominação deriva da morfologia peculiar, semelhante a um chapéu. Entre alguns

entrevistados, a importância do morro está mais relacionada a sua observação, pois o pico alto se destaca na paisagem. No entanto, para os demais, desperta o sentimento de pertencimento.

Figura 48: Morro do Chapéu visto a partir da Ilha.



Fonte: Trisch (2022).

Segundo os entrevistados, no passado havia mais moradores e mais atividade agrícola no local, com plantio de milho, arroz, feijão, abacaxi e criação de gado para subsistência, além de pesca em pequenos cursos d'água. Na época, devido à dificuldade de acesso, a comunidade dependia dos serviços de Torres, e levava dois dias a pé até lá. As estradas eram apenas para carros de bois.

Na década de 1990, na primeira gestão de Darci Brehm no município de Três Forquilhas, os moradores tiveram acesso à luz elétrica e as estradas melhoraram. No entanto, houve êxodo, porque as pessoas não sabiam mais trabalhar na roça. Atualmente, existem algumas agroindústrias na área, assim como granjas de hortifrutigranjeiros, que empregam os moradores locais. Os entrevistados relataram que, com o aumento da fiscalização ambiental, a produção diminuiu. Todavia, o uso de agrotóxicos acabou com os peixes da sanga que passa na localidade. No presente, os moradores têm melhores condições de vida, com maior disponibilidade de serviços no local.

A maior parte dos entrevistados que citaram o Morro do Chapéu como uma paisagem importante mora na localidade homônima (Figura 49).

Figura 49: Morro do Chapéu visto a partir do Fundo do Chapéu.



Fonte: Trisch (2022).

Para E57, que não mora na localidade, a principal mudança na paisagem foi o fato de as plantações de hortifrutigranjeiros no morro serem substituídas por bosques de eucalipto. Segundo ele, é mais fácil plantar eucaliptos no morro do que os hortifrutigranjeiros, pois necessitam de menos cuidados.

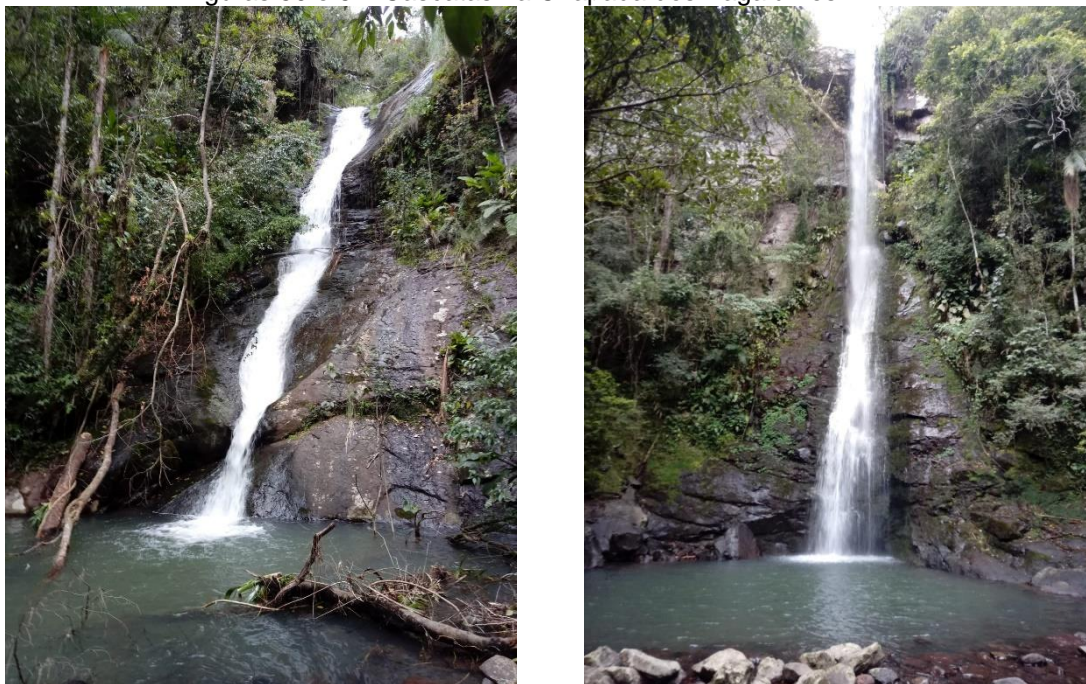
Entre as denominadas “chapadas”, nas entrevistas destacam-se enquanto paisagens de referência: a Chapada dos Vagalumes, a Chapada dos Valin e a Chapada do Sr. Neca. Todavia, também foram citadas a Chapada do Simonetti e a Chapada dos Witt.

A Chapada dos Vagalumes está situada na Linha Bernardes, no município de Itati. Os entrevistados consideram esta paisagem importante pelas atividades turísticas desenvolvidas no local, em função da presença de cascatas (Figuras 50 e 51: Cascatas na Chapada dos Vagalumes.). Apesar de nunca ter visitado a área, E55 mencionou-a só “de ouvir falar”, revelando a divulgação feita da chapada.

E37 e E38 relataram que havia muitos moradores no local. Segundo E37, na escola da localidade – que funcionou até o início dos anos 2000 – uma professora encontrou um livro de chamadas da década de 1960, no qual constavam os nomes de cerca de 50 alunos. Assim, é possível ter noção da população residente na época, reforçando a descrição dos demais entrevistados quanto à ocupação das áreas mais altas.

Atualmente, a chapada tem melhor acesso e pode-se chegar de carro tracionado, além de contar com luz elétrica e uma pousada, mas não há muitos moradores. Para E03, as novas atividades alteraram a paisagem; no entanto, foram alterações necessárias, e não prejudiciais.

Figuras 50 e 51: Cascatas na Chapada dos Vagalumes.



Fonte: José de Bitencourt Martins (2021).

A Chapada dos Valin está localizada próxima à BR-101, na foz do Rio Três Forquilhas, no município homônimo. Para os entrevistados que residem nos bairros Serraria e Olaria, em Terra de Areia, a importância da paisagem está relacionada à presença do morro, conforme imagem a seguir (Figura 52).

Para E32, que mora na Chapada dos Valin, a paisagem é relevante devido à vista panorâmica e à ambiência do local, conforme foto a seguir (Figura 53).

Para os entrevistados que residem nos bairros da parte baixa do vale, a Chapada dos Valin sempre foi igual – um morro com vegetação nativa e poteiros para pecuária. Conforme E32, hoje existem muitos moradores novos em relação a antigamente, vindos de outros lugares. A pesquisa apontou que, entre os moradores do Bairro Serraria, a presença da Chapada dos Valin como plano de fundo tem mais importância do que a Lagoa Itapeva ou a foz do Rio Três Forquilhas, que estão mais próximas fisicamente.

Figura 52: Paisagem da Chapada dos Valin vista do Bairro Serraria.



Fonte: Trisch (2021).

Figura 53: Paisagem da foz do Rio Três Forquilhas vista da Chapada dos Valin.



Fonte: Perfil de Marisa Sato no Facebook.¹⁵, acessado em 2022.

A Chapada do Sr. Neca, também conhecida como Morro da Costa, fica na localidade de Costa do Morro, no município de Itati e, segundo os entrevistados, é importante pela vista panorâmica que propicia (Figura 54).

No passado, havia moradores na chapada, que era caracterizada por cultivos agrícolas e pouca presença de mata – de acordo com os depoimentos, era possível avistar a faixa litorânea.

15

Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=3869905209785196&set=pcb.3869905559785161>. Acesso em 09 de maio de 2022.

em:

Figura 54: Vista da Chapada do Sr. Neca para o vale.



Fonte: Igor Emanuel Bittencourt (2022).

Atualmente, as entrevistadas alegaram que o acesso melhorou, mas não há mais moradores, nem plantações. Algumas pessoas vão até o local a passeio e para apreciar a vista (Figura 55).

Figura 55: Vista para o litoral a partir da Chapada do Sr. Neca, com atividades de lazer.



Fonte: Igor Emanuel Bittencourt (2022).

Nas planícies, os entrevistados destacaram os banhados, as Furnas Indígenas, as áreas de mata, e a produção rural enquanto paisagens de referência ou elementos que as compõem.

Segundo E58, os banhados¹⁶ tiveram papel importante no passado, inclusive como fonte de alimento, por meio da pesca. Atualmente, ele afirma que a maioria dos banhados foram drenados ou estão assoreados. Essas intervenções alteraram as paisagens de forma significativa, que foram transformadas em poteiros ou plantações (Figura 56).

Figura 56: Banhados citados por E58.



Fonte: Trisch (2022).

Outro entrevistado (E33) corrobora essa observação, dizendo que os banhados da várzea foram drenados para a criação de gado (Figura 57). Para E58, essas alterações recentes foram ruins, pois os banhados perderam sua função de reservatórios naturais de água.

¹⁶ A Resolução CONSEMA nº 380/2018 estabelece os critérios para a identificação de banhados e é necessária a realização de estudos para esta definição.

Figura 57: Banhados drenados, segundo E33, e transformados em poteiros.



Fonte: Trisch (2022).

As Furnas Indígenas (Figura 58) estão localizadas no Arroio do Padre, em Itati. Para E20, as furnas são importantes pelo contexto histórico, pois teriam abrigado indígenas e, depois, uma família da região. Segundo ele, a família de João da Toca tinha 12 filhos e morava no local. Eles teriam ido embora e, após alguns anos, retornaram e encontraram ouro. E30 se lembrou das visitas com os alunos, os quais imitavam indígenas. Além dessas menções, E32 afirma que a história oral conta que a área também foi refúgio de negros escravizados.

Figura 58: Furnas do Arroio do Padre.



Fonte: Trisch (2021).

Segundo a história oral relatada por E49, as furnas eram moradias de indígenas, padres jesuítas e, depois, famílias de imigrantes. Relatou ainda que,

certa vez, uma pessoa encontrou moedas de ouro dos jesuítas nas furnas. Segundo os entrevistados, atualmente não mora mais ninguém no interior das furnas, mas há cultivo de bananas em seu entorno.

Entre as áreas de mata está a Reserva Biológica Estadual da Mata Paludosa. A REBIO Mata Paludosa compreende parte do território das localidades de Vila Nova¹⁷, Linha Bernardes e da sede do município de Itati. Os entrevistados destacaram enquanto elementos desta paisagem as novas passarelas (Figura 59), instaladas na Rota do Sol para a travessia da fauna, que podem ser uma atração turística no futuro; e o acesso à reserva pelo chamado “Túnel Verde” (Figura 60), importante por seu valor estético.

Figura 59: Passarelas para fauna na REBIO Mata Paludosa.



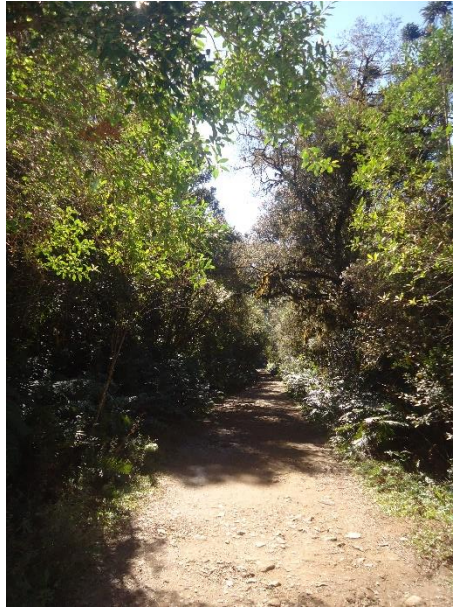
Fonte: Trisch (2022).

Segundo E45, no passado se desconhecia a grande importância ambiental do local. As pessoas cultivavam o solo nessa área.

Atualmente, o “Túnel Verde” constitui o acesso dos agricultores às áreas de cultivo ainda não indenizadas pelo Estado do Rio Grande do Sul que, por meio da Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA), é responsável pela gestão da reserva.

¹⁷ O local que hoje se chama Vila Nova também é referido pelos antigos moradores como Vila do Sapo, que remete ao motivo de criação da reserva, dado o grande número de espécies de anfíbios presentes no local.

Figura 60: “Túnel Verde” da REBIO.



Fonte: Pedro Thiago Trisch (2018).

Para E45, mais pessoas deveriam poder visitar o local para contemplar o “Túnel Verde”, o que é proibido pela legislação no presente, uma vez que se trata de uma Reserva Biológica, com acesso restrito a atividades de pesquisa e educação ambiental.

Quanto à produção rural, os entrevistados consideraram como paisagens de referência: a Ilha e os potreiros. Mas também foram citados elementos de paisagem ligados a produção agrícola, como: bananais, plantação de abacaxis, bosque de eucaliptos e açudes de piscicultura.

A Ilha é uma área localizada entre o Rio Três Forquilhas e o Arroio Três Pinheiros, nas proximidades da Costa do Morro, em Itati. É importante para os moradores, pois muitos deles fazem suas plantações na Ilha. Foi citada por E04 e E06, ambos moradores da Costa do Morro.

Segundo E04, no passado, predominava o plantio da cana-de-açúcar na Ilha; atualmente, há o cultivo de hortifrutigranjeiros (Figura 61). Para ela, a atividade atual altera a paisagem, pois há muito uso de agrotóxico. A fala de E06 ressalta a importância do Rio Três Forquilhas para o cultivo agrícola na área, por meio da irrigação.

Figura 61: Plantações de hortifrutigranjeiros na Ilha.



Fonte: Trisch (2021).

Outros entrevistados, apesar de não terem citado essa paisagem como importante, relataram episódios de enchentes ao falar do Rio Três Forquilhas, as quais atingiam a Ilha e, muitas vezes, causavam grandes danos às plantações.

Figura 62: Vista da estrada da Ilha.



Fonte: Trisch (2021).

Durante a visita à Ilha, foi possível identificar que a plantação de hortifrutigranjeiros ainda é dominante, mas tem dado lugar a culturas permanentes, como banana e cana-de-açúcar (Figura 62). Tal observação corrobora o relato de um dos entrevistados (E36), que falou sobre a alteração dos cultivos na Ilha. Segundo ele, no passado, o cultivo de cenoura era o mais importante no local – inclusive ocorrendo a Festa da Cenoura como principal

festividade do município de Três Forquilhas. Posteriormente, o plantio desse hortigranjeiro passou a ser feito no topo do planalto, pois as terras do vale não eram mais tão boas para essa finalidade.

Os poteiros citados pelos entrevistados estão espalhados por toda a área de estudo. Segundo eles, os campos são importantes para a criação de gado e aumento da renda familiar (Figura 63).

No passado, conforme a maioria dos entrevistados, as várzeas eram desmatadas para dar lugar aos poteiros, enquanto as pessoas residiam nas áreas mais altas (“chapadas”), onde também mantinham suas plantações, longe das inundações. Segundo E37, com a diminuição das áreas alagadiças¹⁸ e o maior acesso à energia elétrica e transporte ao longo do tempo, as pessoas deixaram de morar nas “chapadas” e passaram a residir nas várzeas, enquanto as criações de gado foram deslocadas para áreas mais altas, denominadas invernadas. Para E30, os poteiros também eram lugar de lazer e de jogar bola nas noites de lua cheia.

Figura 63: Poteiros na sede do município de Itati.



Fonte: Trisch (2022).

De acordo com os entrevistados, as áreas de poteiros diminuíram, devido ao êxodo rural por parte dos jovens e ao aumento do rigor da legislação ambiental, que impediu a abertura de novas parcelas para a criação de gado.

¹⁸ Ver relato do E33 na descrição de banhados.

5.2.3 Paisagem da Rota do Sol e elementos associados

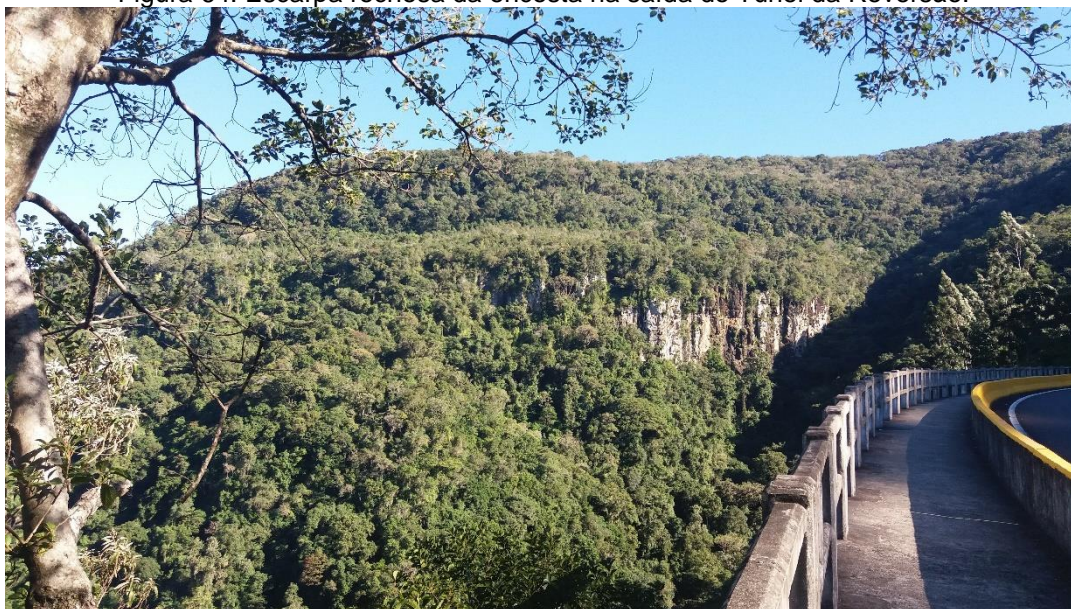
Entende-se por paisagem da Rota do Sol todas aquelas paisagens, ou elementos da paisagem, associados com a rodovia ERS-486.

A Serra do Pinto, hoje chamada Rota do Sol (ERS-486), é a principal estrada que liga a Planície Costeira (Litoral Norte) ao Planalto Meridional no Rio Grande do Sul. Seu traçado é, muitas vezes, paralelo ao do Rio Três Forquilhas.

Para alguns entrevistados, a paisagem da Serra do Pinto é importante por suas belezas naturais ou construídas (Figura 64). Entretanto, segundo E21, a estrada teve um papel histórico muito importante de conexão entre as populações do interior e do litoral – opinião que é compartilhada pelos entrevistados E37 e E55.

Segundo os entrevistados, os primeiros transeuntes da Serra do Pinto foram os tropeiros, que desciam o planalto trazendo muares e outros produtos, os quais eram trocados por mercadorias produzidas no vale. Em determinado momento, segundo E21¹⁹, o fluxo foi tão grande que houve a instalação de uma inspetoria, responsável pelo controle dos produtos comercializados.

Figura 64: Escarpa rochosa da encosta na saída do Túnel da Reversão.



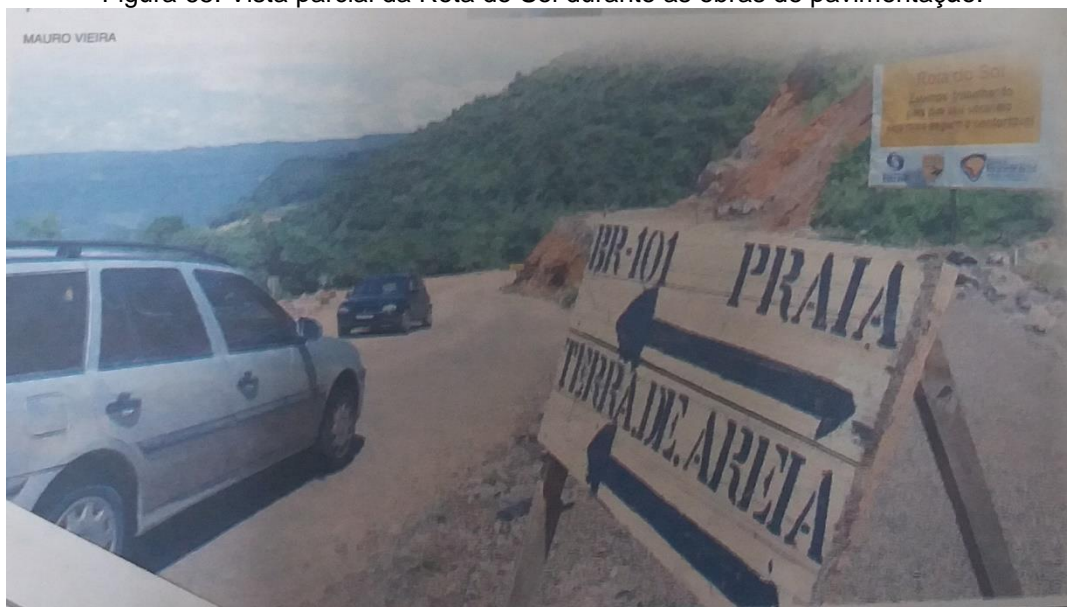
Fonte: Trisch (2022).

A partir da abertura da estrada na década de 1940, aumentou o contingente de pessoas que se deslocavam pela via precária para chegar ao

¹⁹ Confirmado pela historiadora Ely (2021), ver capítulo 3.

litoral durante o veraneio. No entanto, conforme os entrevistados, somente a partir da construção da Rota do Sol (Figura 65), inaugurada em 2006, que a Serra do Pinto passou a ter maior fluxo de transporte de mercadorias e pessoas, devido ao acesso facilitado.

Figura 65: Vista parcial da Rota do Sol durante as obras de pavimentação.



Fonte: Arquivo Municipal de Osório (2019).

Atualmente, segundo E01, a Serra do Pinto tem também função no desenvolvimento do turismo como atividade econômica no vale.

Ainda dentro das paisagens da Rota do Sol, os entrevistados destacam o Mirador Restaurante e Café, que está localizado na subida da Serra do Pinto, no município de Itati (Figura 66). Eles veem a paisagem local como importante para o desenvolvimento turístico, principalmente por sua vista panorâmica (Figura 67 e Figura 68).

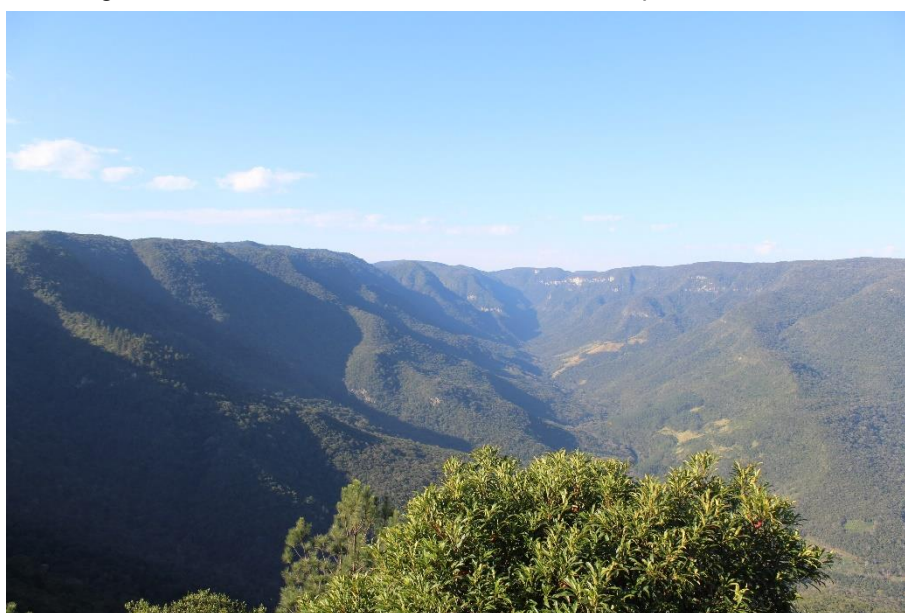
Figura 66: Vista do estacionamento do Mirador Restaurante e Café.



Fonte: Trisch (2021).

Segundo os entrevistados, o local foi usado no passado como acampamento da empresa Toniolo Busnello, durante a construção da ERS-486/Rota do Sol.

Figura 67: Vista do Cânion do Arroio do Pinto a partir do mirante.



Fonte: Trisch (2021).

Atualmente, para eles, há outra relação com a paisagem, que estava “escondida” anteriormente e passou a ser mais valorizada pelo incremento de infraestruturas, como a recente instalação de tirolesa com bicicleta.

Figura 68: Vista parcial do vale do Rio Três Forquilhas a partir do Mirador.



Fonte: Trisch (2021).

5.2.4 Paisagem urbana e elementos associados

Além das paisagens descritas até aqui, os entrevistados elencaram alguns elementos construídos, que fazem parte da paisagem urbana do vale do Rio Três Forquilhas. Entre estes elementos, estão: a BR-101, edificações e bairros.

Dentro dessa categoria, o Sítio da Figueira e seus elementos foram a única paisagem de referência citada por mais de 5% dos entrevistados.

Para E02 e E31, o sítio – assim como a Figueira Centenária²⁰ e o busto do herói de guerra João Niederauer Sobrinho²¹ – é importante historicamente. Para E13, a figueira fez parte de sua infância – ela e seus primos brincavam nos galhos – enquanto E20 considera o porte da figueira um aspecto admirável.

No Sítio da Figueira, morava o bisavô de E13, e ela brincava com outras crianças da família na figueira. Para ela, as atividades não alteravam a paisagem. Atualmente, a casa se transformou em residência de férias da proprietária. Na opinião de E13, esse uso altera a paisagem, pois durante o recesso escolar de verão se vê a casa aberta e as crianças brincando no entorno.

²⁰ Patrimônio natural de Itati, conforme Lei nº096/2002.

²¹ Segundo E02, a pessoa representada no busto foi o primeiro filho da colônia a participar da Guerra do Paraguai, e por isso foi homenageado.

Figura 69: Vista do Sítio da Figueira, com a casa enxaimel, o busto e a figueira.



Fonte: Trisch (2014).

Para E20, a figueira representava no passado e no presente um espaço de sombra e o sítio, a casa do historiador e pastor Élio Muller²².

Figura 70: Sítio da Figueira, com a parada de ônibus e a figueira.



Fonte: Trisch (2022).

Para E31, a Figueira sempre representou a divisa entre os municípios, por estar localizada próxima à Ponte da Integração, mas atualmente ela considera que o sítio parece abandonado.

²² Em Vieira (2007), Élio disse que as pessoas o tinham como uma referência ligada ao local.

Além da casa existente no Sítio da Figueira, outras edificações similares foram citadas como elementos importantes.

No passado, as casas eram utilizadas como moradia; atualmente, estão sendo abandonadas. Na opinião da entrevistada, as casas sofreram alterações ao longo do tempo, com modificações estruturais, o que modificou também a paisagem. Entre essas construções, está a Casa do Pastor Voges, que está localizada na sede do município de Itati, ao lado da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. A casa foi citada por E02, que a considera importante tanto na paisagem, quanto pelas memórias que guarda (Figura 71).

Figura 71: Casa do Pastor Voges, construção original.



Fonte: Lipert (1991).

Segundo E02, além de moradia do pastor, a construção foi escola, armazém, cartório e serviu de trincheira para os farrapos. Atualmente, a casa continua sendo utilizada para moradia (Figura 72) e, na visão do entrevistado, a paisagem foi pouco alterada. Para o futuro, ele espera que a casa, assim como outras construções, seja preservada pela história que carrega e para não descaracterizar as origens do município.

Figura 72: Casa do Pastor Voges na atualidade.



Fonte: Trisch (2022).

Ao lado da casa do pastor, fica a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) (Figura 73), que territorialmente atende todo o vale do Rio Três Forquilhas, ainda que esteja localizada no centro do município de Itati.

Para E20, o fato de a edificação ser antiga e ter sido construída a partir de métodos da época²³ é o que a torna importante. E59 considera as lembranças das vivências na igreja como o ponto mais importante – inclusive, recordou de quando a comunidade de Três Pinheiros era levada no caminhão do Sr. Barroso para as celebrações no centro de Itati.

Para E59, “a igreja é como antigamente, só mudou a construção”. E20 também relatou sua vivência comunitária: “Batizei meus filhos, fui padrinho, festeiro da Colheita²⁴ e do Kerb²⁵”, além de ressaltar a ajuda prestada à comunidade e a participação nos bailes.

²³ Pelos registros históricos a nave menor teria sido construída primeiro, em pedra de cantaria e depois ampliada em alvenaria, momento no qual também foi anexada a torre em 1937.

²⁴ A Festa da Colheita é uma festa tradicional da comunidade, que acontece anualmente, na qual são levados produtos agrícolas para serem expostos e abençoados. A programação geralmente conta com culto festivo, almoço e baile.

²⁵ A festa do Kerb é uma comemoração da cultura alemã, também anual, realizada duas semanas após a Páscoa. A festa tem programação semelhante à da colheita, com culto festivo, almoço e baile, mas conta com atividades como o Sorteio do Mastro e a Procura da Garrafa, que vem desde a época da imigração.

Figura 73: Fachada da Igreja IECLB.



Fonte: Trisch (2021).

O Porto Alágio, sede do município de Três Forquilhas, tem a origem de seu nome no antigo porto da colônia alemã (Figura 74), de propriedade da família Alágio, que permitia a comunicação com outras colônias e a capital.

Figura 74: Local do antigo porto, que deu nome à localidade.



Fonte: Trisch (2022).

Segundo os entrevistados, o bairro (Figura 75) é importante pela oferta de comércios e serviços (mercados, farmácia, posto de saúde, etc.) a outras localidades. Também se lembram da existência do porto e de olarias no passado.

Figura 75: Centro de Três Forquilhas, conhecido como Porto Alágio.



Fonte: Trisch (2022).

Outro elemento de paisagem importante foi a Casa de Pedra (Figura 76), que está situada na localidade de Costa do Morro e foi citada por E02 e E29. Para E02, a Casa de Pedra tem importância histórica, enquanto paisagem e memória. Segundo ele, a casa foi centro religioso, casa de baile e senzala. Destaca ainda a relação paisagística entre a casa e o Rio Três Forquilhas, ao fundo. E29 lembra-se de brincar na Casa de Pedra durante a infância, mas desconhece seu estado atual.

Figura 76: Casa de Pedra no passado.



Fonte: Ely (1999c).

Segundo E02, atualmente ela está depredada e escondida atrás de outras construções. Os proprietários atuais, inclusive, não têm interesse de que as pessoas tenham acesso à edificação.

Na opinião de E02, a casa deveria ser preservada por guardar memórias, principalmente da comunidade da Costa do Morro. Tal opinião que é compartilhada por E29, que comenta: “Porque é bonito e pelo tempo, feita no tempo dos escravos”.

5.2.5 Outras paisagens citadas

Também foram lembradas pelos entrevistados, porém com número de citações inferior a três (5%), as seguintes paisagens e elementos: 1) relacionadas aos corpos d’água – Cachoeira Seca, Cascata do Falecido Abel, grotas do Morro do Boi, lajes do Gilvan e Mata Fome; 2) relacionadas aos vales – Matinho da Linha Bernardes, Matas Nativas²⁶, Bairro Arroio Carvalho, Bairro Boa União, Vila São Sebastião, bairros Olaria e Serraria, abacaxis, bananais, Chapada dos Witt, Chapada do Simonetti, açudes do Sr. Rogério Bobsin, jardins, araucárias da Skyline, eucaliptos do Dolfo Quadros, Morro do Perau, Morro dos Prusch, Morro do falecido Alfredo e pomar da entrevistada E39; e 3) relacionadas à paisagem urbana – casas em enxaimel, Escola Estadual Básica Guilherme Schmitt, Olaria do Estado e Sítio Bruschi.

5.3 PAISAGENS: O REGISTRO HISTÓRICO E O RELATO

Ao correlacionar as atividades descritas pelos entrevistados nas paisagens citadas, principalmente aquelas associadas à produção agrícola, com o levantamento histórico feito no Capítulo 3, é possível perceber que a paisagem geral do vale foi construída historicamente a partir da distribuição das terras para os colonos alemães. Os lotes, que se estendiam desde as estradas às margens do Rio Três Forquilhas até o topo dos morros, eram frequentemente atingidos por inundações nas áreas baixas. Assim, os colonos se instalaram nas partes mais elevadas do vale (chapadas), onde retiraram a vegetação nativa para estabelecer suas residências, plantações e criações de animais.

²⁶ Assim chamadas pelos entrevistados as áreas de vegetação mais densa espalhadas por todo o território.

Além disso, confirmou-se a informação dada por Ely (2021) e Vieira (2007) de que apenas a partir da década de 1970 as áreas de planícies foram ocupadas por moradias. Ely (2021) atribui essa mudança aos métodos de cultivo dos japoneses, enquanto Vieira (2007) considera tal alteração como consequência do maior acesso à infraestrutura em áreas mais baixas – esta última interpretação foi confirmada por um dos entrevistados, ao se referir aos poteiros. E37 relatou que os moradores vieram para as várzeas na última década, e que o gado passou a ocupar as invernadas. Outro entrevistado (E33) relatou que, na época, foram abertos valos para drenar as áreas de banhados que existiam nas várzeas do rio, a fim de possibilitar o plantio nessas terras.

Reforçada por meio da criação das Unidades de Conservação descritas no Capítulo 3, a questão ambiental se revelou um novo marco no reflorestamento das áreas mais altas nas últimas duas décadas, conforme as unidades de paisagem descritas por Vieira (2007). Esse fato também foi confirmado nas falas dos entrevistados, que relataram o êxodo da população das áreas conhecidas como “fundos” da Pedra Branca, da Limeira, da Bananeira e outras, desde a proibição das queimadas para a “limpeza” do terreno para o plantio.

Além de ter sido determinante para a divisão de terras dos colonos alemães, durante algum tempo o rio foi a principal rota de comunicação e transporte para os moradores do vale, assim como a fonte de água para a realização das tarefas do dia a dia. Além da pesca, o rio garantia a fertilidade dos solos da planície.

A pesquisa mostra que a importância do rio se mantém no presente, passados quase 200 anos da ocupação do vale pelos colonos. O rio ainda é utilizado para abastecimento de água, lazer, entre outros usos. Em relação ao futuro do curso d'água, os entrevistados revelaram preocupação quanto à poluição, diminuição do volume das águas, redução da diversidade de espécies e da quantidade de peixes, entre outras.

Alguns elementos que compõem a paisagem do rio também foram citados separadamente pelos entrevistados, como as barragens e o Rio Depósito.

Ainda que o Rio Três Forquilhas tenha sido o eixo principal da colonização do vale, sua travessia era feita inicialmente nos denominados “passos” – pontos onde o nível das águas era mais baixo. A construção das barragens facilitou o

acesso, uma vez que era quase impossível transpor o rio durante as cheias. Assim, as barragens se tornaram elementos importantes na paisagem do cotidiano dos moradores.

As alusões ao Rio Depósito consideraram mais relevante seu uso atual, como local de lazer para banhos e piqueniques, do que seu contexto histórico – antigamente, era a principal entrada de mercadorias para o vale. Um dos entrevistados mencionou que ali passavam os navios, mas não foi possível ter certeza se o ponto coincide exatamente com o Depósito dos Alemães, apontado no levantamento histórico.

A Ponte Pênsil poderia ser tratada como elemento paisagístico do rio, mas os entrevistados se referiram a ela dentro de outro contexto de paisagem, mais relacionado ao seu entorno imediato. Apesar de não ser citada no levantamento histórico, os relatos dos moradores possibilitaram identificar que o local onde se situa foi um dos principais pontos de ligação entre as duas margens do rio, a partir da instalação da sede da colônia alemã no local correspondente ao atual centro de Itati, em 1852.

Ainda que tenha sido de fundamental importância no passado, o Porto Alágio foi pouco referido nas entrevistas como elemento da paisagem do rio – na maior parte, por moradores das áreas próximas ao local onde se situava, restando apenas como paisagem do passado na memória dos mais velhos.

Outros elementos da paisagem do passado citados pelos entrevistados foram as olarias, que exportavam sua produção através do referido porto e retiravam barro das proximidades da foz do Rio Três Forquilhas, entre outros locais. Na economia da época, essa atividade se destacava pela geração de empregos e pelo acesso que garantia aos moradores do vale a materiais de construção, como tijolos e telhas.

As furnas indígenas foram mencionadas pelos entrevistados principalmente por sua importância histórica, pois foram utilizadas para habitação pelos povos originários – fato confirmado na pesquisa bibliográfica do Capítulo 3.

Apesar de ser um elemento natural da paisagem, a Figueira Centenária faz parte do sítio homônimo. O Sítio da Figueira teve papel importante na história

do vale, pois foi a primeira sede da colonização alemã, assim como o ponto de referência para a chegada dos japoneses, que até hoje moram em áreas próximas. No entanto, para os entrevistados, a importância do local foi relacionada à exuberância da árvore e às lembranças de infância de uma das entrevistadas. O único aspecto histórico citado sobre o sítio foi a presença do busto do herói de guerra João Niederauer Sobrinho, que participou da Guerra do Paraguai.

Algumas outras construções que guardam registros históricos, como a Casa do Pastor Voges e outras em enxaimel, a Igreja IECLB, entre outras, foram citadas por menos de 5% dos entrevistados. No entanto, isso pode ser compreendido a partir da noção de paisagem dos interlocutores, que na maioria das vezes não considera os elementos construídos pela ação humana.

No levantamento histórico, verificou-se que havia grande expectativa quanto à construção da Rota do Sol (antiga Serra do Pinto), pois os moradores e as autoridades da época acreditavam que facilitaria o escoamento da produção e o acesso a produtos e serviços para os habitantes do vale do Rio Três Forquilhas. Por meio dos relatos, foi possível verificar que a estrada se constituiu corredor de integração entre o Planalto Meridional e a Planície Costeira, possibilitando maior fluxo de pessoas e produtos. Também se tornou uma alternativa para desenvolvimento de atividades turísticas no vale com suas paisagens, compostas por elementos naturais, como as escarpas, e construídos, como os túneis e viadutos.

5.4 PAISAGENS DO PRESENTE

A alternativa de desenvolvimento gerada pela construção da rodovia propiciou a criação do Mirador Restaurante e Café, também citado entre as paisagens mais significativas. Uma vez que foi construído na última década, após a conclusão do asfaltamento da Rota do Sol, não se encontram relatos históricos do local.

A Cascata da Pedra Branca não apareceu nos levantamentos históricos, mas foi a segunda paisagem mais citada entre os entrevistados. Conforme os relatos, o acesso à área foi construído em 1990, o que justifica sua ausência dos

registros mais antigos. No entanto, a cascata é apresentada pelos interlocutores como um ponto muito relevante na atualidade, pela sua função turística. O caminho para a cascata se tornou ponto de serviços, como hospedagem e restaurantes, dado o fluxo de pessoas que chegam ao vale para visitá-la.

Assim como a cascata, a Chapada dos Vagalumes, a Chapada dos Valin, a Chapada do Sr. Neca e a Cascata de Três Pinheiros têm sido exploradas turisticamente na última década, o que coincide com a instalação dos sítios de lazer identificados por Vieira (2007), acompanhando movimento geral de busca por ambientes naturais por parte dos moradores de grandes centros urbanos.

5.5 A MARCA E A MATRIZ

Ao refletir sobre o trabalho de Vieira (2007), verifica-se que a matriz se manteve, tendo se destacado a estrada (Rota do Sol) pelo seu papel de conexão com outras partes dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina; o Rio Três Forquilhas, como fonte de água para as diversas atividades que ali se desenvolveram desde os tempos da colonização; a vegetação e a terra enquanto mercadoria, compondo a estrutura do que neste trabalho chamamos de paisagem dos vales, intercalando sua localização na área de estudo – a parte alta era caracterizada pela terra enquanto mercadoria, e hoje é ocupada pela vegetação que Vieira (2007) havia percebido estar em processo de regeneração.

Enquanto marca a autora identificou as produções da agricultura familiar, “terra da cachaça, do açúcar mascavo, da banana, do tomate, das flores, do abacaxi e também do arroz” (VIEIRA, 2007). Os bananais e os abacaxis apareceram ainda enquanto elementos em meio aos relatos. No entanto, as entrevistas não chegaram a esse nível de detalhamento dos cultivos. Para o futuro, a autora colocou que seriam marcas também “a da Rota do Sol, da Mata Atlântica, das Unidades de Conservação, da fauna e da flora ameaçadas de extinção” (VIEIRA,2007). A Rota do Sol teve seu reconhecimento enquanto marca da paisagem, assim como a Mata Atlântica nos relatos sobre a REBIO Mata Paludosa e a regeneração da mata nos morros. No entanto, não se pode afirmar que a flora e a fauna foram reconhecidas pelos entrevistados como marca.

Às marcas identificadas pela referida autora, pode-se acrescentar a atividade turística, desenvolvida em muitas das paisagens de referência citadas pelos entrevistados, que refletiu nas diretrizes propostas no Capítulo 6.

6 DAS DIRETRIZES PARA O FUTURO DAS PAISAGENS

A partir das respostas para a questão sobre o futuro das paisagens e do levantamento histórico feito no Capítulo 3, e baseada nos princípios dados pela Carta Brasileira da Paisagem (ABAP, 2010), foi possível traçar algumas diretrizes, que auxiliarão na sua conservação/preservação – algo que era desejo da maioria dos entrevistados.

Desta forma, propõe-se a elaboração de políticas públicas, que incluam os três municípios: Itati, Três Forquilhas e Terra de Areia. Tal iniciativa pode ser concretizada por meio de um consórcio, que compreenda todo o vale do Rio Três Forquilhas, no qual sejam consideradas as paisagens de referência para os moradores, assegurando seu direito à paisagem e considerando que, apesar de administrativamente dividido, trata-se de um único sistema paisagístico ao longo do curso d'água – assim, é atendido o princípio “da necessidade da visão integrada para os projetos e políticas governamentais” (ABAP, 2010).

Conforme proposto na Carta Brasileira da Paisagem, tais políticas devem estabelecer a obrigatoriedade dos estudos de paisagem na implantação de planos, programas e projetos, por meio de legislações municipais, que considerem as peculiaridades das paisagens do vale e seus ecossistemas, identificando as áreas sensíveis e as prioritárias para conservação, apresentadas tanto no estudo de Vieira (2007), quanto na fala dos moradores.

Devem ser reconhecidos os elementos das paisagens de referência, identificados como lugares pelos entrevistados, “respeitando os valores éticos, estéticos, ambientais, ecológicos, econômicos e culturais da paisagem” (ABAP, 2010), em sua relação com essas comunidades.

É importante vislumbrar a paisagem como potencial econômico, enquanto “meio possibilitador de inúmeras atividades humanas que dela dependem para sua sobrevivência” (ABAP, 2010). Deve-se considerar as atividades exercidas pelas comunidades como parte da paisagem local, desenvolvendo novas práticas que possam ser realizadas conforme seu potencial paisagístico. Nesse caso, é possível estabelecer regras que possam compatibilizar a prática agrícola e a conservação ambiental, um dos pontos de grande conflito apontados pelos entrevistados. As políticas públicas devem estabelecer critérios para a

implementação das atividades rurais, visando a continuidade da produção, sem descaracterizar as paisagens de referência. Tal iniciativa deve se basear em mapeamento de áreas prioritárias de conservação/preservação ambiental e zoneamento do cultivo no interior do vale, a fim de que as atividades possam coexistir, evitando danos às paisagens do vale.

Com relação ao planejamento de novas atividades, é possível propor a criação de um ou mais roteiros turísticos, que incorporem as paisagens de referência dos moradores, conforme foi indicado durante as entrevistas. Iniciaria em algum ponto na Lagoa Itapeva e, por via fluvial, subiria o Rio Três Forquilhas até o local do antigo Porto Alágio – hoje sem utilização – visualizando durante o percurso as figueiras das margens dos corpos d'água e a Chapada dos Valin.

Neste local, o visitante poderia escolher entre opções voltadas ao turismo de natureza ou turismo cultural. No primeiro caso, o turista poderia seguir de carro até a Cascata da Pedra Branca e sua piscina de borda infinita, passando pelos bairros Boa União e Vila São Sebastião. Depois, desceria pela Rota do Sol, a partir do Posto Limeira, e visitaria a Chapada dos Vagalumes ou a Cascata do Três Pinheiros, podendo fazer pausa para comer em uma das tendas coloniais disponíveis ao longo da Rota do Sol. Outra alternativa seria subir pela Rota do Sol em direção ao Mirador Restaurante e Café para visualizar as encostas e as obras de engenharia da rodovia. Ambas as opções poderiam incluir atividades de turismo de aventura, como a tirolesa de bicicleta, localizada no Mirador, ou o rapel realizado por alguns guias na cascata da Chapada dos Vagalumes.

Como rota de turismo cultural, o visitante poderia seguir de carro – ou, talvez, um pequeno trecho em carro de boi ou a cavalo – até a Ponte da Integração e visitar o Sítio da Figueira, a Ponte Pênsil e outras construções históricas. Também poderia degustar um café colonial típico do vale em um dos cafés ou tendas disponíveis na área.

Um dos objetivos da política pública deve ser valorizar os sítios históricos como parte da paisagem e da memória dos moradores. Através de levantamento e de legislação específica de tombamento, realiza-se a patrimonialização e manutenção desses locais. Sugere-se também a criação de um museu e arquivo histórico, que reúnam e exponham utensílios, registros e outros elementos

históricos do vale, contribuindo para a continuidade da memória local, e que poderiam compor o roteiro de turismo cultural.

Além disso, conforme proposto pelos entrevistados, é preciso que se invista na instalação de equipamentos de infraestrutura nas proximidades dos pontos com vocação turística, como banheiros e acessibilidade para o desenvolvimento da atividade.

Por fim, é necessário que sejam feitos estudos específicos sobre os impactos que as atividades turísticas e a especulação imobiliária, que vêm se desenvolvendo mais recentemente no vale do Rio Três Forquilhas, terão sobre as paisagens no futuro, e que políticas deverão ser traçadas para a conservação/preservação das paisagens de referência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto ao cumprimento de seus objetivos, a pesquisa conseguiu responder ao questionamento principal, que buscava definir as paisagens importantes para os moradores do vale do Rio Três Forquilhas. Mostrou as formas, as funções, as estruturas e as dinâmicas das paisagens de referência, por meio dos relatos e do levantamento histórico, dando suporte às diretrizes para o planejamento turístico.

Com relação ao trabalho de Vieira (2007), a pesquisa avançou ao classificar as paisagens não por suas características geomorfológicas, mas de acordo com as funções dadas pelos entrevistados. Enquanto o objetivo de Vieira (2007) era qualificar as paisagens da REBIO Mata Paludosa e seu entorno para embasar o plano de manejo da unidade de conservação, o objetivo desta pesquisa se concentrou mais na percepção das pessoas sobre as paisagens e menos nas características físicas e biológicas.

O tempo para a execução do trabalho e a dimensão dos dados, considerando o número de entrevistas que visaram abranger toda a área de estudo, tornaram inviável algumas análises que poderiam ser extraídas a partir das informações coletadas. Há muito material sobre as vivências dos entrevistados em suas percepções de paisagem, e o trabalho poderia ainda analisar essas relações. No entanto, tal demanda não fez parte do escopo inicial.

A partir das pretensões de futuro dos entrevistados na última questão da entrevista, foi possível estabelecer diretrizes para algumas das paisagens citadas. No entanto, a pergunta poderia ter sido feita para cada uma das paisagens citadas, aumentando a quantidade e a qualidade das informações, mas trazendo mais possibilidades na elaboração das diretrizes.

A valoração das paisagens por meio de notas atribuídas pelos entrevistados foi um procedimento irrelevante nesta pesquisa, uma vez que o número de citações de cada paisagem se mostrou suficiente na análise dos resultados. Isso se explica pelo fato de não haver clareza na distinção entre as noções de paisagem e elemento de paisagem por parte dos entrevistados, pois as notas que deveriam ser dos elementos foram atribuídas às paisagens. No

entanto, não houve prejuízo ao trabalho, pois o objetivo era identificar as paisagens, e não especificamente seus elementos.

Entre as percepções sobre os dados analisados e a execução do trabalho, destaca-se que, ao longo das entrevistas, foi possível identificar que os moradores, além de reconhecer paisagens mais abrangentes, sempre citavam paisagens perto das suas casas. Diante disso, verifica-se a importância do fato de as entrevistas terem se estendido por todo o território.

Muitos dos entrevistados se sentiram incapazes de responder os questionamentos, subestimando sua capacidade de reconhecer o entorno, além de inseguros sobre as respostas que haviam dado. Todavia, apenas uma pessoa não soube responder as questões.

Também teria sido interessante ilustrar o trabalho a partir de imagens dos entrevistados, como sugeria o escopo da entrevista. No entanto, as pessoas não tinham muitas fotos antigas. Segundo elas, era muito difícil o acesso a câmeras na época e, quando o fotógrafo vinha até a comunidade, as fotografias eram tiradas apenas das pessoas, nas datas especiais. A utilização de fotos obtidas pelos entrevistados revelaria o olhar deles sobre a paisagem, que poderia enriquecer ainda mais a pesquisa.

Os entrevistados mostraram preocupação com o baixo volume hídrico, a falta de peixes, o uso de redes de pesca e de agrotóxicos. Também ressaltaram que a conservação do rio é fundamental para a manutenção do vale. Quando indagados sobre o futuro das paisagens citadas, os entrevistados mostraram grande preocupação com a conservação/preservação ambiental e da história local, manifestando a necessidade de que as novas gerações tenham conhecimento sobre as memórias que puderam compartilhar – algo que também era questionado pela autora no início da pesquisa.

As paisagens consideradas com maior potencial turístico são conhecidas mais recentemente, como as cascatas, o restaurante Mirador e as chapadas. Por outro lado, o contexto histórico das paisagens urbanas e seus elementos foi pouco citado pelos entrevistados.

Ao final deste trabalho, é importante destacar que foi possível “ver”, através do olhar dos entrevistados e dos registros históricos, o processo de

construção da paisagem do vale. Assim, ressalta-se a necessidade de entender a história a partir da paisagem e a paisagem a partir da história, reafirmando a perspectiva deste trabalho de que a paisagem é uma construção constante entre elementos da natureza e da sociedade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAP. **A Carta Brasileira da Paisagem**. 2010. Disponível em: [https://www.caubr.gov.br/anexos/noticias/CARTA_BRASILEIRA_DA_PAISAGE M.pdf](https://www.caubr.gov.br/anexos/noticias/CARTA_BRASILEIRA_DA_PAISAGE_M.pdf). Acesso em: 28 set. 2021.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. De Santo Antônio da Patrulha a Torres Relações Litorâneas (1809-1857). In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; QUADROS, Terezinha Conceição de Borba; BROCCA, Maria Roseli Brovedan (org.). **Raízes de Torres**. Porto Alegre: Est, 1996. p. 69-84.

_____. Os Alemães em Santo Antônio da Patrulha: As Colônias São Pedro e Três Forquilhas. In: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: Est, 1999. p. 180-191.

BAUER, Martins W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.

BERQUE, Augustin. Paisagem Marca e Paisagem Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 1998. p. 84-91.

ELY, Nilza Huyer. A Saga do Desenvolvimento Econômico do Vale do Rio Três Forquilhas. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; QUADROS, Terezinha Conceição de Borba; BROCCA, Maria Roseli Brovedan (org.). **Raízes de Torres**. Porto Alegre: Est, 1996. p. 93-98.

_____. A Influência do Rio na Integração do Vale Três Forquilhas. In: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: Est, 1999a. p. 178-179.

_____. **Vale do Três Forquilhas: Veredas, Vidas e Costumes**. Porto Alegre: Est, 1999b.

_____. **Terra de Areia: Marcas do Tempo**. Porto Alegre: Est, 1999c.

_____. **Vale do Três Forquilhas**. Litoral Norte/RS: História e Memória. São Leopoldo: Oikos, 2021.

LIPERT, Generi Maximo. **Terra de Areia: ideia, sonho e realidade**. Porto Alegre: Tchê!, 1991.

_____. A Trajetória da Emancipação. In: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: Est, 1999. p. 67-78.

MARTINS, L. B.; PAMPLONA, M. . Planejar a Ruralidade Um Estudo sobre a Valorização da Paisagem da Rota do Sol Itati/ RS, como Promotor de Turismo. In: **XIV Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil.**, 2018, Santa Maria, RS. ANAIS XIV ENEPEA SANTA MARIA 2018 ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL ESCALAS DA PAISAGEM - DOS FRAGMENTOS À RECONNECTIVIDADE. Cachoeira do Sul, RS: Campus de Cachoeira do Sul; Organização: Coordenadoria Acadêmica da UFSM-CS, 2018. v. 1. p. 1451-1466.

MATOS, Antônio Rodrigues de. História das Raízes de Três Pinheiros. In: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: Est, 1999. p. 96-100.

RAMBO, Pe. Balduino. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul: Ensaio de Monografia Natural**. 4ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2015.

RUSCHEL, Ruy Ruben. **Torres tem História**. Porto Alegre: EST, 2004.

SAINT – HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Editora Hucitec: São Paulo, 1988.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2014.

_____. **Espaço e Método**. 5ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2020.

SAUER, Carl O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 1998. p. 12-74.

SCHMITZ, Pe. Pedro Ignacio. Populações indígenas na região de Torres. In: WITT, Marcos A. (org.). **Fontes Litorâneas: Escritos sobre o Litoral Norte do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2012. p.23-30.

SIMMEL, George. A Filosofia da Paisagem. In: ROSA, José M. S.; MORÃO, Artur (ed.). **Textos Clássicos de Filosofia**. Covilhã: Lusosofia, 2009. p. 18. Traduzido por Artur Mourão.

TANAKA, Mariza. Imigração Japonesa no Vale do Três Forquilhas. In: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: Est, 1999. p. 267-269.

VERDUM, Roberto *et al.* **Paisagem: leituras, significados, transformações**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2012.

VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos. **A leitura da paisagem como instrumento para o plano de manejo: reserva estadual da mata paludosa - itati/rs**. 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. **A Valoração da Beleza Cênica da Paisagem do Bioma Pampa do Rio Grande do Sul: Proposição Conceitual e Metodológica**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, 2014. Disponível em: VIEIRA, Lucimar de F. dos S. et al. **Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa: olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem - Região Cuesta do Haedo**. Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2018.

VINUTO, Juliana. A AMOSTRAGEM EM BOLA DE NEVE NA PESQUISA QUALITATIVA: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-230, ago. 2014. Trimestral. Disponível em: file:///C:/Users/Luiza/Downloads/Texto+do+artigo-18568-1-10-20191002%20(1).pdf. Acesso em: 11 jun. 2022.

WEIMER, Ginter. A arquitetura da imigração germânica no Litoral Nordeste Rio-grandense. In: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: Est, 1999. p. 212-228.

WITT, Marcos Antônio. Os escravizados no Vale do Três Forquilhas. In: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: Est, 1999. p. 229-232.

APÊNDICE

APÊNDICE I

Tabela 1: Qualificação dos entrevistados.

E	LOCALIDADE	MUNICÍPIO	COR	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	DATA
1	ITATI	ITATI	BRANCO	69	MASC.	FUND. INCOMP.	AGRICULTOR APOSENTADO	03.12.21
2	COSTA DO MORRO	ITATI	BRANCO	37	MASC.	PÓS - GRADUADO	PROFESSOR DE HISTÓRIA	06.12.21
3	ITATI	ITATI	BRANCO	61	MASC.	MÉDIO COMP.	EMPRESÁRIO	07.12.21
4	COSTA DO MORRO	ITATI	BRANCO	74	FEM.	FUND. COMP.	SERVIDORA PÚBLICA APOSENTADA	07.12.21
5	ITATI	ITATI	AMARELO	61	FEM.	SUPERIOR COMP.	PROFESSORA	08.12.21
6	COSTA DO MORRO	ITATI	BRANCO	53	MASC.	MÉDIO COMP.	COMERCIANTE/ AGRICULTOR	08.12.21
7	OLARIA	TERRA DE AREIA	BRANCO	28	FEM.	SUPERIOR COMP.	BIÓLOGA	08.12.21
8	TRÊS PINHEIROS	ITATI	BRANCO	80	FEM.	FUND. INCOMP.	AGRICULTORA APOSENTADA	09.12.21
9	ARROIO CARVALHO	ITATI	BRANCO	67	MASC.	FUND. INCOMP.	COMERCIANTE	09.12.21
10	BOA UNIÃO	TRÊS FORQUILHAS	BRANCO	71	FEM.	FUND. INCOMP.	COMERCIANTE	10.12.21
11	RETIRO	TRÊS FORQUILHAS	BRANCO	54	FEM.	FUND. INCOMP.	AGRICULTORA	10.12.21
12	SÃO SEBASTIÃO	TRÊS FORQUILHAS	PRETO	49	MASC.	SUPERIOR COMP.	BIÓLOGO	10.12.21
13	VILA BREHM	TRÊS FORQUILHAS	BRANCO	68	FEM.	FUND. INCOMP.	APOSENTADA	11.12.21
14	SERRARIA	TERRA DE AREIA	INDÍGENA	78	FEM.	FUND. INCOMP.	APOSENTADA	11.12.21
15	SERRARIA	TERRA DE AREIA	BRANCO	63	FEM.	FUND. INCOMP.	APOSENTADA	13.12.21
16	SERRARIA	TERRA DE AREIA	INDÍGENA	48	FEM.	FUND. INCOMP.	DO LAR	13.12.21
17	SERRARIA	TERRA DE AREIA	PRETO	30	FEM.	MÉDIO COMP.	DO LAR	13.12.21
18	ITATI	ITATI	AMARELO	54	MASC.	SUPERIOR COMP.	AGRICULTOR	13.12.21
19	ITATI	ITATI	AMARELO	86	MASC.	MÉDIO COMP.	APOSENTADO	13.12.21
20	ARROIO DO PADRE	ITATI	BRANCO	60	MASC.	FUND. INCOMP.	LIDERANÇA LOCAL - AGRICULTOR	14.12.21
21	ARROIO DO PADRE	ITATI	BRANCO	51	MASC.	PÓS - GRADUADO	PROFESSOR DE HISTÓRIA	16.12.21
22	OLARIA	TERRA DE AREIA	PRETO	48	MASC.	FUND. INCOMP.	TRABALHADOR RURAL	19.02.22
23	OLARIA	TERRA DE AREIA	PRETO	25	FEM.	MÉDIO COMP.	DESEMPREGADA	19.02.22
24	OLARIA	TERRA DE AREIA	BRANCO	43	MASC.	SUPERIOR COMP.	PROFESSOR DE GEOGRAFIA	19.02.22
25	OLARIA	TERRA DE AREIA	BRANCO	46	FEM.	FUND. INCOMP.	DIARISTA	19.02.22
26	PORTO ALÁGIO	TRÊS FORQUILHAS	PARDO	52	FEM.	FUND. INCOMP.	INDUSTRIARIA	26.02.22
27	PORTO ALÁGIO	TRÊS FORQUILHAS	PARDO	74	MASC.	FUND. INCOMP.	PESCADOR APOSENTADO	26.02.22
28	SÃO SEBASTIÃO	TRÊS FORQUILHAS	PRETO	88	MASC.	FUND. INCOMP.	AGRICULTOR APOSENTADO	26.02.22
29	COSTA DO MORRO	ITATI	PRETO	51	FEM.	MÉDIO COMP.	EMPRESÁRIA	26.02.22
30	BOA UNIÃO	TRÊS FORQUILHAS	BRANCO	61	MASC.	MEDIO COMP.	PROFESSOR	28.02.22
31	TRÊS PINHEIROS	ITATI	BRANCO	55	FEM.	PÓS - GRADUADO	PROFESSORA APOSENTADA	28.02.22
32	CHAPADA DOS VALIN	TRÊS FORQUILHAS	BRANCO	43	FEM.	SUPERIOR COMP.	PROFESSORA	28.02.22
33	PORTO ALÁGIO	TRÊS FORQUILHAS	PARDO	55	MASC.	FUND. INCOMP.	CHAPEADOR	02.03.22
34	PORTO ALÁGIO	TRÊS FORQUILHAS	PARDO	73	FEM.	FUND. INCOMP.	AGRICULTORA APOSENTADA	02.03.22
35	COSTA DO MORRO	ITATI	PRETO	101	MASC.	FUND. INCOMP.	AGRICULTOR APOSENTADO	07.03.22
36	VILA SÃO SEBASTIÃO	TRÊS FORQUILHAS	BRANCO	87	MASC.	FUND. INCOMP.	AGRICULTOR APOSENTADO	09.03.22
37	TRÊS PINHEIROS	ITATI	PARDO	70	MASC.	MÉDIO COMP.	PROFESSOR APOSENTADO	10.03.22
38	COSTA DO MORRO	ITATI	PRETO	61	FEM.	SUPERIOR COMP.	PROFESSORA APOSENTADA	10.03.22
39	MORRO DO CHAPÉU	TRÊS FORQUILHAS	PRETO	71	FEM.	FUND. INCOMP.	AGRICULTORA APOSENTADA	11.03.22
40	MORRO DO CHAPÉU	TRÊS FORQUILHAS	PRETO	74	FEM.	FUND. INCOMP.	AGRICULTORA APOSENTADA	12.03.22
41	MORRO DO CHAPÉU	TRÊS FORQUILHAS	PRETO	51	FEM.	FUND. INCOMP.	TRABALHADORA RURAL	12.03.22
42	MORRO DO CHAPÉU	TRÊS FORQUILHAS	PRETO	76	FEM.	FUND. INCOMP.	AGRICULTOR APOSENTADO	12.03.22
43	MORRO DO CHAPÉU	TRÊS FORQUILHAS	PRETO	50	FEM.	FUND. INCOMP.	DO LAR	12.03.22
44	MORRO DO CHAPÉU	TRÊS FORQUILHAS	PRETO	53	MASC.	FUND. INCOMP.	DIARISTA COSTRUÇÃO CIVIL	12.03.22
45	LINHA BERNARDES	ITATI	BRANCO	55	FEM.	MÉDIO COMP.	AGRICULTORA	14.03.22
46	LINHA BERNARDES	ITATI	BRANCO	69	MASC.	FUND. INCOMP.	AGRICULTOR APOSENTADO	14.03.22
47	BOA UNIÃO	TRÊS FORQUILHAS	BRANCO	57	MASC.	SUPERIOR COMP.	PROFESSOR	15.03.22
48	TRÊS PINHEIROS	ITATI	BRANCO	67	MASC.	SUPERIOR COMP.	PROFESSOR	16.03.22
49	ITATI	ITATI	BRANCO	70	FEM.	SUPERIOR COMP.	PROFESSORA APOSENTADA	17.03.22
50	VILA BREHM	TRÊS FORQUILHAS	BRANCO	51	MASC.	MÉDIO COMP.	AGRICULTOR	17.03.22
51	TRÊS PINHEIROS	ITATI	BRANCO	88	FEM.	MÉDIO COMP.	PROFESSORA APOSENTADA	18.03.22
52	LINHA CARDOSO	TRÊS FORQUILHAS	BRANCO	53	MASC.	FUND. INCOMP.	AGRICULTOR	19.03.22
53	BANANEIRAS	ITATI	BRANCO	56	FEM.	MÉDIO COMP.	FUNCIONÁRIA PÚBLICA	19.03.22

54	BANANEIRAS	ITATI	BRANCO	56	FEM.	SUPERIOR COMP.	PROFESSORA APOSENTADA	19.03.22
55	BANANEIRAS	ITATI	BRANCO	80	MASC.	FUND. INCOMP.	APOSENTADO	19.03.22
56	TRÊS PINHEIROS	ITATI	BRANCO	84	FEM.	FUND. INCOMP.	AGRICULTORA APOSENTADA	26.03.22
57	TRÊS PINHEIROS	ITATI	BRANCO	61	MASC.	MÉDIO COMP.	AGRICULTOR APOSENTADO	27.03.22
58	BANANEIRAS	ITATI	BRANCO	36	MASC.	SUPERIOR COMP.	SERVIDOR PÚBLICO	28.03.22
59	TRÊS PINHEIROS	ITATI	BRANCO	91	MASC.	FUND. INCOMP.	APOSENTADO DO ESTADO	05.05.22
60	ITATI	ITATI	AMARELO	52	MASC.	SUPERIOR INCOMP.	MARCENEIRO	06.05.22

Fonte: TRISCH, 2022.

37. Banhados																					5										1									
38. Casa do Pastor Voges	5																														1									
39. Eucaliptos do Dolfo Quadros																							5								1									
40. Fundos da Limeira - Itaimbé Vermelho/ da Bananeira/ da Barra/ do Arroio do Pinto/ do Barreiro																															5	1								
41. Igreja do Porto Alágio																																5	1							
42. Mata Fome																																5	1							
43. Morro do Perau - Arroio do Padre																																	5	1						
44. Morro dos Prusch e Morro Quente																																	5	1						
45. Olaria do Estado																																	5	1						
46. Sítio Bruschi																																	5	1						
47. Abacaxis																																		4	1					
48. Bananais																																			4	1				
49. BR - 101																																				4	1			
50. Casas Enxaimel																																					4	1		
51. Fundo da Pedra Branca																																						4	1	
52. Grotas do Morro do Boi																																						4	1	
53. Matinho da Linha Bernardes																																						4	1	
54. Morro do Falecido Alfredo																																						4	1	
55. Cachoeira Seca																																						3	1	
56. Cascata do Falecido Abel																																						3	1	
57. Escola Guilherme Schmitt	3																																						3	1
58. Lajes do Gilvan																																							3	1
59. Pomar E39																																							3	1
60. Chapada do Simonetti																																							2	1

Fonte: TRISCH, 2022.

ANEXOS

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DINÂMICAS REGIONAIS E DESENVOLVIMENTO CAMPUS LITORAL NORTE

DISCENTE: LUIZA MARTINS TRISCH
ORIENTADOR: NEY FETT JR.
COORDINADORA: LUCIMAR DE FÁTIMA VIEIRA

QUESTIONÁRIO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO VALE DO RIO TRÊS FORQUILHAS A RESPEITO DA PAISAGEM²⁷

Questionário nº _____

Data: _____

Município: _____

Localidade: _____

1. ENTREVISTADO

Nome: _____

Atividade: _____

Sexo: () M () F

Etnia: () Preto () Branco () Amarelo

Idade: _____

() Pardo () Indígena

Escolaridade: _____

2. LUGAR E PAISAGEM

2.1 LOCALIZAÇÃO DO ENTREVISTADO:

- a) Referências Locais (entrevistado):
- b) Referências locais (carta topográfica):

2.2 CONJUNTO DA PAISAGEM (PRIMEIRA IMPRESSÃO)

- a) O que é paisagem?
- b) Podes identificar paisagens que sejam importantes para ti no Vale do Rio Três Forquilhas?

2.3 GRAU DE SATISFAÇÃO (FORMA E FUNCIONALIDADE)

²⁷ Questionário elaborado com base em trabalho de pesquisa realizado pelos pesquisadores Roberto Verdum e Lucimar de Fátima Vieira em relação a implantação dos aerogeradores no Rio Grande do Sul.

- a) Porque estas paisagens identificadas são marcantes para ti, isto é, quais as características ou as referências que as identificam como sendo importantes?
- b) Em relação aos aspectos marcantes das paisagens identificadas é possível dizer o que te agrada mais?

2.4 ELEMENTOS DA PAISAGEM (SEGUNDO NÍVEL DA PERCEPÇÃO)

- a) Nestes elementos da paisagem que te agradam é possível diferenciá-los em termos de satisfação, numa escala de 1 a 5?

3. TEMPO

3.1 TEMPO PASSADO

- a) Quais as atividades que foram desenvolvidas nessa paisagem, assim como a época?
- b) São atividades que alteram a paisagem? Estas alterações trouxeram maior ou menor grau de satisfação?
- c) Tens registos (fotos, pinturas, desenhos) destas paisagens do passado?

3.2 TEMPO PASSADO E PRESENTE

- a) Quais as atividades que são desenvolvidas nesta paisagem hoje?
- b) São atividades que alteram a paisagem? Estas alterações trazem maior ou menor grau de satisfação e, relação ao passado?
- c) Tens registos (fotos, pinturas, desenhos) destas paisagens atuais?

3.3 TEMPO PASSADO PRESENTE E FUTURO (PAISAGEM PERSPECTIVA)

- a) Quais destas paisagens você acha que deveriam ser preservadas? Por quê?